

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Artes
Bacharelado em Design

Contribuição do Design no compartilhamento de livros:

uma plataforma digital para
Biblioteca Itinerante

o o o o o o o o

Virna Varela Ferreira Medeiros de Oliveira

Natal - RN, 2018

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Artes
Bacharelado em Design

Contribuição do Design no compartilhamento de livros:

uma plataforma digital para
Biblioteca Itinerante

o o o o o o o o

Virna Varela Ferreira Medeiros de Oliveira

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito para a obtenção do título de Bacharel
em Design pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientadora: Elizabeth Romani

Natal - RN, 2018

Agradecimentos

À minha orientadora Elizabeth, pela paciência, persistência e pela bagagem de conhecimento.

A Raimundo, pela oportunidade de conhecer o projeto e poder contribuir com o crescimento dele. Por todo o tempo e material disponibilizado.

A André Grilo, pelas infinitas referências e disposição em ajudar.

A Raiana, pelos conselhos e por oferecer seu ombro amigo sempre que precisei desabafar sobre os meus desesperos de fim de curso.

A Lilly, pelos clubes de TCC e pela ajuda no processo final.

A todos aqueles que ajudaram a responder os questionários e testar os protótipos.

E a todos os meus amigos que compreenderam minha ausência.

Resumo

Este trabalho propõe a criação de mecanismos para a promoção do serviço de troca de livros “Biblioteca Itinerante”, da UFRN, por meio da criação da plataforma digital e peças gráficas. Além disso, discute-se a conscientização sobre consumo compartilhado fundamentado por Vasques (2015). Por esse motivo, foi realizada uma breve revisão bibliográfica abordando o livro, o uso compartilhado e o design de interação. A metodologia proposta por Garrett (2010) foi utilizada como eixo estruturador para o projeto, sendo realizada algumas adaptações das ferramentas para melhor atender ao escopo e ao tempo do projeto. O desenvolvimento compreendeu a coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas e de questionários, a validação da estrutura e dos protótipos com o público-alvo e a criação de peças gráfica. Por fim, os resultados alcançados compreendem a página inicial, de cadastramento e atualização do livro, página individual do livro e algumas peças como etiqueta, marca-página e cartaz.

Palavras-chave: livro; uso compartilhado; design de interação; design de serviço

Abstract

This paper aims to create mechanisms to promote a book exchange service “Biblioteca Itinerante”, at UFRN, through creating a digital platform and the graphic material. In addition, we discuss the awareness of shared consumption based on Vasques (2015). For this reason, a brief bibliographic review was carried out addressing the book, shared use and interaction design. The methodology proposed by Garrett (2010) was used as a structuring axis for the project, some adaptations of the tools being made to better meet the scope and time of the project. The development included data collection through semi-structured interviews and questionnaires, validation of the structure and prototypes with the target audience and the creation of graphic material. Finally, the results achieved include the home page, registration and book update, page of the book and certain pieces such as tag, bookmark and poster.

Keywords: book; shared use; interaction design; service design

Lista de figuras

Figura 1 – Projeto biccletar da Unimed	32
Figura 2 – Projeto de compartilhamentos de bicicleta Itaú	32
Figura 3 – Tutorial de doação de livros Geladeiroteca	35
Figura 4 – Avatar da Geladeiroteca	36
Figura 5 – Crianças selecionando seus livros no ambiente de convivência.	36
Figura 6 – Ambientação do projeto da parada do circular UFRN	36
Figura 7 – Logo Casa das palavras	37
Figura 8 – Cartaz do projeto Casa das palavras	38
Figura 9 – Minibiblioteca do projeto Casa das Palavras	38
Figura 10 – Logo do Sebo desaparego	39
Figura 11 – Mostra de extensão da Biblioteca Itinerante em 2013	39
Figura 12 – Visita à Little Free Library, São Miguel do Gostoso	40
Figura 13 – Captura da tela inicial do BookCrossing	41
Figura 14 – Captura da tela de cadastro do livro do BookCrossing	42
Figura 15 – Captura da tela do perfil do usuário do Skoob	43
Figura 16 – Captura da tela da estante de livros do Skoob	43
Figura 17 – Captura da tela de troca do Skoob	44
Figura 18 – Captura da tela tutorial do Books on the Rail	45
Figura 19 – Etiqueta explicativa do projeto Books on the Rail	45
Figura 20 – Captura da tela inicial do BookMooch	46
Figura 21 – Quadro construído a partir da metodologia de Garrett (2010)	58
Figura 22 - Criação da persona	62
Figura 23 - Fluxo do serviço	67
Figura 25 - Card Sorting (participante 1)	68
Figura 26 - Card Sorting (participante 2)	69
Figura 27 - Wireframe, página Inicial	73
Figura 28 - Wireframe, página de cadastro do livro	74
Figura 29 - Wireframe, página de atualização do status	74
Figura 30 - Wireframe, página do livro	75
Figura 31 - Fonte Capriola Regular	76

Figura 32 - Fonte Roboto	76
Figura 33 - Lista de cores	77
Figura 34 - Ilustrações	78
Figura 35 - Inspiração da marca	79
Figura 36 - Construção do símbolo	79
Figura 37 - Apresentação simplificada da marca	79
Figura 38 - Protótipo final da página inicial	81
Figura 39 - Protótipo final do cadastro do livro	82
Figura 40 - Protótipo final da atualização do status (Passo 1)	82
Figura 41 - Protótipo final da atualização do status (Passo 2)	83
Figura 42 - Protótipo final da página do livro (Feedback)	84
Figura 43 - Protótipo final da página do livro (notificação por email)	85
Figura 44 - Protótipo final responsivo da página inicial	86
Figura 45 - Protótipo final responsivo do menu	86
Figura 46 - Etiqueta do livro (6x6cm)	87
Figura 47 - Etiqueta aplicada ao livro	88
Figura 48 - Marca-página	88
Figura 49 - Cartaz de divulgação	89

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Caracterização da pesquisa	58
Tabela 2 – Levantamento dos requisitos gerais	65

Lista de Quadros

Quadro 1 – Análise de similares	63
---------------------------------	----

Sumário

Introdução	9
1 Panorama do livro	12
1.1 Evolução histórica do livro	13
1.2 O livro no Brasil	16
1.3 O hábito de leitura	18
2 Leitura e compartilhamento	22
3 Uso compartilhado	26
3.1 Consumo e posse	27
3.2 Compartilhamento e sustentabilidade	29
3.3 Economia compartilhada	30
4 Levantamento de projetos de compartilhamento de livros	34
4.1 Projeto Geladeiroteca	35
4.2 Projeto Casa das Palavras	37
4.3 Sebo desaparego – Natal-RN	38
4.4 Biblioteca Itinerante	39
4.5 Plataformas digitais de compartilhamento de livros	41
5. Elaboração de Plataformas digitais	48
5.1 Design de interação	49
5.2 Usabilidade Visual	51
5.3 Elementos da Experiência do usuário	53
6 Concepção do projeto	57
6.1 Estratégia	58
6.2 Escopo	62
6.3 Estrutura da plataforma	68
6.4 Esqueleto	71
6.5 Superfície	76
Considerações finais	90
Referências Bibliográficas	91
Anexo	95
Apêndices	99

Introdução

O livro, em suas diversas fases e formatos, serviu como fonte informativa e recreativa, contribuindo para a propagação da informação durante o percurso da humanidade. Ele contém saberes, memórias, fragmentos da vida do leitor e contextos históricos e sociais associados ao momento da sua produção (COELHO, 2010). A leitura, imprescindível nos dias atuais, encontra grandes dificuldades em ser posta como hábito, seja por questões culturais, econômicas ou sociais. Freire (2003) entende a leitura da palavra como um processo posterior à leitura de mundo que pode ser criada e recriada por meio da conscientização do valor do ato de ler, auxiliando o leitor no processo de transformação social.

No campo do saber, o livro enquanto fonte de conhecimento, atinge seu potencial máximo quando lido e difundido. Para tanto, esse artefato pode ser compartilhado entre pessoas de interesses literários semelhantes. O uso compartilhado de livros é um caminho para a troca de conhecimento que busca eliminar barreiras de acessibilidade econômica e disseminar a produção literária.

Tendo em vista o caráter social, embasado na troca de conhecimento, o compartilhamento de livro incentivou a investigação da presente pesquisa. A partir da observação informal de que muitos títulos eram lidos somente uma única vez e depois se tornavam objetos sem uso nas prateleiras domésticas, posteriormente fundamentado por meio de entrevistas e questionários, buscou-se compreender como se poderia mudar tal costume e incentivar a troca.

O hábito de manter acervos em bibliotecas particulares encurta a vida útil dos livros e foge do propósito defendido por Ranganathan (2009), de que os livros foram feitos para serem lidos, portanto, livres. Outra motivação, deste trabalho, diz respeito à pouca discussão sobre compartilhamento na cidade e sua importância para a criação de redes de socialização, ambientes colaborativos e facilidade de acesso a produtos como os livros. Segundo Vasques (2015), os serviços de compartilhamento modificam a forma como entendemos e vivenciamos as relações sociais e de consumo e, portanto, tem a capacidade de transformar o ambiente em que vivemos.

Na cidade de Natal, observou-se uma carência deste tipo de serviço. A iniciativa dos poucos projetos existentes, apesar de positiva, possui como característica predominante o caráter assistencialista. Notou-se também que as plataformas virtuais de compartilhamento eram escassas, assim vislumbrou-se que o designer poderia contribuir neste campo.

Durante a revisão bibliográfica, descobriu-se o projeto de extensão intitulado “Biblioteca Itinerante para troca de livros”, criado em 2012, e ainda em execução, a partir do acervo pessoal do idealizador, Raimundo Muniz de Oliveira, servidor da Biblioteca Central Zila Mamede. Tal projeto propõe troca de livros entre os indivíduos da comunidade, possuindo como proposta o intercâmbio e disseminação da informação, o que alinha com a pesquisa deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desta maneira, este projeto foi utilizado como objeto de estudo.

O objetivo do TCC é aperfeiçoar o serviço de troca de livros, partindo da análise dos problemas e dos resultados encontrados no projeto “Biblioteca Itinerante para troca de livros”. São objetivos secundários: (1) o desenvolvimento de uma plataforma digital para auxiliar o processo de troca; (2) incentivar a doação de livros; (3) divulgar o projeto; e, (4) fomentar o debate sobre serviços de compartilhamento.

10 Este trabalho apresenta uma breve revisão bibliográfica que versam sobre os assuntos debatidos com o intuito de construir a fundamentação teórica necessária para o desenvolvimento da proposta final. Para tal propósito foram utilizados, principalmente, autores que tratam da história do livro e do design de serviços, a exemplo: Lyons (2011), Chartier (1998), Hallewell (2005), Perrotti (1990), Ranganathan (2009), Freire (2003), Belk (1988, 2007, 2014) e Vasques (2015). Bem como autores que tratam de design de interação, a saber: Preece, Rogers e Sharp (2013), Nielsen (2007) e Garrett (2010).

O referencial teórico presente neste TCC está dividido em cinco capítulos. O primeiro apresenta a pesquisa sobre a definição do livro e sua trajetória até os dias atuais, com um enfoque no crescimento editorial no Brasil. Também são abordadas questões como hábitos de leitura e seu papel na educação.

O capítulo seguinte se baseia nas leis da biblioteconomia, apresentadas por Ranganathan (2009), para fundamentar a importância da difusão da informação e os princípios que devem guiar a dinâmica do livro para seu aproveitamento máximo.

O terceiro capítulo se aprofunda no tema de design compartilhado, destacando o papel do consumo e da posse na construção do indivíduo, bem como os desafios do apego na idealização de uma sociedade alinhada aos preceitos de sustentabilidade e economia compartilhada.

O quarto capítulo incluem exemplos de uso compartilhado, alguns projetos para troca de livro na cidade de Natal, RN e plataformas digitais de compartilhamento ao redor do mundo com o intuito de listar o estado atual dos serviços.

E por fim, o capítulo cinco incluem princípios, conceitos e critérios necessários para o desenvolvimento e validação da plataforma digital e dos materiais gráficos.

01

Panorama do livro

.....

1 Panorama do livro

A dificuldade em definir o livro advém de sua capacidade de transformação ao longo de sua existência, que ultrapassa sua barreira física enquanto objeto e alcança o universo do digital. Para Escarpit (1976), o livro é um objeto impermanente por envolver duas variáveis: seu suporte físico em constante transfiguração e as mensagens nele contidas. Apesar da subjetividade ao definir o livro enquanto estrutura concreta, Borges (1987) afirma que dos vários objetos criados pelo ser humano, o livro é o único que não age como extensão de seu corpo, e sim como um alcance abstrato da sua imaginação. Desse modo, ao observar o processo de difusão de conhecimento, memórias e ideias utilizado pela humanidade no decurso do tempo, é possível entender a evolução do livro e especular sobre seu futuro.

1.1 Evolução histórica do livro

O livro passou por diversas fases e diferentes formatos para se tornar o que conhecemos hoje, informações dispostas em um conjunto encadernado de páginas impressas em papel ou em suporte eletrônico, que, por meio de diferentes técnicas e exploração de materiais, possibilitou novas maneiras de partilhar informações, em função de uma propagação mais econômica e eficiente do conhecimento. Outro fator importante durante a evolução do livro foi a necessidade de preservação dos conteúdos partilhados. “O livro – dentre os seus mais diversos formatos e suportes – provavelmente é um dos objetos de uso mais antigo e mais importante, na história da humanidade” (FARBIARZ; FARBIARZ, 2010a, p. 113-114). Para os autores, as estruturas utilizadas, rolos, in-fólios, códice e livros modernos possuem a função de dar suporte ao conhecimento, bem como organizar textos e garantir a preservação da memória para consultas posteriores. Também nesse tópico, Campos (1994) observa que as formas exploradas pelo livro na Antiguidade vão desde o suporte de argila, na Suméria, do pergaminho dos judeus, na Idade Média até o papel de trapos dos árabes na Europa, possivelmente candidatos à eternidade, pela dificuldade em prever a durabilidade dos artefatos devido a sua preservação. Uma amostra disso, relata Escarpit (1976), foi o uso do pergaminho durante o século IV, amplamente utilizado pelo

clérigo para conservação de documentos institucionais, destacando a necessidade do ser humano de partilhar ou preservar ao longo da história.

Além das mudanças em seu suporte físico, o sentido dado ao livro e sua relação com o leitor também mudou no decorrer de sua existência. Borges (1987) narra que, anteriormente ao livro sagrado, a antiguidade clássica via o livro apenas como um substituto da palavra oral, que, em virtude de sua característica efêmera, precisava de um suporte que atuasse na preservação do conteúdo. A importância do livro estava diretamente relacionada à importância da fala, da escrita e da leitura.

O valor do artefato aumenta quando ele passa a ser visto como um meio de comunicação para mensagens divinas. Segundo Borges (1987), o culto ao livro foi um conceito estabelecido no Oriente devido ao caráter sagrado de seu conteúdo. Esses textos agiram, portanto, como respostas às incertezas existenciais do ser humano, bem como um manual de comportamento diante dessas inseguranças. Chartier (1998) aponta que do período compreendido entre o final da Idade Média e início do século XIX, o livro era sempre representado nas artes à força das mensagens sagradas.

14

Ainda no contexto do fim da Idade Média, a difusão dos textos e o aumento subsequente do acesso à leitura se deram por meio do desenvolvimento da imprensa e os processos de industrialização do papel. A substituição dos escribas por equipamentos revolucionou o cenário editorial, o que acarretou no aumento de títulos. Segundo Belo (2002), a imprensa possibilitou a multiplicação do número de textos em circulação, a uniformização dos mesmos e a diminuição dos custos de produção, no entanto as tiragens dos livros e periódicos ainda possuíam produção moderada. Chartier (1998) aponta que a revolução de Gutenberg e sua influência nas práticas da escrita não geraram uma ruptura total na reprodução manual de textos, visto que a cultura do manuscrito sobreviveu até o século XVIII, principalmente para difusão de textos proibidos pelas instituições de poder. Após a metade do século XIX, observa-se o notável aumento nas tiragens e maior diversidade de títulos e gêneros oferecidos aos leitores.

A força da imprensa, de acordo com Campos (1994), foi essencial para a vitória da reforma religiosa contra a igreja católica, iniciada em 1517, momento em que se deu a difusão dos escritos de Lutero e propagandas reformistas. O barateamento dos custos de produção, a partir do desenvolvimento da imprensa, tornou os livros acessíveis àqueles que não possuíam título de nobreza. O autor cita três invenções do século XIX posteriormente

fundamentais para o crescimento dos livros e da indústria editorial durante esse período: prelo cilíndrico¹, que possibilitou o aumento das tiragens; papel de pasta de madeira² e linotipo³, que permitiu uma rápida composição tipográfica.

O livro, por seu caráter informacional e capacidade de agir como facilitador no processo de desenvolvimento intelectual, já foi alvo de intolerância e opressão durante o percurso de sua história. Chartier (1998) afirma que a escrita sempre foi associada aos gestos violentos dos poderes eclesiásticos que a reprimiam com perseguições e a fogueira, ameaçando o ideal das bibliotecas de preservação do patrimônio textual e da liberdade individual. Para Coelho (2010), essa ameaça acontece em função do caráter simbólico do livro associado ao acesso ao conhecimento e reflexões sobre a liberdade. Esse assunto, comumente tratado no cinema por meio de distopias, representam regimes totalitários contrários às ideologias difundidas pelo livro.

Apesar da interferência da Igreja e das dificuldades econômicas em expandir o acesso ao livro, a busca das massas pela leitura tende a influenciar os processos de distribuição. Lyons (2011) afirma que, mesmo com o aumento da produção e comercialização, os livros permaneceram caros, e no fim do século XIX, diversas empresas começaram a perceber o valor de agregar bibliotecas em seus locais de trabalho como um meio de garantir o acesso à informação aos seus empregados e proporcionar mecanismos de promoção em suas carreiras, sentidos de moralidade e cooperação.

A velocidade de produção foi um dos fatores essenciais para que o livro se tornasse mais acessível para a sociedade. Com os avanços tecnológicos do século XX, surgiram os livros digitais⁴, que vieram modificar a experiência de leitura com o advento dos suportes eletrônicos. Lyons (2011) observa que o crescimento dos livros digitais, também



1 Prelo cilíndrico foi inventada pelo alemão Friederich König e permitia ao papel ser pressionado por um rolo sobre a matriz por um rolo, possibilitando o aumento das tiragens.

2 Papel de pasta de madeira foi utilizado pelo alemão Friedrich Gotlieb Keller em função da escassez e encarecimento dos trapos.

3 Linotipo foi montada pelo alemão Otto Mergenthaler para compor tipos, permitindo mais rapidez que com a composição manual.

4 Livros disponibilizados eletronicamente nos formatos mais comuns: PDF, HTML e o ePUB.

conhecidos como *ebooks*, aconteceu de forma gradativa. Segundo o autor, o Google Books⁵ foi o responsável por lançar, em 2004, um projeto para digitalizar 15 milhões de livros mantidos nas bibliotecas a fim de disponibilizá-los para acesso público. Em 2008, os *ebooks* já representavam 2% da população de livros comercializados nos Estados Unidos, e no ano seguinte, foram comercializados quatro milhões de *ebooks*.

A partir da expansão do comércio de livros digitais, surge o sentimento de ameaça à estrutura do livro tradicional impresso e uma consequente inquietude diante do futuro do mesmo. O apego a sua estrutura tradicional está relacionada a diversos fatores simbólicos. Farbiarz e Farbiarz (2010a) aponta o livro como um marcador sócio-cultural capaz de conferir status a quem o carrega. Desse modo, o valor de carregar o livro impresso também está atrelado ao de ser proprietário de um conhecimento específico. Ao referir-se a tal assunto, Coelho (2010) afirma que os textos lidos eletronicamente podem ser considerados mais voláteis do que os impressos e dificultar a noção do número de páginas. Em contrapartida, Belo (2002) elenca os pontos positivos para a leitura dos livros digitais, são eles: facilidade na busca de um conteúdo específico (ferramentas de buscas) e acesso a conteúdos externos com eficiência (dicionários).

16

As transformações dos livros ocorrem para suprir as necessidades da sociedade em dado contexto social e histórico. Belo (2002) afirma que nos últimos anos, inúmeros textos e artigos foram disponibilizados na internet e que mesmo diante das incertezas do futuro do livro impresso, o formato digital apresenta novas formas de leitura. O autor considera precipitado anunciar a morte do volume impresso, visto que as mudanças ocorridas no passado não ameaçaram a sua existência presente. Assim, o livro impresso e digital coexistem partilhando de público e propósito diferentes.

1.2 O livro no Brasil

No Brasil, o contato com os livros se deu com a chegada dos colonizadores, trazidos pelos jesuítas em 1549. Contudo, a produção de impressos se iniciou apenas em 1808 com D. João VI e a implementação da editora Imprensa Régia (ROSA, 2009). Segundo a

• • • • •

⁵ Plataforma de armazenamento de livros digitais.

autora, nesta época, o contexto econômico-social permitia educação escolarizada apenas à camada dirigente, composta pela pequena nobreza e seus descendentes.

O desenvolvimento da produção editorial cresce a partir do investimento na educação. Rosa (2009) destaca que a criação dos cursos de Direito em São Paulo e Olinda, em 1827, foram fundamentais para o crescimento da atividade editorial com livrarias que funcionavam como editoras produzindo livros sob demanda. Diante do crescimento do mercado de professores e estudantes universitários, cabia à iniciativa privada explorar o setor editorial no fim do século XIX e início do século XX. A autora afirma que durante o Período Colonial, a publicação de livros era proibida, e os poucos livros que chegavam ao Brasil eram importados da Europa. O isolamento era estratégico em virtude do temor das mobilizações sociais.

O período pós-revolução de 1930 foi economicamente importante com as políticas voltadas para o mercado nacional e em 1955 foi criada a primeira editora universitária brasileira na Universidade Federal de Pernambuco (ROSA, 2009).

O avanço do mercado editorial se deu somente com a evolução do parque gráfico, consolidada na década de 1970, principalmente no segmento dos paradidáticos. Tal segmento do mercado ganha força em decorrência de lacunas de conteúdo encontradas nos livros didáticos, sendo uma maneira alternativa de ampliar o teor informativo. Hallewell (2005) relata que o *Guia das editoras brasileiras* (1980) registrou 481 editoras, destacando a criação de novas editoras neste período, a exemplo: Nórdica, Vozes, Nova Fronteira, Civilização Brasileira e Melhoramentos.

Apesar da quantidade de editoras que surgiram neste período, o maior símbolo do crescimento editorial foi representado pela editora Abril, impulsionada pelo lançamento de fascículos que atingiram um grande número de vendas. Segundo Hallewell (2005), os fascículos entraram nos lares brasileiros, devido ao reduzido custo de produção, uma vez que eram vendidos em partes, eliminando a despesa da encadernação por parte da editora. É neste período que cresce a cultura de encadernar os fascículos para decorar o ambiente doméstico, reforçando a ideia dos livros como objetos decorativos. Os fascículos geraram um modismo que foram acompanhados por outras editoras: Salvat, Três e Rio Gráfica (HALLEWELL, 2005).

É neste cenário que em 1971, “[...] a Editora Abril já era a terceira maior empresa editorial brasileira [...], apresentando um lucro de 28% sobre um capital de 42,5

milhões de cruzeiros” (HALLEWELL, 2005, p. 684). O autor explica que editoras de outros países também foram atraídas para o Brasil, principalmente, de origem espanhola e hispano-americana. Esse crescente interesse foi importante para o desenvolvimento de setores ainda carentes no mercado: livros técnicos e de especialização.

O investimento no setor editorial buscava formas de inovar. Uma das soluções para o desenvolvimento se deu por meio da popularização dos livros de bolso. Hallewell (2005) afirma que na época de sua criação, o número de editoras ainda era semelhante ao número de livrarias, cerca de 300 livrarias e 250 editoras, sendo assim as dificuldades de distribuição eram comuns. O livro de bolso apresentava menor custo de produção, o que condizia com a compreensão das necessidades do mercado, assim, o preço mais atrativo ao consumidor possibilitou o acesso aos livros. Este aspecto também é comentado por Chartier (1998), afirmando que livro de bolso deu uma nova forma a publicações precárias.

Assim como a evolução do mercado internacional, o Brasil também passou a investir no suporte digital. Serra (2014) afirma que diversas instituições investem bibliotecas digitais e acervos para periódicos, disponibilizando o conteúdo em novos suportes para mais uma possibilidades de acesso.

18

1.3 O hábito de leitura

As discussões levantadas sobre a importância do ato de ler levam em consideração os hábitos, sua função e a forma como ele é inserido na sociedade. Ler e interpretar o mundo independe da leitura da palavra, porém, o acesso à leitura se torna relevante na elaboração do pensamento crítico do leitor. Para Freire (2003), a leitura do mundo precede a leitura da palavra e é essencial para a compreensão dos conteúdos abordados nos livros.

A leitura passou a configurar uma necessidade nos ambientes educacionais visando adentrar cada vez mais os círculos da elite intelectual. Contudo, mesmo com a difusão da leitura e o crescente hábito de ler, as relações de alfabetização e leitura institucionalizada ainda dificultam a relação do leitor com o livro. Hallewell (2005) relata que muitos brasileiros deixavam de comprar livros por não saber o que ler além das obras sugeridas na escola cujos autores estavam negativamente relacionados aos tempos das obrigações escolares. O autor enfatiza que, em 1993, o número de livros lidos em um ano era muito baixo,

e que os motivos variavam entre falta de tempo, ausência de interesse, falta de paciência ou questões financeiras.

Hallewell (2005) demonstra um crescimento de leitores relativamente pequeno se comparado à população brasileira no período do expressivo desenvolvimento das editoras: “[...] entre cinco e seis por cento da população: ou seja, 4.350.000, em 1970, seis milhões em 1980 ou dez milhões no ano 2000” (HALLEWELL, p. 713). Apesar do baixo consumo de livros e ínfimo hábito de leitura estar constantemente associado ao analfabetismo, outros questionamentos podem ser levantados mediante os números mostrados. O autor descreve que, em 1970, uma quantidade muito pequena de jornais eram impressos para suprir a demanda da população brasileira, 3.393.000 exemplares por dia para 22.237.059 pessoas com 4 anos ou mais de escolaridade. Esse dado ilustra como o cidadão brasileiro, mesmo com acesso à alfabetização e estudo, não lia jornal diário, desse modo, conclui-se que o cenário não era relacionado apenas ao grau de escolaridade o das pessoas.

Um dos debates levantados sobre a dificuldade em estabelecer o hábito de leitura, mesmo com alfabetização e acesso a estudos, circulam acerca da facilidade de propagação das mídias orais, como por exemplo, filmes e séries. Farbiarz e Farbiarz (2010b) afirmam que o leitor atual é constantemente bombardeado por mídias de massa e seus apelos visuais, reproduzindo, em diversas situações, um comportamento violento em relação às obras em vez de avaliá-las de maneira consciente, o que dificulta a criação de um hábito de leitura. Para Coelho (2010), a oralidade é caracterizada como uma interação rápida, informal e que, muitas vezes, não possui obstáculos mediadores. O autor afirma que a oralidade é a primeira habilidade desenvolvida pelo ser humano, praticada por meio de um sistema linguístico utilizado desde a infância. Em contraste, situa a leitura e escrita como práticas que demandam anos de aprendizado e, por consequência, exigem mais atenção e esforço.

Em meados do século XIX, a leitura foi inserida dentro dos ambientes escolares e acadêmicos. Sob o discurso de agir como fator de transformação social, as instituições também a utilizavam para manipulação e adestramento. Perrotti (1990) indica que a preocupação com a leitura durante a fase infanto-juvenil foi desenvolvida após a Independência do Brasil, momento em que as autoridades perceberam a necessidade de inserir materiais de leitura na jornada escolar. Os clássicos da literatura, como por exemplo, Monteiro Lobato, foram inseridos como obras do currículo escolar e, em 1950, surgiu a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato, em São Paulo, com o acervo específico para atender à criança.

A prática de leitura se desenvolve enquanto responsabilidade da escola com intervenções da família e da igreja. Perrotti (1990) aponta que os livros passam a se popularizar no meio escolar, proporcionando acesso a pessoas que antes viviam à margem dos ambientes de leitura. Desse modo, a escola age como facilitadora na circulação de livros, bem como uma das responsáveis pela seleção dos materiais a serem lidos pelos alunos. Segundo o autor, o discurso escolar defende a leitura como elemento chave na eliminação do atraso social e, por consequência, é considerada principal agente no processo de civilização do país. O autor critica a visão da escola que enxerga a leitura como indispensável e, muitas vezes ignora as vivências sociais de cada indivíduo focando em processos operacionais em oposição a conteúdos essenciais do cotidiano. Assim como as escolas, a Igreja, a família e a biblioteca desenvolvem discursos que se contrapõem em função dos interesses regentes. Neste sentido, Chartier (1998) afirma que as práticas divergentes de leitura consideradas aconselháveis nos discursos das autoridades tendem a ser enfrentadas pela comunidade leitora que se distancia e emancipa à parte das ordens e das normas que não as inclui.

20

O hábito de leitura pode ser incentivado de maneira equivocada, à medida que envolve quantidade em detrimento da qualidade e explora conteúdos distantes da realidade de quem os lê. Freire (2003) acredita que os professores insistem em uma leitura baseada no número de livros e que essa compreensão tende a distanciar os alunos da real importância do ato de ler. Para o autor, a educação merece ser vista como um ato político que influencia na percepção de mundo e possibilita a formação do raciocínio crítico. Desse modo, a mecanização da leitura sem qualquer compreensão impede uma reflexão crítica.

Acreditar, nos dias atuais, que soluções atentas exclusivamente aos níveis operacionais das questões culturais possam conduzir a novo estado de coisas é fechar os olhos a uma realidade extremamente cambiante, que não se rende a fórmulas passadas. Na verdade, a formação de leitores em nossos dias exige bem mais que possuir ou ter escolas e bibliotecas em funcionamento (PERROTTI, 1990, p. 17).

Perrotti (1990) acredita que a escola tem o hábito de se colocar no patamar de fonte única do saber e que ideais romantizados da leitura, enquanto chave para os sonhos e segredos da humanidade, promessas de revelação e superação dos problemas, continuam enraizados na cultura escolar. Independente da leitura, o conhecimento sempre foi passado de geração para geração e “de ponto em ponto, histórias são contadas,

heranças são visitadas, avós aproximam-se de seus netos. crianças se aquecem do frio e são levadas a imaginar” (FARBIARZ; FARBIARZ, 2010b, p. 139). Perrotti (1998) acrescenta que as instituições responsáveis por disseminar a importância do ato de ler acabam por adquirir um discurso promocional da leitura enquanto solução para todos os problemas sociais e culturais, esquecendo de situá-la como ferramenta de aprimoramento social ou simples lazer.

Dentro do contexto de incentivo a leitura, foi criado Instituto Nacional do Livro, em 1937, responsável por estimular a produção editoras e os serviços bibliotecários por meio do discurso promocional. Perrotti (1990) destaca que grande parte das iniciativas se dava mediante práticas filantrópicas isoladas, que apesar de inicialmente modestas, evoluíram na década de 1970 para atividades mais competentes utilizando-se de práticas distributivas maiores. O autor demonstra que há, nesta época, preocupações com o crescimento editorial do país, estabelecendo políticas de cultura pelo Estado por meio do documento “Uma política integrada do livro para um país em processo de desenvolvimento” encomendados ao sindicato de editores de livros.

Perrotti (1990) analisa os boletins informativos da Fundação Nacional do Livro Infantil, em que se buscou medidas para encorajamento à escrita dos autores, com intuito de movimentar o mercado e incitar o hábito de leitura no país. Para o autor, as atividades de leitura tendem a isolar o contexto da criança de seu grupo social, retirando-a de seu quadro cultural de origem. Desse modo, a leitura, presa a contextos privatizantes, corre o risco de se esgotar em fins apenas práticos ligados à esfera da produção, em oposição ao seu vínculo com o mundo de liberdade e cultura.

Perrotti (1990) conclui questionando a relação das pessoas com a leitura. De acordo com o autor, as primeiras iniciativas para ressignificar o ato de ler seria remover a visão romantizada que a leitura possui e aproximá-la mais do cotidiano, reafirmando sua influência na qualidade de vida do indivíduo.

02

Leitura e
compartilhamento

o o o o o o o o

2 Leitura e compartilhamento

No Brasil, as variáveis que dificultam a relação das pessoas com a leitura vão além do acesso ao livro e envolvem obstáculos na alfabetização e na formação do hábito de ler. Lyons (2011) relata que a taxa de analfabetismo mundial é mais ou menos constante, em torno de 20%. O aumento populacional reflete então, proporcionalmente, no número de pessoas analfabetas no mundo. O processo de globalização tornou possível a digitalização, aumentou o acesso aos textos, e, conseqüentemente, o alcance a um maior número de obras. Ao considerar as variáveis de alfabetização no contexto social, é possível melhorar os índices que registram o hábito de leitura por meio do compartilhamento de livros, e criar condições favoráveis àqueles que estão à margem das práticas de leitura, seja por limitações econômicas ou educativas.

Na área da biblioteconomia, a cultura do compartilhamento está subjetivamente impressa nos preceitos que regem as práticas, organização e os modelos de leitura. As leis, descritas por Ranganathan (2009), constituem os cinco princípios para uma visão holística dos envolvidos nesse processo, desde o acesso aos livros à relação entre livro e leitor.

23

O livro antes de ser usado ou quando guardado não atinge todo seu potencial de aproveitamento. Sua existência é, muitas vezes, encerrada em uma estante particular com nenhuma ou apenas uma leitura. Borges (1987) reflete sobre o sentido atribuído ao livro e seu conteúdo: um cubo de papel e couro com folhas, que, apenas quando lido, ganha significado e atinge sua capacidade de transformação a cada página. Nesse contexto, a primeira lei, apresentada por Ranganathan (2009), afirma que os livros foram feitos para serem lidos. Durante muito tempo, esta lei foi negligenciada por bibliotecas e instituições religiosas. Segundo o autor, nos séculos XV e XVI era comum ver livros acorrentados a estantes, guardados ou usados com cautela, em virtude das normas rígidas de preservação. A produção de livros levantou debates e inquietações sobre o futuro do livro e sobre a necessidade de garantir sua continuidade. Chartier (1998) afirma que o medo relacionado à extinção ou perda de livros específicos incitava um crescente interesse na busca por textos ameaçados, cópia de livros raros, impressão de manuscritos e criação de bibliotecas grandes com capacidade de preservação das obras.

Ranganathan (2009) relata que a eliminação das correntes dos livros não os torna acessíveis de imediato, pois os preços ainda não contemplavam as camadas sociais mais

pobres. Com a sua popularização, passou a ser liberado nas bibliotecas com cobrança de taxas para o empréstimo para só então permitir o acesso gratuito, com o desenvolvimento das bibliotecas públicas. É na temática da acessibilidade cultural, que o autor apresenta a segunda lei, a cada leitor, seu livro. Este enunciado parte do princípio de que os livros são para todos, posicionando o leitor enquanto peça central do universo de leitura, buscando garantir o acesso ao livro, à leitura e à educação.

Este acesso pode ser dificultado por questões sociais, culturais e econômicas. Chartier (1998) afirma que durante muito tempo a leitura das mulheres foi submetida à mediação do clero, por temor das interpretações capazes de comprometer os valores tradicionais. Dificuldades políticas, econômicas, questões de classe, gênero e localização de moradia constituem barreiras na aplicação da segunda lei, por firmarem empecilhos para o alcance dos livros diante das diversas esferas sociais (RANGANATHAN, 2009). O reconhecimento da importância do livro enquanto parte da construção do senso crítico, muitas vezes configura mais uma barreira na relação entre leitor e livro. O autor aponta que o sistema educacional precisa reconhecer a continuidade educativa no adulto e incluí-lo nas práticas de acessibilidade e conscientização da importância do ato de ler.

24

Ranganathan (2009) afirma que a terceira lei deve abranger as preferências individuais do leitor e a forma mais adequada de garantir que o conteúdo ideal atinja o potencial leitor. O enunciado da terceira lei diz que para cada livro há o seu leitor. Desse modo, é necessário levar em consideração estratégias de sistematização, organização e disposição dos livros, bem como princípios da ergonomia física e informacional. Nesse contexto, a quarta lei compreende a importância de poupar o tempo do leitor. Para tanto, o autor afirma que a dinâmica das bibliotecas, envolvendo as etapas de cadastramento, fichamento e empréstimo, devem priorizar e otimizar a experiência do leitor, garantindo que sua preocupação seja apenas a leitura.

A biblioteca é um espaço com valores em transformação, ideias de reunir, preservar, torná-la acessível e funcional são debates recorrentes para o aprimoramento dos interesses e práticas bibliotecárias. Chartier (1998) perpassa pela transformação das práticas de leitura que influenciaram no desenvolvimento da biblioteca, como o controle do comportamento, o silêncio nas bibliotecas universitárias, a criação dos clubes de livros, leituras coletivas e, posteriormente, leituras ao ar livre. Após a Segunda Guerra, a leitura pública

supõe que a biblioteca vá de encontro aos leitores com ônibus-bibliotecas, bibliotecas circulantes e bibliotecas nas empresas (CHARTIER, 1998).

Na quinta e última lei de Ranganathan (2009), a biblioteca é considerada um organismo em constante crescimento e evolução, devendo sempre levar em consideração as necessidades do ambiente em que se aloca em função dos requisitos das leis anteriores. Para o autor, ela precisa se adaptar à dinâmica da comunidade e seu contexto sociocultural, como nos exemplos das bibliotecas itinerantes e bibliotecas alternativas de bairros. Chartier (1998) categoriza os tipos de bibliotecas em: bibliotecas de pesquisa, ambiente em que se encontra apenas os livros que estão sendo procurados; bibliotecas públicas, em que a possibilidade de encontrar livros diversos é muito maior; e a biblioteca eletrônica, que permitem ao leitor acessar conteúdos dos mais diversos locais. O autor conta que durante muito tempo, a biblioteca universal foi um ideal de desejo coletivo, um lugar onde todas as obras pudessem ser reunidas e encontradas, ideia cada vez mais próxima com o advento dos textos eletrônicos.

A biblioteca vai além de uma área física para armazenamento de livros, pois sua forma de funcionamento reflete os hábitos de leitura do local em que se encontra. Freire (2003) afirma que a biblioteca deve agir como um centro cultural e não apenas um depósito silencioso de livros, onde as ações desenvolvidas interferem positivamente na relação do leitor, do texto e o desenvolvimento do hábito de leitura, considerando a comunidade que a circunda.

Todas as leis são complementares no ciclo de leitura e na relação do livro e do leitor. Enquanto a primeira lei trata da libertação do livro e de suas barreiras, metafóricas ou não, a quinta lei observa a postura da biblioteca e seu poder de transformação em parceria com a comunidade. Ranganathan (2009) afirma que a biblioteca tem como princípio vital ser instrumento da educação universal por reunir e difundir conhecimento. Todos os preceitos abordados pelo autor estão diretamente relacionados ao uso compartilhado por perceber a relação cíclica entre leitor, livro e serviço. O autor fomenta a discussão sobre a função primordial do livro e seu aproveitamento pela comunidade e pela biblioteca. O livro foi feito para ser lido o máximo de vezes possíveis, desse modo, liberto das estantes, sendo aproveitado e reaproveitado dentro do seu potencial.

03

Uso compartilhado

.....

3 Uso Compartilhado

Vasques (2015) define o compartilhamento como a ação de dividir ou alternar. Desse modo, produto ou serviço, considerado de uso comum, encontra-se no limiar do público e do privado por envolver tanto as experiências individuais, quanto as coletivas, ressignificando o conceito de posse e pertencimento, por não pertencer apenas a um indivíduo específico, e sim ao coletivo. “Nas práticas de compartilhamento, não apenas o uso é compartilhado, mas há possibilidade de posse e responsabilidade compartilhada. Mesmo quando a posse é privada, a falta de sentimentos de copropriedade [...] podem corroer a adoção do uso compartilhado” (VASQUES, 2015, p. 271).

3.1 Consumo e Posse

Consumo e posse complementam-se em um processo de convergência do ato de consumir para o de possuir. Barbosa (2006) afirma que o consumo é fundamental para a definição da sociedade contemporânea por se enquadrar no processo de formação da identidade de um indivíduo, no desenvolvimento e construção social, tendo como função suprir as necessidades de bens e serviços. Ainda na mesma linha, Baudrillard (2005) chama atenção para a existência abundante dos bens materiais e serviços como consequência do desenvolvimento do consumo na sociedade, momento em que o ser humano passa a viver rodeado por objetos outrora adquiridos. O acúmulo dos objetos inicia a discussão sobre posse e apego.

A posse gera apego em virtude de sua transformação em aspectos subjetivos, significados pessoais atribuídos por cada um e sentimentos desenvolvidos sobre o objeto. Bauman (2007) considera que a posse tende a fornecer ideias de conforto e estabilidade por refletir os desejos de uma sociedade em busca de comprometimento e continuidade em seus padrões de vida. O autor ressalta que o consumo é alimentado pelas aspirações coletivas que visam atingir uma existência segura, menos suscetível às incertezas do destino.

O possuidor busca representar sua imagem por meio de seus artefatos e das relações estabelecidas com os mesmos. Os objetos revelam traços da personalidade de quem os possui e agem como peça do sistema de comunicação social por indicarem elementos da imagem e aspirações do dono (RICHINS, 1994). Este aspecto também é comentado

por Kleine, Kleine e Allen (1995), que consideram a posse como representações das individualidades e das conexões desenvolvidas por cada pessoa, capaz de expressar sua identidade e demarcar pontos de momentos específicos da sua vida. Nesta mesma linha de raciocínio, Coelho (2010) exemplifica a relação de posse no uso do livro pela maneira como o indivíduo o lê ou segura, assim a manipulação do objeto deixa marcas pessoais, emprestando-lhe certa individualidade. É nesse contexto que colecionadores estabelecem apeço pelo artefato para além de sua função primordialmente projetada e criam sentimentos de posse com o objeto em face do que ele representa para si e para a sociedade.

Schultz, Kleine e Kerman (1989) afirmam que possuir simboliza o processo de conexão cultural por meio de uma designação coletiva de significados. A importância dada aos artefatos e as ligações construídas com eles podem dar lugar ao sentimento de posse e serem responsáveis pela criação do senso de estabilidade almejado pelo ser humano (SCHULTZ; KLEINE; KERMAN, 1989). A despeito disso, Kleine e Baker (2004) argumentam que o apeço aos bens materiais nasce da apropriação e da consequente atribuição de significados por indivíduos ou grupo de indivíduos participantes dessa interação.

28

Consumo, posse e apeço compõem a base de uma construção individual e social. Ao referir-se a tal assunto, Belk (1988) identifica que o ser humano se define por meio de duas variáveis, o que entende de si e o que possui, denominados o “eu” e o “meu”. Este conceito, estabelecido como eu-estendido, revela a força da conexão do ser humano com os objetos que o rodeiam e pode ser ilustrado por situações em que a perda de um objeto leva a sensação de perda de identidade. Portanto, a posse é vista como um apoio à identidade em formação e uma forma de amenizar o constante medo de perder a individualidade já estabelecida.

Por fim, a relação de posse estabelecida com os objetos e a consequente geração do apeço cria espaço para a discussão sobre compartilhamento e sustentabilidade. Diante das definições de posse e do eu-estendido, Belk (2007) conclui que o ato de compartilhar, desenvolvido culturalmente, pode ser inibido pelos hábitos de possessão, convicções sobre a própria identidade e materialismo excessivo. Desse modo, estabelecer hábitos que envolvam o pensar coletivo criam novas teias culturais transformadoras.

3.2 Compartilhamento e sustentabilidade

As relações de apego mediante a posse incitam o diálogo sobre consumo consciente e responsabilidade social. De início é importante destacar que Manzini (2008) define a sustentabilidade social como a harmonia entre as práticas cotidianas e a responsabilidade com o futuro da comunidade, da cidade ou, em um contexto mais amplo, do planeta. Desse modo, o apego aos bens materiais e o consumismo tendem a excluir o compromisso coletivo e a construção da consciência ambiental. O autor destaca ainda que, em qualquer projeto, soluções sustentáveis necessitam levar em consideração o menor impacto social e ambiental, bem como o teor regenerativo. O pensamento sustentável reflete acerca dos produtos existentes, buscando minimizar a criação de novas demandas e possíveis danos.

Práticas sustentáveis estão diretamente ligadas à consciência coletiva. Para tanto, Manzini (2008) sustenta que o compartilhamento é um elemento essencial no processo de redução da demanda de novos produtos, criação de serviços e, como consequência, novas formas de socialização.

De maneira abrangente, os recursos ambientais e as relações sociais constituem o cerne da sustentabilidade por tratar de questões ambientais como escassez de materiais, poluição e problemas estruturais sociais, como educação e qualidade de vida. Segundo Papanek (1984), os sistemas econômicos são construídos em função do consumismo, do desperdício e da obsolescência dos produtos. O autor aponta que a maioria das práticas de produção poluem sem pensar em métodos de descarte, esgotam recursos por vezes insubstituíveis, e tendem a trazer danos físicos e mentais às pessoas envolvidas no processo. Sendo, portanto, necessário repensar o ciclo dos produtos e os impactos sociais causados.

A sustentabilidade é constantemente associada ao sentimento de incapacidade ou a práticas que vão além do alcance do indivíduo. Segundo Manzini (2007), considerar que soluções sustentáveis são responsabilidade apenas de outras pessoas, corporações ou políticos, dificulta o entendimento do impacto e da mudança que cada ser humano representa. Apesar disso, Tonkinwise (2011) nota que, apesar da importância de uma sociedade alinhada a práticas sustentáveis ser entendida pela população, a união dos valores de consciência ambiental e social frequentemente entram em conflito com as ações cotidianas.

Promover a transição para a sustentabilidade é uma questão de estabelecer um “círculo virtuoso” englobando a inovação social (que reconhecemos aqui nas co-

munidades criativas e nas novas idéias e soluções que geram) e a inovação tecnológica e institucional (que pode ser implementada pelos atores que, através de suas decisões, pode avançar as possibilidades de sucesso de propostas promissoras). Por outro lado, a criação deste círculo virtuoso exige, antes de mais nada, o desenvolvimento das habilidades de comunicação, design e estratégicas necessárias para reconhecer, reforçar e transmitir, de maneira adequada, as idéias e soluções geradas a nível social, transformando-as em propostas de trabalho originais e dotando-as de maior potencial em termos de disseminação em larga escala e encontrar formas de instituí-las da maneira mais eficiente (MANZINI, 2007, p. 14, tradução nossa)¹.

3.3 Economia compartilhada

30 O acesso a produtos ou serviços denota uma questão de responsabilidade social cuja solução pode ser atingida por meio do uso compartilhado. Para Belk (2007), o compartilhamento é uma forma atual e alternativa de consumo no qual duas ou mais pessoas usufruem das vantagens, benefícios e custos que envolvem o ato de possuir. A partir do século XVII, os cientistas começaram a perceber que a ciência avançaria mais rapidamente com o compartilhamento aberto e gratuito de informações (BELK, 2007). Na atualidade, o conceito está sendo explorado dentro de diversos nichos. O autor sustenta que fatores como materialismo e individualismo são processos culturais que podem interferir na evolução das práticas de compartilhamento, ação esta que impacta, beneficamente, desde à comunidade até a economia global.

O uso compartilhado vem transformando e ampliando a visão da economia para as possibilidades de mercado baseadas em estratégias de aproveitamento coletivo dos

• • • • •

1 Citação original: "fostering the transition towards sustainability is a question of establishing a 'virtuous circle' encompassing social innovation (which we recognise here in creative communities and in the new ideas and solutions they generate) and technological and institutional innovation (that can be implemented by the actors who, through their decisions, can advance the possibilities of success of promising proposals). On the other hand, setting up this virtuous circle requires first and foremost the development of the communication, design and strategic skills necessary to recognise, reinforce and transmit, in an adequate manner, the ideas and solutions generated at a social level, transforming them into original working proposals and endowing them with greater potential in terms of large scale dissemination, and to find ways to institute them in the most efficient manner."

produtos e serviços. Segundo Vasques (2015), esse uso modifica o processo de consumo na sociedade e busca ressignificar a posse em função do acesso simultâneo ou alternado. A autora sustenta que objetos, hoje descartados por fatores diversos, poderiam ser reutilizados ou compartilhados com o aproveitamento máximo do seu potencial de uso. Desse modo, o compartilhamento pode atingir aspectos da sustentabilidade, ambiental, econômica ou social. Como nota a autora, as práticas de compartilhamento buscam repensar novos materiais e métodos de produção, distribuição e transportes, ou participar no processo de geração de empregos, serviços e enxergar lacunas sociais existentes na comunidade.

O Brasil ainda possui pouco desenvolvimento nas áreas que envolvem iniciativas de compartilhamento (VASQUES, 2015). A autora destaca que serviços compartilhados começaram a ser favorecidos no Brasil a partir de 2012, com o surgimento de ambientes de escritórios compartilhados e empresas de pequeno porte. A economia compartilhada ganhou possibilidades de alterar a economia global por meio da experiência coletiva configurando novas relações de negócios.

Para o desenvolvimento das práticas de compartilhamento, a posse passa a existir como parte de um sistema cujos ideais de descentralização contemplam as necessidades do coletivo. No contexto da sua pesquisa, Vasques (2015) define o uso compartilhado como a utilização sequencial de um determinado produto, que pode ser exemplificado a partir de modelos diversos como: o compartilhamento de bicicletas; as trocas temporárias de objetos; empréstimos de casas; troca de conhecimento ou trocas definitivas, com brechós, bazares permitindo um novo ciclo para os objetos. A autora enfatiza a importância de explorar o contexto sociocultural do ambiente em que será aplicado o sistema de uso compartilhado a fim de entender as dificuldades e necessidades da comunidade. O compartilhamento de serviços pode ser viabilizado por meio de taxas ou outras compensações não necessariamente monetárias, como negociações de permuta (BELK, 2014).

Com o passar dos anos, os serviços de compartilhamento tem explorado áreas mais diversas. Os serviços de aluguel temporário de bicicletas, por exemplo, têm crescido cada vez mais nas cidades com maior desenvolvimento econômico. A exemplo disso é o projeto biciletar (Figura 1), implantado pela prefeitura de Fortaleza em parceria com a Unimed, que propõe o empréstimo de bicicletas a partir de estações de trocas conectadas via *wireless* com a utilização de energia solar, de maneira a liberar a presença física de um operador.

As bicicletas estão distribuídas em diversos pontos da cidade, sendo possível retirá-la por meio de cadastro e retorná-la no mesmo ou em outro ponto.

Figura 1 – Projeto biciletar da Unimed. Fonte: biciletar.com.br (2017)



32 O projeto Bike Itaú (Figura 2) ilustra a iniciativa da empresa, presente em diversas cidades do Brasil, que, por meio do cadastro e pagamento de taxas, é possível realizar o empréstimo das bicicletas nas mais variadas estações e devolvê-las no ponto desejado. O Itaú além de apoiar uma causa, promove sua marca, uma vez que seus clientes são isentos de pagamento por um determinado tempo de uso. Lamberton (2012) constatou que os serviços de bicicletas surgiram e se espalharam rapidamente por diversas áreas do mundo, contando, em 2012, com mais de 2 milhões de viagens por mês. O autor afirma que os sistemas de compartilhamento, apesar de desafiadores, podem abrir novas oportunidades de mercado não tradicionais.

Figura 2 – Projeto de compartilhamentos de bicicleta Itaú. Fonte: G1²



• • • • •

2 Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/01/bilhete-unico-pode-ser-usado-para-liberar-bicicletas-partir-deste-sabado.html>>. Acesso em: 13 de outubro de 2017

Em virtude das ideias mencionadas, Vasques (2015) considera que os serviços de compartilhamento agem como transformadores na sociedade à medida que modificam as vivências sociais, as relações com o consumo e, conseqüentemente, alteram modelos centralizados em que poucos possuem domínio sobre a posse. Para tanto, é necessário buscar o aproveitamento máximo do produto e estratégias eficazes para a utilização dos mesmos levando em conta as novas formas de socialização e possibilidades de acesso aos produtos.

04

Levantamento de projetos de compartilhamento de livros

o o o o o o o o

4 Levantamento de projetos de compartilhamento de livros

As leis da biblioteconomia, como descritas no capítulo 2, apoiam-se na premissa de que os livros foram feitos para serem lidos e, portanto não devem permanecer como objetos de decoração das estantes. É importante que o livro esteja sempre entre um leitor e outro, circulando em função de uma sociedade mais instruída. Dessa maneira, o livro possui um potencial latente para as iniciativas de compartilhamento. Neste capítulo, encontram-se alguns projetos de compartilhamento de livros na cidade de Natal, Rio Grande do Norte, e arredores.

4.1 Projeto Geladeiroteca

o Projeto Geladeiroteca, localizado em Nova Descoberta na Praça do Batalhão, próximo ao Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), visa incentivar o hábito de leitura na cidade, por meio do acesso facilitado do livro e ressignificar espaços de convivência por meio da utilização de geladeiras como guarda-livros. Os livros, selecionados pelo leitor, podem abranger qualquer gênero, desde romances, revistas em quadrinhos aos livros mais didáticos. O horário de funcionamento é de 24 horas.

Existem geladeiras localizadas em outras partes da cidade. Na parada do circular da UFRN, uma área com bancos e um ambiente confortável com disposição de bancos, permitem ao leitor sentar e folhear os livros por tempo indeterminado.

35

Figura 3 – Tutorial de doação de livros Geladeiroteca.

Fonte: facebook.com/geladeirotecanatalrn



Figura 4 – Avatar da Geladeiroteca. Fonte: facebook.com/geladeirotecanatalrn



Figura 5 – Crianças selecionando seus livros no ambiente de convivência.
Fonte: facebook.com/geladeirotecanatalrn

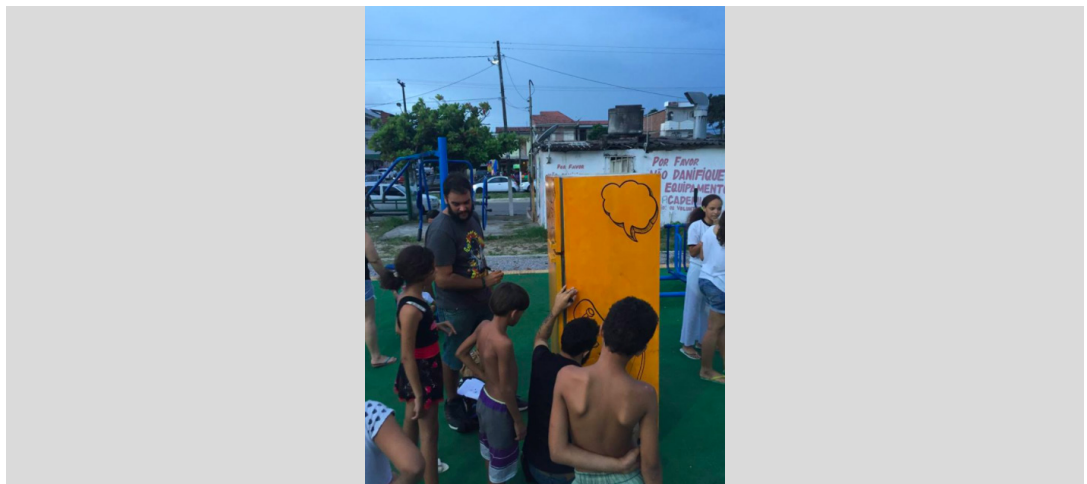


Figura 6 – Ambientação do projeto da parada do circular UFRN.
Fonte: facebook.com/geladeirotecanatalrn



A ambientação (Figura 6) é constituída por instalações improvisadas criadas a partir de pneus empilhados e tábuas de madeira, construídas com o intuito de fornecer um ambiente de leitura mais adequado. O projeto produz um ambiente de compartilhamento informal em meio ao caos da cidade.

4.2 Projeto Casa das palavras

Casa das palavras é iniciativa desenvolvida com o patrocínio da Cosern, da Oi e do Governo do RN através da Lei Câmara Cascudo¹. Também é patrocinada pela Unimed Natal, Arena das Dunas e Prefeitura do Natal através da Lei Djalma Maranhão². O projeto itinerante dispõe de instalações em diversas áreas da cidade de Natal e outros municípios do RN. Sua missão é trazer cultura por meio da ludicidade e aproximação da comunidade aos hábitos de leitura.

Uma das contribuições do projeto é a implementação de minibibliotecas, contando com 14 em Natal, que são pequenas casas dispostas em lugares estratégicos da cidade com livros de gêneros variado. No tutorial (Figura 8), o leitor é incentivado a trocar os livros, porém não é obrigatório entregar um para poder retirar.

37

Figura 7 – Logo Casa das palavras. Fonte: casadaspalavras.com.br



• • • • •
1 Lei de incentivo à cultura. Disponível em: www.cultura.rn.gov.br

2 A Lei Djalma Maranhão possui uma Comissão Normativa que avalia os projetos e segue as diretrizes publicadas no Diário Oficial. O programa de incentivo à cultura através de renúncia fiscal funciona na sede da Secretaria de Cultura (Secult/Funcarte). Disponível em: <http://www.blogdafuncarte.com.br/incentivos/lei-djalma-maranhao/>

Figura 8 – Cartaz do projeto Casa das palavras. Fonte: casadaspalavras.com.br



Figura 9 – Minibiblioteca do projeto Casa das palavras. Fonte: casadaspalavras.com.br



38

4.3 Sebo desapego – Natal-RN

O Sebo desapego é um grupo do facebook iniciado pela jornalista Leide Franco, em 2012, com o objetivo de promover a cultura por meio da comercialização e do compartilhamento de livros e outras mídias na cidade de Natal. O grupo incentiva a venda, doação e troca de livros por intermédio de publicações, com fotos, informações e comentários reservados para negociações e detalhamento. Cada negociação possui uma dinâmica específica acordada pelos integrantes, como por exemplo, preço, local de encontro, horário e outros assuntos.

Figura 10 – Logo do Sebo desapego. Fonte: facebook.com/groups/sebodesapego.



4.4 Biblioteca Itinerante

O Projeto Biblioteca Itinerante Para Trocas de Livros foi idealizado pelo servidor Raimundo Muniz como uma atividade da CIENTEC em 2012 (Anexo A). A ideia inicial teve como propósito estabelecer a troca de livros usados entre os alunos da comunidade acadêmica da UFRN e a comunidade externa, empregando como filosofia: o livro livre como forma de difundir o conhecimento tornando-o mais acessível outras comunidades de diferentes contextos sociais. Essa primeira versão teve como ponto de partida a doação do acervo pessoal do idealizador do projeto.

39

Em 2013, a proposta transformou-se em um projeto de extensão (Figura 11) chamado Biblioteca Itinerante, estabelecendo como ponto de trocas o Centro de Convivência da UFRN. O projeto cresceu e os livros passaram a ser transportados para feiras, bairros e cidades vizinhas, onde o déficit literário é maior.

Figura 11 – Mostra de extensão da Biblioteca Itinerante em 2013.



Atualmente, o projeto conta com o ponto fixo do centro de convivência, uma mesa sem supervisão, sinalizada por um aviso afixado à parede. Um segundo ponto inserido no projeto Coletivo Cultural Artezona Brasil³, localizado na praia de Pipa. E recentemente, a Biblioteca Itinerante doou mais de 50 títulos para a Kombi do Bem⁴, projeto que objetiva o intercâmbio cultural em suas viagens de kombi pelas cidades por meio de ações artísticas. A última leva de doações foi feita para a Little Free Library⁵, projeto para doações de livros localizado em São Miguel do Gostoso (Figura 12).

Figura 12 – Visita à Little Free Library, São Miguel do Gostoso.



40

O serviço de troca de livros foi sistematizado a partir das seguintes etapas de trabalho: divulgação, apresentação, catalogação, monitoramento, transporte e acesso. A divulgação do projeto visa conscientizar as pessoas sobre a importância de compartilhar livros que, de outro modo, estariam parados na estante. A apresentação é um espaço, virtual ou não, que possibilite a ponte entre o leitor e o livro. A catalogação do livro pode possibilitar ao leitor acompanhar os títulos e tornar mais independente a ponte entre o leitor e o livro. O monitoramento diz respeito à manutenção da base de dados que indique quais livros estão disponíveis, como cadastrar e o responsável pela administração

• • • • •

3 <https://www.facebook.com/artezonabrasil>

4 <https://www.facebook.com/Kombi-do-Bem-363436954005989/>

5 <https://littlefreelibrary.org/>

desta atividade: leitor, comunidade, instituições. O transporte é a etapa que indica, como os livros chegarão aos pontos de conexão com os leitores. E por fim, a última etapa visa tornar os livros mais acessíveis em comunidades com maior escassez de obras literárias.

4.5 Plataformas digitais de compartilhamento de livros

A contribuição do design para os serviços de compartilhamento consideram os envolvidos no processo e o impacto na comunidade. Durante a revisão bibliográfica, identificou-se que a plataforma digital poderia ser um caminho interessante para o objeto de estudo em questão: serviço de troca de livros. A partir dessa compreensão, levantou-se alguns exemplos e detectou-se os procedimentos adotados em cada sistema. Assim, os estudos de caso, a seguir, propõem mostrar um levantamento de serviços similares.

4.5.1 BookCrossing

O BookCrossing é uma biblioteca mundial ou rede de livros, criada em 2001 por Ron Hornbaker, sua esposa Kaori e os cofundadores Bruce e Heather Pedersen, que atua em aproximadamente 132 países com o objetivo de conectar pessoas por intermédio dos livros.

41

Figura 13 – Captura da tela inicial do BookCrossing.



A figura 13 demonstra a tela da página inicial com a apresentação do projeto, sua filosofia e tutorial de funcionamento. Para o compartilhamento de livros, o usuário do sistema necessita seguir três passos. O primeiro é o de etiquetar, etapa na qual a identificação do livro se dá por meio da geração e impressão de um código único incorporado ao livro. A segunda etapa é passar adiante, o livro pode ser entregue em mãos a alguém próximo ou deixado em algum lugar, uma praça ou local oficializado como área de troca. A terceira e última etapa é o acompanhamento do livro. O novo usuário insere o código do livro no sistema para atualizar seus dados de localização. Desse modo, é possível observar todo o trajeto do livro.

Figura 14 – Captura da tela de cadastro do livro do BookCrossing.

42

The screenshot shows the 'Registrar Livro' page on the BookCrossing website. The header includes the BookCrossing logo and navigation links. The main content area is divided into three steps:

- 1º Passo: Pesquise por um livro**
Digite o título ou o número do ISBN do livro que deseja registrar.
Local: EUA (amazon.com)
Pesquisar termo: [input field]
Buttons: Pesquisar, Pular Busca
- 2º Passo: Selecione seu livro**
Pesquisa ignorada
- 3º Passo: Digite os dados do livro**
Título: [input field]
Autor: [input field]
ISBN: [input field]
Categoria: Select a category [dropdown]
Situação: a ser lido [dropdown]
Avaliação: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 [radio buttons] não lido [radio button]
Comentários: [text area]

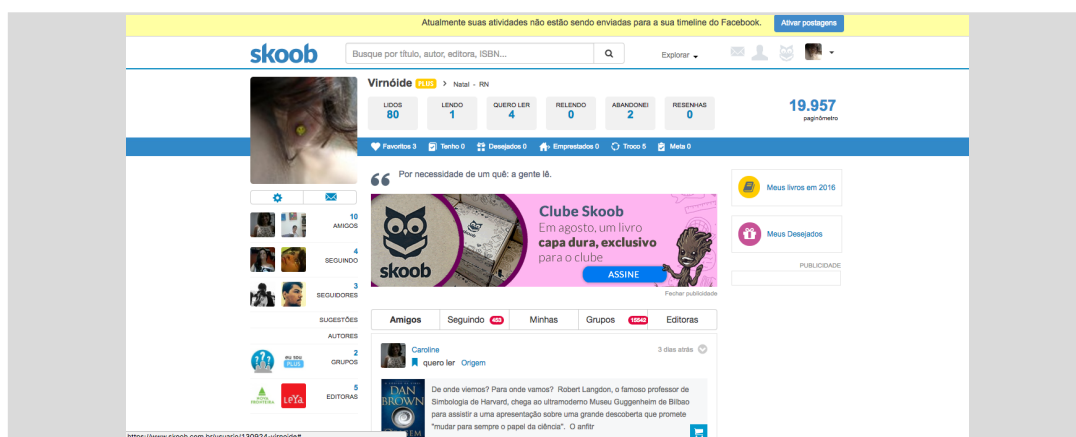
At the bottom, there are red error messages: "Este campo é obrigatório." and a "Registrar Livro" button.

Para o cadastro dos livros no sistema, etapa anterior ao compartilhamento, é possível buscar o livro nos bancos de dado da Amazon, Google Books ou outros. Também é possível pular a busca e cadastrar as informações por conta própria, como mostra a figura 14. Essa etapa é fundamental para a geração do código único. Uma vez cadastrado, os livros podem ser consultados por meio da inserção de código e busca no site.

4.5.2 Skoob

O skoob é uma rede social para leitores do Brasil. A plataforma funciona como uma estante virtual, em que o usuário pode adicionar os livros que já leu e aqueles que deseja ler. É possível ainda trocar comentários com outros usuários da rede, fazer resenhas e trocar livros.

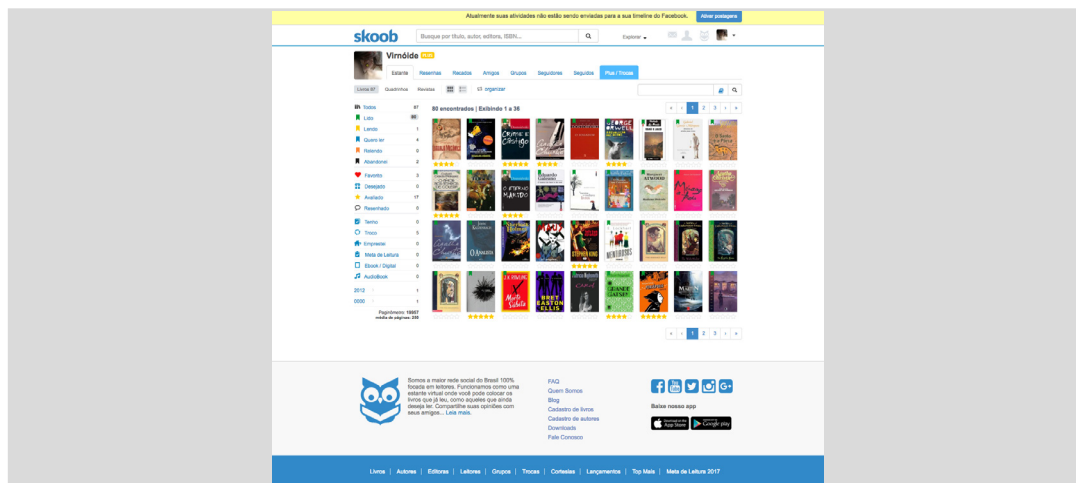
Figura 15 – Captura da tela do perfil do usuário do Skoob.



43

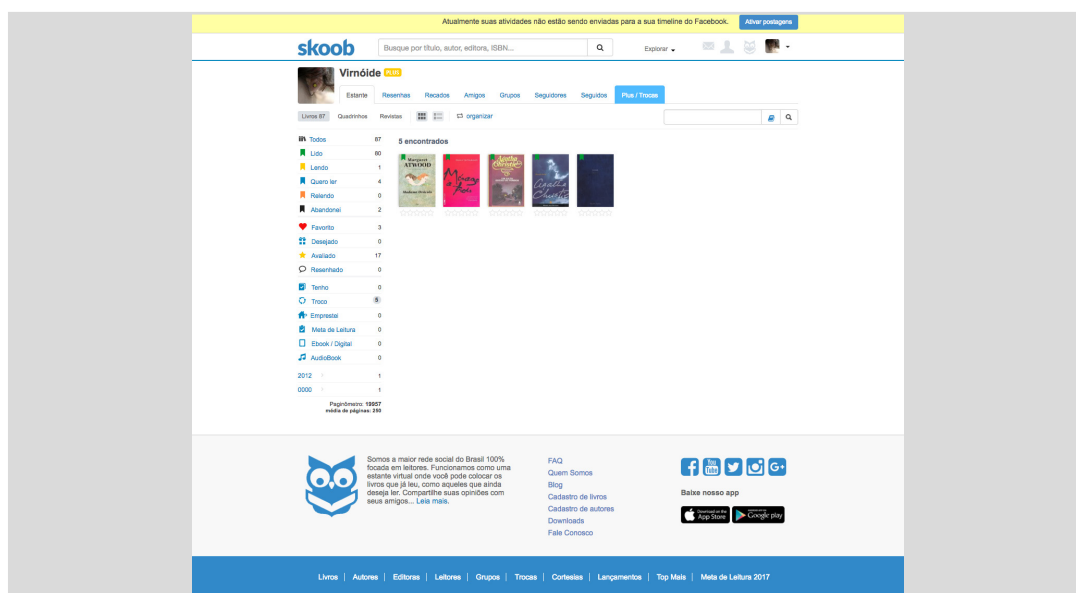
Os perfis dos usuários (Figura 15) podem ser acessados mediante registro. Nessa página, é possível observar informações da rotina de leitura do usuário: livros já lidos, leituras ou releituras atuais, livros abandonados, resenhas escritas, número de amigos e comentários deixados.

Figura 16 – Captura da tela da estante de livros do Skoob.



A aba da estante virtual (Figura 16) permite que o usuário mantenha um histórico de suas leituras anteriores, bem como de suas avaliações por meio de estrelas.

Figura 17 – Captura da tela de troca do Skoob.



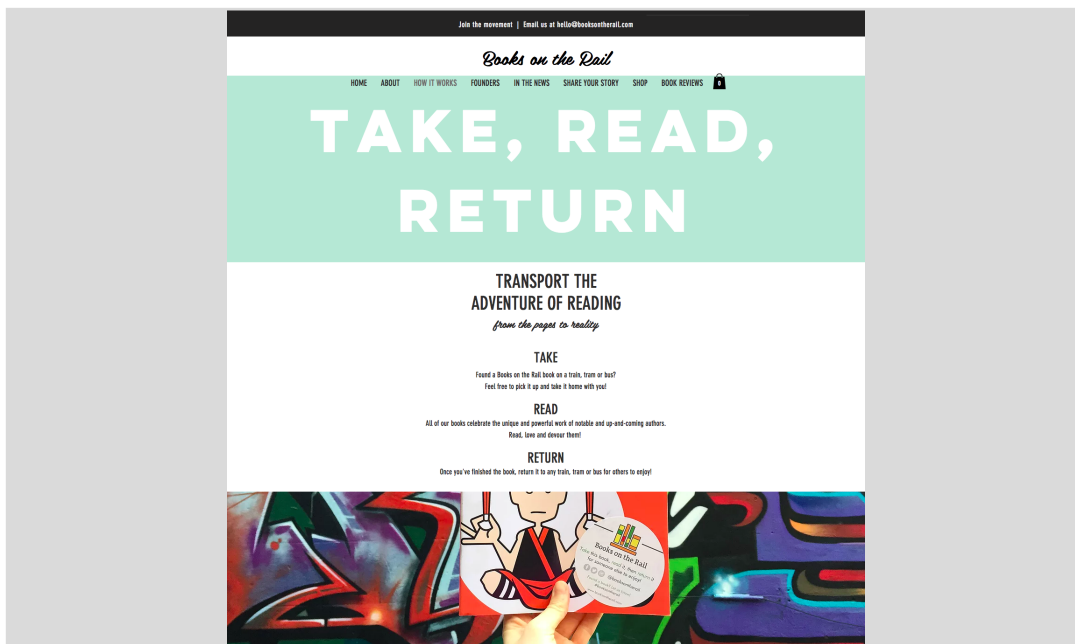
44

A aba das trocas (Figura 17) mostra os livros marcados como disponíveis para troca. O usuário que deseja trocar um livro deve visitar o perfil de outro usuário e contatá-lo caso algum seja de seu interesse. Desse modo, a negociação, método de entrega ou marcação do ponto de encontro são feitas sem qualquer interferência do site.

4.5.3 Books on the Rail

Books on the Rail foi fundado pelas australianas Ali e Mich, em 2016, a partir de livros próprios. Atualmente, funciona em colaboração com editores e autores, distribuindo os livros mais notáveis e promissores. O projeto é responsável por disponibilizar livros nos transportes públicos australianos. Diversos gêneros são cedidos para circulação com o objetivo de incentivar a leitura e a difusão de conhecimento. Desse modo, o leitor pode ler e compartilhar os livros devolvendo-os para outros transportes públicos, onde serão descobertos por novos passageiros. De forma abrangente, ele consiste em uma iniciativa privada de promoção que, por meio da divulgação do projeto, consegue obter assinaturas mensais e acesso às lojas de livros.

Figura 18 – Captura da tela tutorial do Books on the Rail.



O tutorial disponibilizado no site (Figura 18) demonstra como as pessoas podem ser integrantes do projeto. A teia de compartilhamento se inicia quando o livro é colocado em um trem, bonde ou ônibus, por integrantes do projeto, para que alguém o encontre. A identificação do projeto é feita por meio de uma etiqueta incorporada ao livro (Figura 19). Após a leitura, o leitor pode retornar o livro para qualquer meio de transporte público da Austrália e continuar o ciclo. O site não possui área para interação entre os usuários ou atualizações do estado de localização dos livros.

45

Figura 19 – Etiqueta explicativa do projeto Books on the Rail.



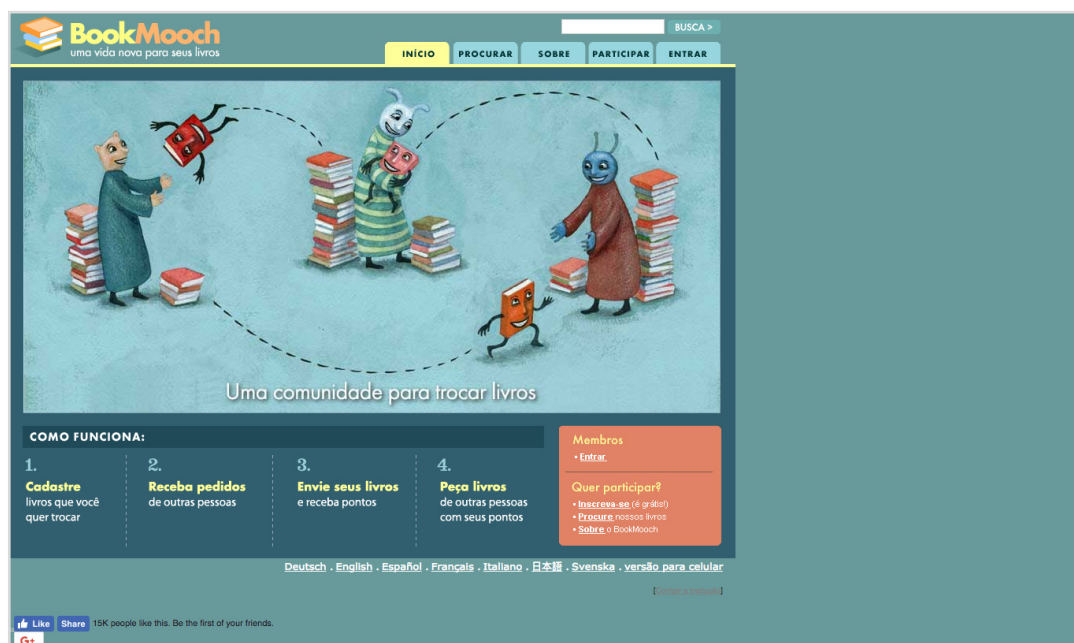
4.5.4 BookMooch

O BookMooch é uma comunidade online para troca de livros usados. Criada em 2006 por John Buckman nos Estados Unidos, a plataforma alcança diversos países, tendo em vista que os livros podem ser requisitados e enviados para qualquer lugar do mundo.

A plataforma possui um sistema de pontos para troca de livros (Figura 20). Toda vez que o usuário doa um livro para alguém através do BookMooch, ele ganha um ponto a ser utilizado para solicitar qualquer livro cadastrado. Se a solicitação vier de outro país, a quantidade sobe para três pontos por livro doado, garantindo o incentivo e compensando pelos gastos com o envio. A expedição dos livros é responsabilidade do usuário, bem como seus gastos. Após a leitura, o livro pode ser recadastrado na plataforma, doado ou mantido. Outros aspectos importantes da plataforma é a doação de pontos para instituições de caridade e a possibilidade de dar *feedback* para os usuários que enviam os produtos.

Figura 20 – Captura da tela inicial do BookMooch.

46



Todos os sistemas possuem diferenciais: o BookCrossing permite que o usuário rastreie seus livros; o Skoob possibilita ao leitor manter um histórico de suas leituras; o Books on the Rail insere os livros no cotidiano de deslocamento dos transportes públicos e o BookMooch se utiliza do sistema de pontos para criar

uma rede internacional de troca de livros. Os pontos de aprimoramento envolvem a união de mais características em uma só plataforma, como por exemplo, o compartilhamento nos transportes públicos por meio de rastreamento, ou a utilização do sistema de pontos e uma estante de leitura que permita ao usuário dialogar sobre suas leituras.

05

Elaboração de plataformas digitais

o o o o o o o o

5. Elaboração de Plataformas digitais

Esta seção fornece os conceitos necessários para o desenvolvimento do projeto desde os princípios do design de interação aos conceitos relevantes para compreensão da experiência do usuário.

5.1 Design de interação

O design de interação aborda a relação do conteúdo, a forma e o comportamento das interfaces no processo de interação. Para tanto, utiliza-se de testes e análise de dados colhidos por meio da observação da relação entre humano e máquina. De acordo com Preece, Rogers e Sharp (2013), essa análise busca desenvolver projetos que viabilizem melhores formas de comunicação entre as pessoas e o computador. Os designers, geralmente em conjunto com equipes interdisciplinares, analisam as experiências dos usuários alinhadas aos conceitos e princípios do design a fim de criar soluções eficazes. Para construção de sistemas de qualidade, o design de interação considera as características dos elementos, disposição na interface e critérios de facilidade de uso.

O conceito de interação abrange diversos processos de manipulação, conversa, troca e influência (BARBOSA; SILVA, 2010). Os autores consideram que as principais categorias percebidas na análise das relações humano-computador são: 1) as que exigem que o usuário aprenda a se comunicar com a máquina; 2) as que necessitam do intermédio de inteligências artificiais; 3) as que utilizam a máquina para auxiliar uma tarefa e 4) as que usam o sistema como um meio de comunicação.

Os usuários não são responsáveis pela qualidade de sua relação com a máquina. Segundo Barbosa e Silva (2010), é a interface do sistema que determina os principais aspectos da interação. Por meio de sinalizações, a máquina deve guiar o usuário na execução das tarefas. Para os autores, o campo de interação se utiliza de alguns critérios para garantir a eficiência da tarefa. Para o presente trabalho, os conceitos de interação abordados serão: usabilidade, experiência do usuário e comunicabilidade. Esses critérios buscam garantir qualidade de uso de um produto ou serviço. O critério “acessibilidade” não será incluída no escopo do projeto por necessitar de estudo e testes mais aprofundados.

Usabilidade

O conceito de usabilidade envolve aspectos da cognição humana. Segundo Barbosa e Silva (2010), a usabilidade depende do posicionamento do sistema em relação às capacidades cognitivas, perceptivas e motoras dos usuários durante a execução das tarefas. Apesar disso, Preece, Rogers e Sharp (2013) afirmam que os sistemas interativos precisam assegurar a eficácia, a eficiência, a segurança, a utilidade e a facilidade de aprendizado e de memorização.

Experiência do usuário

Na utilização de um sistema, o espectro de avaliação da experiência varia entre o negativo e o positivo. Preece, Rogers e Sharp (2013) definem a experiência do usuário como as reações sentimentais diante do uso de um produto ou um serviço. As Interfaces possuem a capacidade de evocar respostas sensoriais, memórias, impressões. Em vista disso, Barbosa e Silva (2010) afirmam que é necessário projetar levando em consideração os princípios de usabilidade, evitando dar espaço para a subjetividade. Assim, Preece, Rogers e Sharp (2013) elencam os principais fatores elaboração de uma experiência positiva: a facilidade de uso, a funcionalidade, a estética, o conteúdo, o apelo sensorial e o emocional.

50

A experiência do usuário é abstrata e dependente de fatores que vão além da interação. Para medir sua qualidade, é importante observar o grau de engajamento do usuário, pois uma boa experiência possibilita a imersão do usuário no sistema (ANDERSON, MCREE & WILSON, 2010). Uma imersão considerada de qualidade acontece quando o usuário se torna cada vez menos consciente da realidade que o cerca durante o contato com o produto. Os autores utilizam os videogames como exemplo, pois no contexto dos jogos, é normal para os jogadores jogar muitas horas sem intervalo. A experiência, que envolve os gráficos, os sons, e o design do controle é planejada com tal objetivo. Para Anderson, McRee e Wilson (2010), o foco do *software* não deve ser induzir a imersão por si só, mas manter o usuário atento a suas metas principais sem demais distrações.

Comunicabilidade

Por fim, além de ser fácil de usar e proporcionar uma experiência positiva, a interface deve ter em vista a facilidade do usuário ao entendê-la e referenciá-la com a realidade

ao seu redor. Nesse contexto, Barbosa e Silva (2010) afirmam ser responsabilidade do designer tornar a comunicação clara. Podem ser utilizados artifícios como analogias, que facilitam o rápido reconhecimento em função de sua relação com o mundo real. Essas metáforas funcionam como entidades familiares que permitem ao usuário criar associações de experiências prévias (PREECE; ROGERS; SHARP, 2013). Um exemplo disso é a utilização de ícones representativos dos objetos e espaços do cotidiano.

5.2 Usabilidade Visual

Visualmente, a interface precisa respeitar alguns princípios para atingir qualidade de uso. Preece, Rogers e Sharp (2013) levantam alguns critérios necessários para alcançar tal objetivo. A interface deve obedecer aos conceitos de visibilidade, *feedback*, restrições e consistência. Segundo os autores, a visibilidade trata de enfatizar elementos e funções essenciais no decorrer do caminho escolhido pelo usuário; o *feedback* age como uma reação ou sinalização, mostrando ao usuário sua próxima ação; as restrições servem para precaver ações perigosas ou irreversíveis, bem como evitar erros. Por fim, a consistência é responsável por estabelecer a uniformidade da página com o objetivo de guiar os olhos, facilitar o reconhecimento e a memorização.

A arquitetura da informação e a navegação são componentes essenciais da interface, sem eles não há como ir de um lugar a outro. Segundo Nielsen (2007), uma arquitetura bem estruturada e uma navegação bem conectada tornam o usuário confiante para explorar a plataforma. Em função disso, a navegação deve primar pela simplicidade e clareza, evitando elementos rebuscados e destacando os elementos de maior importância.

Os *links* são as unidades mais importantes da página por conectarem conteúdos externos e internos. Nielsen (2013) aponta a necessidade de utilizar nomes curtos e claros para reconhecimento rápido dos *links*. O logo deve ser posicionado à esquerda, no topo da página acompanhado dos *links* que possuem hierarquia mais alta dentro do site. Outro item importante para a navegação são os *breadcrumbs*, que atuam como um mapa de *links* mostrando ao usuário de onde veio e onde ele está situado.

Quanto a leitura e a legibilidade, Nielsen (2013) observou que a leitura para o público geral necessita de fontes nos tamanhos de 10 a 12 com variações para acessibilidade nos tamanhos de 12 a 14. A fonte sem serifa foi eleita a mais adequada para *web* por

contribuir na velocidade de leitura. O autor destaca a necessidade de limitar o número de fontes e cores diferentes a aproximadamente três, obedecendo ao princípio da consistência. É essencial que o texto e o plano de fundo possuam um contraste alto.

O posicionamento dos elementos da página precisam se basear da compreensão do comportamento do usuário. Segundo Nielsen (2013), o centro da página, o lado esquerdo e a parte superior da página são áreas de maior fluxo para os olhos. Para tanto, é necessário orientar o usuário sem sobrecarregá-lo e considerar o agrupamento de itens similares de grande importância em espaços estratégicos. O conteúdo e *links* que o usuário está procurando precisa ser vistos o mais rápido possível. “Um site tem apenas 12% de probabilidade de ser revisitado, assim, depois de perder um usuário, quase sempre você irá perdê-lo para sempre” (NIELSEN, 2013, p. 27).

Além dos princípios citados acima, Anderson, McRee e Wilson (2010) acrescentam outros elementos importantes para o engajamento do usuário. A familiaridade, por exemplo, fornecem ao usuário um caminho semelhante ao que ele já conhece. Desse modo, o conteúdo deve ser relevante e passar segurança.

52

Um aspecto significativo para a interface é a cor. Segundo Schlatter e Levinson (2013), a cor é utilizada para criar sensação de agrupamento e diferenciação com o intuito de guiar os olhos do usuário. As cores podem ser utilizadas para chamar atenção e destacar um conteúdo. Elas também precisam apresentar consistência entre si. Assim, Cores semelhantes indicam áreas ou ações semelhantes. As cores também possuem a função estética de agregar personalidade, muitas vezes dependente do contexto cultural da aplicação. As autoras alertam sobre possíveis erros que podem ser cometidos no uso da cor, a exemplo: a falta de contraste e a utilização de um número muito grande de cores. Para elas, as cores não podem ser o único método de diferenciação da interface, em função da diferença de percepção das pessoas, é preciso levar em consideração o contraste.

No que diz respeito ao sentido atribuído às cores, Heller (2013) afirma que cada cor possui um significado que varia de acordo com o contexto cultural. As cores podem ser percebidas de maneira diferente em função da superfície a ser aplicada e das combinações com outras cores.

Os conceitos discutidos neste capítulo buscam guiar o desenvolvimento de uma interface que atenda aos critérios de qualidade de uso. Desse modo, o serviço e produto final

devem ser fáceis de usar, comunicar bem e com clareza e proporcionar uma experiência positiva utilizando-se dos princípios de usabilidade.

5.3 Elementos da Experiência do Usuário

A metodologia de Garrett (2010) tem como foco a experiência do usuário. Para tanto, as decisões de como a plataforma se comporta ou se apresenta devem ser pautadas nos objetivos do produto e necessidades dos usuários. A metodologia é dividida em cinco etapas, da mais abstrata para a mais concreta, que convergem para o resultado final. As etapas descritas a seguir serão aplicadas e aprofundadas no capítulo 6.

5.3.1 Estratégia

Uma experiência positiva exige o estabelecimento de uma estratégia. Nesta etapa procura-se a resposta para os questionamentos: o que queremos do produto ou serviço? O que os usuários querem do produto? A resposta da primeira pergunta é a descrição dos **objetivos do produto** e a da segunda são as **necessidades do usuário**.

Para a aplicação desta etapa no projeto, **questionários** disponibilizados no *Google Forms* serão responsáveis pela coleta dos dados desejados. Outra ferramenta a ser utilizada será a **criação de persona**, importante para ter o usuário em mente durante todo o processo de desenvolvimento.

5.3.2 Escopo

O escopo é a etapa de listar os requisitos. Segundo Garrett (2010), reunir as funcionalidades do sistema e seu conteúdo, ou seja, o que será desenvolvido e que tipo de informação será disponibilizada, é importante para dar início à estrutura do sistema. As questões a serem levantadas para o estabelecimento das exigências do projeto são: o que faremos e quais as funcionalidades necessárias.

A ferramenta escolhida para esta etapa do trabalho é a construção de um **cenário**, uma narrativa de como a persona age para cumprir seus objetivos. Outra ferramenta é a **análise de similares** para observar como serviços semelhantes solucionam seus problemas.

5.3.3 Estrutura

De acordo com Garrett (2010), depois de definir e priorizar os requisitos estabelecidos, a etapa da estrutura fornece soluções para agregar e organizar essas funcionalidades. Nesse momento é importante aplicar os conceitos de **design de interação** para a parte funcional, que indica as opções disponíveis para que o usuário complete suas *tasks* e **arquitetura informacional** para o conteúdo que será entregue ao usuário.

A seção de conteúdo preocupa-se em como as pessoas processam o conteúdo e como a arquitetura da informação pode apresentar o conteúdo de maneira a fazer sentido. Garrett (2010) afirma que muito além de apresentar ou informar, o conteúdo tem que ser capaz de educar e persuadir. Algumas das abordagens apresentadas pelo autor envolvem o conceito de *node*, qualquer parte menor de informação, desde um número a um parágrafo. Os nodes são as unidades básicas e podem ser organizadas a partir de diferentes abordagens e agrupadas a partir de critérios de semelhança ou função executada. A linguagem também é um tema essencial a ser abordado ao se referir a arquitetura da informação. Garrett (2010) indica o uso de nomenclaturas consistentes, também conhecido como vocabulário controlado. O autor sugere a utilização do *card sorting* como ferramenta para explorar e organizar informações. O usuário recebe algumas cartas com categorias e reorganiza da maneira que achar mais conveniente. O **mapa mental** será utilizado no projeto para documentação da estrutura e da relação entre as categorias encontradas com o levantamento dos requisitos.

54

5.3.4 Esqueleto

Na etapa do esqueleto, os elementos ganham forma tornando a interface mais concreta. Garrett (2010) afirma que a interface deve fornecer ao usuário a possibilidade de interagir com o ambiente. Para a navegação, é necessário oferecer caminhos por meio de uma estrutura inteligível. No que concerne à informação, deve ser estabelecida uma boa comunicação com o usuário. O autor aponta a importância de escolher os elementos certos para a interface. Ela deve ser coerente e fácil de ser entendida. É necessário entender quais elementos devem possuir visibilidade reduzida e quais devem ter mais destaque, variando em função das tarefas definidas.

A escolha dos elementos também se baseia em suas funções. Garrett (2010) indica alguns elementos comumente usados em interfaces digitais: [1] *checkboxes*, caixas de seleção em que as opções podem ser clicadas independentemente; [2] *radio buttons*, os usuários podem clicar somente em uma opção por vez; [3] *text field*, espaço disponível para entrada de texto; [4] *dropdown list*, disponibiliza apenas uma opção para seleção disposta em forma de lista compactada; [5] *list boxes*, uma solução compacta para a possibilidade de múltiplas seleções.

Outro aspecto da etapa do esqueleto é a navegação do sistema. Segundo Garrett (2010), a navegação deve abranger três objetivos principais. O primeiro é fornecer meios para que o usuário possa ir de um lugar a outro; o segundo, os *links* devem deixar claro a relação que estabelece com os outros *links*, ou seja, os critérios de agrupamento devem ser perceptíveis ao usuário para que ele possa entender em que local pode buscar certos tipos de informação; e por fim, o terceiro objetivo é comunicar a relação que as páginas estabelecem umas com as outras.

Garrett (2010) considera que um site pode apresentar diferentes sistemas de navegação para áreas e funções distintas. A **navegação global**, por exemplo, fornece uma varredura do site; a **navegação local** fornece ao usuário acesso ao que está mais perto na arquitetura; **navegação suplementar** disponibiliza atalhos para conteúdos importantes, mas que circunstancialmente não estão visíveis; **navegação contextual**, leva o usuário para conteúdos da página corrente; **navegação de cortesia**, provê acesso a itens que o usuário não usa muito; **mapa do site**, disposição dos links da arquitetura geral do site; **index**, tópicos relevantes dispostos em ordem alfabética, ideal para a cobertura de assuntos variados.

O design da informação é responsável por melhorar a apresentação do conteúdo para os usuários. Garrett (2010) apresenta a ferramenta do **wireframe** responsável por facilitar a visualização do esqueleto do site. Esse desenho estruturado da interface é responsável por integrar três aspectos do design: design de interface, pela seleção e arranjo dos elementos; design de navegação; e design da informação, por meio da hierarquização.

5.3.5 Superfície

A última etapa, a superfície, é importante para atingir os sentidos do usuário. Garrett (2010) afirma que o design sensorial deve levar em consideração a especificidade

do projeto e os sentidos ideais a serem atingidos. O autor aponta a importância de aplicar os princípios de percepção visual, não necessariamente por suas questões estéticas, mas pelo papel que exerce em chamar a atenção do usuário ou mantê-lo por mais tempo em áreas com maior necessidade de foco.

Garrett (2010) cita alguns aspectos do design de interfaces importantes na fase sensorial: contraste, uniformidade, consistência, cores e tipografia. O **contraste** é responsável por fisgar a atenção do usuário e criar ponte entre os elementos dispostos, pois interfaces de baixo contraste tendem a facilitar dispersão dos olhos. **Uniformidade** assegura uma comunicação efetiva sem confusão. Para um design uniforme, a utilização de um sistema de grid cria uma ordem lógica para os olhos seguirem. A **consistência** é capaz de facilitar o reconhecimento dos elementos. Objetos bem projetados poderão ser entendidos em diferentes contextos e estarão em concordância com o todo. A **paleta de cores** deve ser incorporada a partir da harmonia das cores entre si. A quantidade de cores dispostas deve atender à diferentes maneiras de uso. Cores fortes são importantes para áreas de grande foco. Para o autor, ter uma paleta variada facilita tomada de decisões. Na **tipografia**, Garrett (2010) sugere simplicidade em grandes blocos textuais para evitar o cansaço dos olhos. Títulos e textos de navegação podem apresentar personalidades mais fortes, mantendo a quantidade de fontes dentro de um limite baixo, para que não confunda ou sobrecarregue o usuário.

06

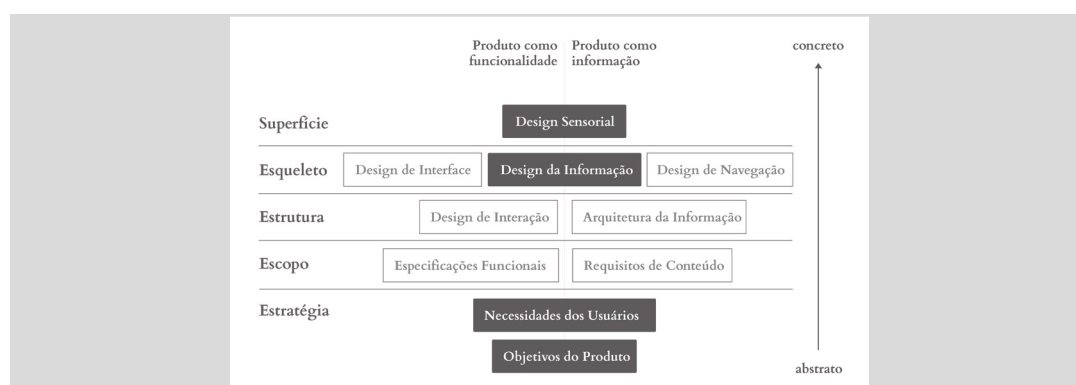
Concepção do projeto

.....

6. Concepção do projeto

A fundamentação teórica até aqui descrita, será aplicada com o intuito de melhorar o funcionamento do serviço Biblioteca Itinerante. Para alcançar tal objetivo, serão propostas algumas páginas para a plataforma digital e algumas peças gráficas. O projeto deve prever as ações principais do usuário e prezar sua experiência. Conforme discutido no capítulo anterior, Garrett (2010) propõe uma metodologia centrada na experiência do usuário que envolve 5 etapas, que partem do mais abstrato até atingir o mais concreto (Figura 21).

Figura 21 – Quadro construído a partir da metodologia de Garrett (2010)



58

6.1 Estratégia

A estratégia busca aproximação com os usuários a partir de entrevistas e questionários para estabelecer os objetivos do produto de estimular o uso compartilhado por meio de plataformas digitais e atender as necessidades dos usuários que envolvem experiência de interação. Para organizar a estratégia e os pontos a serem abordados nesta etapa, foi estruturada a caracterização de pesquisa (tabela 1).

Tabela 1 – Caracterização da pesquisa

Fenômeno	Compartilhamento de livros
Objeto	Biblioteca itinerante

População-alvo	UFRN (Alunos, passantes, servidores, professores, vendedores)
Sujeito	Leitores que frequentam a UFRN;
Questão de pesquisa	Aproveitar o uso digital para: <ul style="list-style-type: none"> • Conscientização da troca de livros; • Divulgação do espaço e da proposta;
Objetivos gerais	Estimular à prática do compartilhamento de livros por meio de interfaces digitais
Objetivos Específicos	<ul style="list-style-type: none"> • Desenvolvimento de uma plataforma digital; • Doar (Livros relevantes); • Conservar (Perceber o espaço e os livros como um ambiente público, compartilhado, conscientizar às pessoas de sua responsabilidade social) • Divulgação do projeto

6.1.1 Entrevista

Esta etapa contou com a colaboração do coordenador do projeto “Biblioteca Itinerante para troca de livros”, Raimundo Muniz, para uma entrevista presencial realizada em março de 2018 (Apêndice C). Os tópicos tratados com o entrevistado abrangem desde o início do projeto, sua divulgação, a manutenção e as dificuldades encontradas com a sua administração.

A partir da entrevista foi possível observar que a maneira como o projeto é conduzido atualmente possui uma relação de dependência com seu idealizador, centrada então na figura de Raimundo. O transporte, a reunião do acervo de livros de diversos lugares,

a divulgação pelas redes e organização dos livros no ponto de troca e o controle de saída, são atribuições de apenas uma pessoa. Outro ponto identificado está relacionado ao acervo que muitas vezes é de baixa qualidade em decorrência das doações inadequadas da comunidade: livros mofados, rasgados ou desatualizados. Além disso, Raimundo relatou que há ocorrências de muitos livros levados de uma só vez, ou pessoas que levam mas não deixam livros.

Quando questionado sobre a maior dificuldade do projeto, Raimundo atesta ser o transporte, pois fica a cargo dele levar livros para diversos lugares utilizando-se de seu carro e recursos pessoais. Já sobre o funcionamento do projeto, relata que ele não funciona em sua totalidade pela falta de consciência sobre a importância de doar livros.

No capítulo sobre uso compartilhado, foi discutido que o produto habita o limiar entre o privado e público. Alguns dos problemas encontrados, como a necessidade de levar vários livros ao mesmo tempo, atestam a necessidade do pensar coletivo e da visão do produto como público. Outro ponto importante é a necessidade do serviço de troca de livros ser colaborativo, ou seja, se apenas uma pessoa doar e levar seus livros até o ponto de troca, eventualmente os livros acabam ou, se a pessoa responsável não estiver disponível para o abastecimento do ponto de troca, o serviço fica estagnado. Desse modo, o serviço deve seguir um fluxo otimizado de distribuição de tarefas dependente de mais pessoas, tornando o leitor não só um participante do projeto, mas também um colaborador. O leitor pode ser capaz de executar, em conjunto com o coordenador do projeto, tarefas de transporte, abastecimento e organização dos livros e por fim, divulgação.

60

6.1.2 Questionários

Com o objetivo de aprofundar a estratégia do serviço, foram aplicados dois questionários. O primeiro (Apêndice A) foi realizado em março de 2018, com Rilder Medeiros, coordenador do projeto Casa das Palavras, por meio de perguntas abertas. O segundo (Apêndice B) questionário foi realizado em abril de 2018 com 102 pessoas, perguntas abertas e fechadas, aplicado em grupos da UFRN e outros ambientes virtuais.

A partir das respostas de Rilder, foi possível entender um pouco do funcionamento do projeto Casa das Palavras, projeto cultural enquadrado na Lei Câmara Cascudo. O projeto é divulgado por meio das redes sociais, rádio e meios tradicionais comunicação. Possui uma equipe diversa, por envolver outras atividades culturais além da troca de livros.

O acervo inicial do projeto surgiu a partir de doações da própria equipe e não possui controle de entrada e saída dos livros. Regularmente ocorrem campanhas para doação de livros com o objetivo de abastecer as minibibliotecas dispostas na cidade. E assim como o projeto da Biblioteca Itinerante, a Casa das Palavras tem como uma das maiores dificuldades a consciência coletiva de doação, os acervos ficam com pouco ou nenhum livro por não haver circulação e entrada, somente saída.

O segundo questionário buscou entender os hábitos, comportamentos atuais e possíveis sugestões, no que diz respeito à leitura e aos livros, de diferentes grupos. A maioria dos participantes frequenta a UFRN, e é considerada público leitor. Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2016, “leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses”. De acordo com as respostas do questionário (Apêndice B), o grupo varia entre menos de um livro por mês e mais de um livro por mês, o que o define como um grupo de leitores. Quando questionados sobre sua relação com os livros, a maioria demonstrou ser muito apegado, 85% dos entrevistados afirma guardar os livros após leitura.

Sobre serviços de compartilhamento, 86% do grupo disse não ter participado de serviços de compartilhamento e 77% não conhece os serviços de troca de livros na cidade. Quando questionados sobre as motivações para ir a um ponto de troca de livros, as respostas variaram em: livros interessantes, variedade, conhecimento prévio dos livros disponíveis e recomendações dos leitores anteriores. Na mesma linha, buscou-se descobrir os tipos de livros mais interessantes a serem disponibilizados em um ponto de troca. Os mais votados foram romances e ficções e fantasias. Além disso, os participantes sugeriram como fator de atratividade no ponto de troca, a distribuição de marca-páginas.

O questionário atendeu aos objetivos da pesquisa ao estabelecer um perfil do usuário para consulta. Desse modo, é possível entender seus comportamentos e motivações e buscar soluções para o processo de conscientização na doação de livros e divulgação do projeto.

6.1.3 Persona

A persona foi criada a partir dos dados coletados nos questionários. Os pontos relevantes para definir as necessidades dos usuários são os livros interessantes, pontos de troca

disponibilizados em lugares mais próximos, como setores de aula e possibilidade de ler recomendações de outros leitores. A seguir apresenta-se a persona deste projeto (Figura 22).

Figura 22 – Criação da persona



Mariana, 24 anos universitária

Hábitos de leitura
Lê em média 1 livro por mês

Suporte
Prefere ler livros impressos

Compartilhamento
Não é muito familiarizada com serviços de compartilhamento. Já viu alguns na cidade mas não os utiliza

Apego
Tem muito **afeto** pelos livros, não costuma doar, no entanto, eventualmente os empresta

Dificuldades
A maior dificuldade ao desapegar é pensar que pode vir a reler ou não ter mais suas **marcações**

Gênero literário
Tem mais facilidade de desapegar de **livros técnicos e biografias** e buscaria **romances, fições e**

Motivações
O que a motivaria a ir em um ponto de troca seria saber que tem um livro que ela quer ler ou **livros interessantes**

Redes sociais
Goodreads e Skoob. Não costuma usar muito, mas gosta de ver os hábitos dos amigos, organizar suas leituras, ver reviews e recomendações

No ponto de troca...
"Os pontos de troca poderiam ser na **Biblioteca central, Centro de convivência e setores de aula.** Poderiam disponibilizar **marca-páginas ou itens para leitura, e opiniões** dos leitores antigos"

62

6.2 Escopo

As ferramentas de análise similares e a construção de cenário buscam estabelecer o fluxo do serviço de troca de livros e os requisitos de conteúdo e funcionalidades da plataforma.

6.2.1 Análise de similares

Foram analisadas algumas plataformas de troca de livros, citadas anteriormente, com o objetivo de refletir os pontos mais relevantes para este projeto (Quadro 1).

Quadro 1 - Análise de similares

Plataforma	Projeto	Pontos fortes
Bookcrossing	Biblioteca internacional ou rede de livros que funciona em 132 países.	<ul style="list-style-type: none"> • Abrangência em diversos países; • Rastreamento do livro (através de código único); • O livro não precisa ser colocado em um lugar fixo, pode ser um lugar determinado pela pessoa;
Skoob	Rede social para os leitores do Brasil. Funciona como uma estante virtual, em que o usuário pode adicionar os livros que já leu e aqueles que deseja ler, agindo como um histórico de leituras	<ul style="list-style-type: none"> • Atuar como uma rede social • Possibilidade de organizar leitura (já leu, abandonou, quer ler) • Comentários, reviews, comunicação entre os integrantes da rede
Books on the rail	Funciona em colaboração com editoras e autores para divulgação do trabalho deles e conscientização sobre a importância da leitura	<ul style="list-style-type: none"> • Inserção dos transportes públicos como pontos de conexão • Livros novos, tanto no mercado como em seu estado de conservação • Divulgação de editoras e autores

Plataforma	Projeto	Pontos fortes
Bookmooch	Comunidade online para troca de livros usados (criada em 2006)	Sistema de pontuação

Dentre os pontos levantados, o mais relevante para o projeto Biblioteca Itinerante, com base nos dados coletados no questionário, foi a possibilidade de rastrear o livro e as recomendações dadas por outros usuários da plataforma.

6.2.2 Cenário

64

A ferramenta do cenário simula uma pequena história sobre as ações do usuário em contato com o serviço ou produto. Então o cenário serve para entender seu contexto de uso e perceber possíveis oportunidades de melhoria. Neste projeto, o contexto envolve a persona de Mariana que utiliza o serviço atual de troca de livros disponível na UFRN, os números servem para sinalizar questionamentos e os requisitos da solução. A seguir:

Mariana terminou de ler um livro que não gostou muito. Apesar de seu apego aos livros, esse ela não queria guardar em sua estante, pois não teve nenhuma conexão emocional. Decide doá-lo, e questiona-se para quem ou para onde (1). Lembra-se que, em suas caminhadas pela UFRN, já viu um ponto de troca de livros no centro de convivência, mas não lembra muito bem como funcionava o projeto. Escolhe levar o livro no dia seguinte. Chegando lá (2), Mariana lê os avisos (3/4), deixa o livro (5), observa os livros presentes (6), nota um que lhe chama a atenção e decide levá-lo. Ao chegar em casa, conta da sua experiência para uma amiga (7). Procura pelo projeto na internet para compartilhar (8) e a incentiva a doar também.

Tabela 2 - Levantamento dos requisitos gerais

Reflexões	Requisitos gerais
(1) Como o serviço chega até Mariana?	<ul style="list-style-type: none"> • Plataforma digital; • Compartilhar nas redes sociais; • Pelos Pontos de troca;
(2) Como funciona o projeto?	<ul style="list-style-type: none"> • Avisos com o passo a passo explicando como o usuário deve agir;
(3) Que tipo de informação tem nos avisos?	<ul style="list-style-type: none"> • Dados sobre onde encontrar mais informações; • Passo a Passo;
(4) Que elementos o ponto de troca pode oferecer?	<ul style="list-style-type: none"> • Marca-página; • Etiqueta para colocar nos livros novos a partir do serviço colaborativo e o auxílio das pessoas para etiquetar os livros que vão deixar ou que vão pegar e que estão sem etiqueta;
(5) Como avisar que o livro foi deixado?	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os livros que entram e saem por meio de um código único identificador; • Após cadastro ou atualização do status de localização do livro, compartilhar nas redes sociais;
(6) Que tipo de livros o ponto oferece?	<ul style="list-style-type: none"> • Inserir na plataforma o incentivo à doação de livros interessantes e bem cuidados;
(7) De que forma incentivar essa rede de conexões e depoimentos?	<ul style="list-style-type: none"> • Por meio de um ambiente em que possam ser deixados comentários e reviews sobre o livro;

Reflexões	Requisitos gerais
(8) Quais os requisitos da plataforma?	<ul style="list-style-type: none"> • Informações sobre o projeto; • Conscientização sobre doação/ troca de livros; • Conscientização sobre responsabilidade social; • Notas sobre apego; • Incentivo a divulgação do projeto; • Conscientização sobre o tipo de livro a ser doado: livros interessantes, paradidáticos: ficções, romances, crônicas, contos, fantasias, etc; • Como utilizar o serviço; • Atualização sobre os últimos livros; • Inserção de número identificador para relacionar à etiqueta; • Cadastro dos livros; • Cadastro das pessoas; • Login das pessoas; • Pontos de troca; • Página de livros: • Listar livros e possibilitar filtros de busca por autores, data, localização; • Livros disponíveis no ponto de troca; • Página do livro • Informações sobre os livros com foto e resumo; • Comentários e reviews; • Status do livro; • Busca: buscar livros por filtros;

A partir da geração de requisitos (tabela 2), foi possível estabelecer o fluxo do serviço (Figura 23) e o conteúdo da plataforma tendo como centro o código identificador contido na etiqueta. Tarefas como cadastrar o livro, atualizar o status do livro, se em uso ou disponível para troca, podem ser feitas com a inserção do número do código na plataforma.

Figura 23 - Fluxo do serviço



Possíveis variações do fluxo do serviço

Se o livro está sem etiqueta:

- Para deixar o livro, o usuário precisa etiquetar o livro, cadastrá-lo e atualizá-lo na plataforma com o status “no ponto de troca” e libertar o livro em um dos pontos de troca;
- Para pegar o livro, o usuário precisa etiquetar o livro, cadastrá-lo e atualizá-lo com o status “livro em uso” e levar o livro para ler;

Se o livro já possui etiqueta:

- Para deixar o livro, o usuário precisa atualizar o status do livro na plataforma como “no ponto de troca” e libertar o livro em um dos pontos de troca;
- Para pegar o livro, o usuário precisa atualizar o livro na plataforma com o status “livro em uso” e levar o livro para ler;

6.3 Estrutura da plataforma

A estrutura da plataforma foi desenvolvida a partir da ferramenta de *Card Sorting* e a construção de um mapa mental a fim de entender como organizar a navegação e agrupar os conteúdos.

6.3.1 Card Sorting

Para explorar as possibilidades de agrupamento do conteúdo, cinco pessoas, com entre 20 e 30 anos de idade que já tiveram contato com a UFRN, foram selecionadas para realizar o *card sorting*, com algumas categorias já pré-estabelecidas na etapa reunião de requisitos, deixando para o usuário a possibilidade de retirar ou adicionar categorias a depender da necessidade encontrada. O conceito do projeto e o fluxo de funcionamento foram introduzidos e foi pedido aos participantes, individualmente, que reorganizassem os cartões e fizessem observações sobre suas escolhas. As categorias pré-definidas eram: Home, livros, Pontos de troca, busca, atualização de status, cadastramento de livros e Entrar no sistema.

68

Esta etapa foi desenvolvida com a utilização de uma plataforma chamada Boardthing¹, um sistema compartilhado para criação de cartões em que uma ou mais pessoas podem interagir.

Figura 24 - Card Sorting (participante 1)

Home	Livros	Pontos de troca	Busca	Atualizar status	Cadastrar livro	Entrar/Painel do usuário
O que é o projeto?	Últimos livros cadastrados	Quais pontos de troca estão disponíveis?	Resultado de busca	Atualizar status do livro (no ponto de troca, em uso)	Formulário para cadastro do livro	Cadastrar-se no site
Como funciona? Como participar?	Últimos livros com status atualizado	Horário de funcionamento dos pontos				Logar no site
Passo a Passo do projeto (ir ao ponto, etiquetar o livro, atualizar status)	Listar todos os livros					Livros cadastrados
Conscientização sobre a importância de trocar livro (notas sobre: responsabilidade social, apego)	Info: Título do livro	Código do livro	Status do livro			Livros lidos
	Foto do livro		Atualizar status do livro (no ponto de troca, em uso)			Histórico de livros
	Resumo do livro					

• • • • •

1 <https://boardthing.com/>

Figura 25 - Card Sorting (participante 2)



Apesar da coleta dos cinco participantes, foram escolhidos dois para representar o modelo final do mapa mental. Com base nas sugestões apontadas foi definida a estrutura página inicial, e percebeu-se a necessidade da criação de uma página extra para aprofundamento da filosofia e história do projeto.

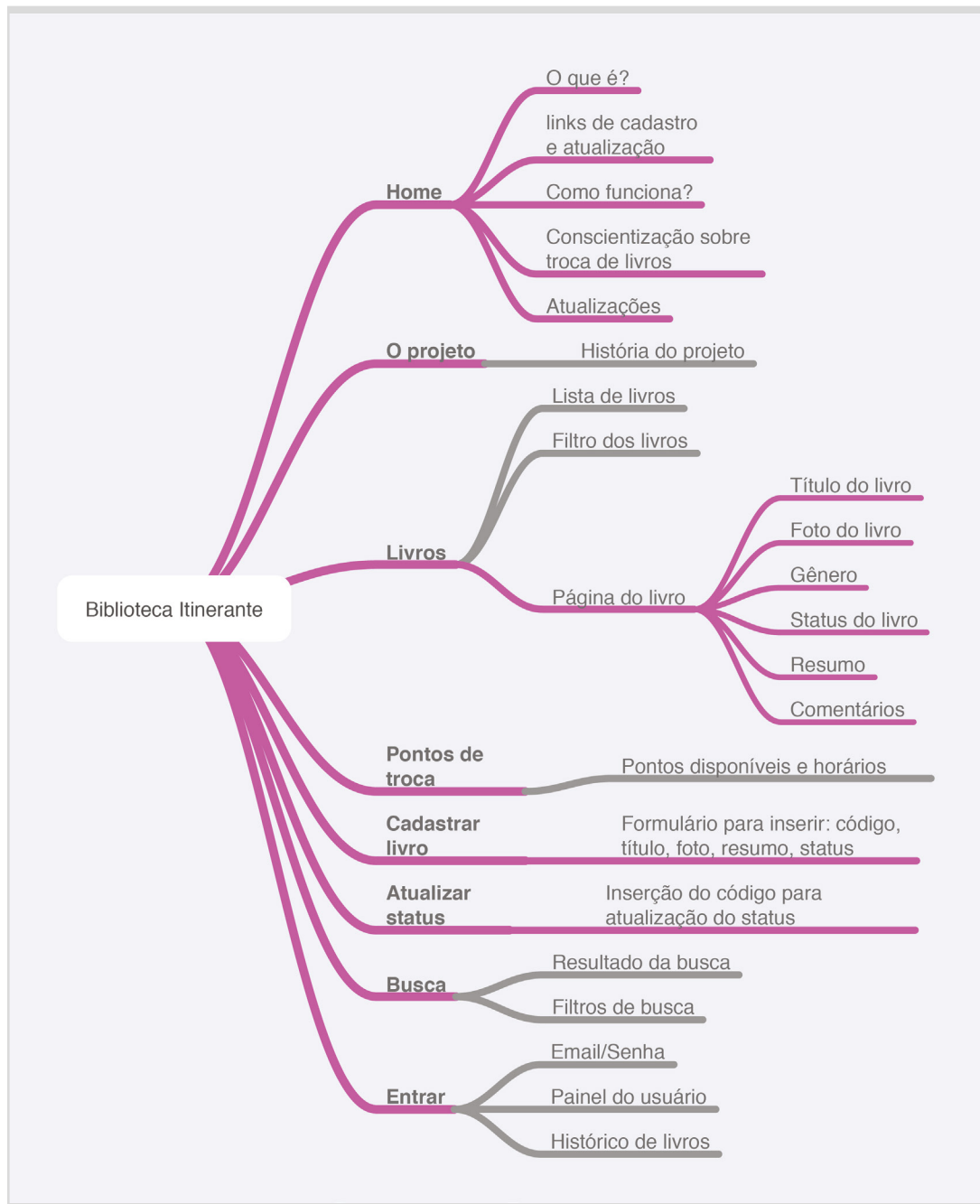
A sugestão do primeiro participante (Figura 24) mostra a página inicial já com informações do que seria o projeto, seu funcionamento e um pequeno texto sobre a importância de doar, responsabilidade social e apego. Outra observação importante foi a necessidade de um menu sempre visível e de fácil consulta, visto que a quantidade de *links* é pequena, evitando assim os submenus. A observação mais relevante do participante 2 (Figura 25) foi a adição do menu “O projeto”, área em que o usuário pode conhecer e pesquisar mais sobre a Biblioteca Itinerante para troca de livros.

Uma análise crítica baseada nos critérios discutidos no capítulo de interação Humano-Computador, resultou na organização final do conteúdo e navegação sistematizados em um mapa mental.

6.3.2 Mapa mental

Análise e seleção das ideias sugeridas no *Card Sorting* formaram o fluxo geral do site. Foi utilizado o *software* Mindnode para criação do mapa mental com o menu e algumas das suas ramificações.

Figura 26 - Mapa mental



No site, o menu está sempre presente, mostrando as possibilidades essenciais de navegação. A página inicial possui uma breve explicação do projeto, seu funcionamento, estratégias de conscientização e atualização dos livros da plataforma. A página do projeto, aprofunda o primeiro tópico da página inicial e apresenta mais detalhes sobre a história da Biblioteca Itinerante e suas motivações. Na página de livros, é possível listar os livros por diferentes filtros. O cadastramento do livro oferece um formulário com os campos necessários para que o livro faça parte do sistema. A área de atualização do status do livro, permite ao usuário inserir o código da etiqueta e mudar o status ou perceber se o livro ainda não foi cadastrado, para cadastrá-lo em seguida. A busca é uma ferramenta que deve estar sempre disponível, levando para a página de resultado de busca com os filtros necessários para os livros, autores, dentre outros. E por fim, a área do usuário, que permite que ele se cadastre ou que entre no sistema com um e-mail previamente cadastrado.

É importante salientar que o mapa mental (Figura 26) possui um escopo maior que o tempo viável para desenvolver neste TCC. Desta maneira, destaca-se, em ramificações da cor cinza, as partes não contempladas no trabalho. Os escopo deste projeto a ser desenvolvido nas próximas etapas envolvem: a página inicial, formulários de cadastramento e atualização do status livro e a página do livro. Essas áreas da plataforma foram selecionadas por apresentarem, de maneira sucinta, a ideia do projeto, seu funcionamento e as ações principais para o funcionamento do serviço: cadastramento e atualização de localização dos livros.

71

6.4 Esqueleto

O esqueleto do projeto inicia o processo de visualização da plataforma com a criação dos wireframes para validação da organização e navegação do site.

6.4.1 Wireframes

Para a construção dos wireframes, foram considerados os critérios de navegação apresentados por Nielsen (2007). Para o autor, a arquitetura precisa ser bem estruturada, primar pela clareza e simplicidade, evitando elementos rebuscados.

Nas páginas desenvolvidas o foco da navegação foi global auxiliada pelo mapa do site disposto no rodapé da página. Segundo Garrett (2010) a navegação global dispõe dos

elementos essenciais para que o usuário consiga explorar o site, e o mapa do site permite ao usuário encontrar todas as páginas do sistema. Sendo assim, as categorias, dispostas no menu, englobam todas as páginas que o usuário precisa para navegar pelo conteúdo do site. Outro elemento de navegação foi a utilização de *breadcrumbs* na página do livro (Figura 30), que, segundo Nielsen (2007), corroboram com o princípio da visibilidade. Outro princípio fundamentado pelo autor foi a localização do menu e do logo, como pontos da página em que o usuário passa mais tempo. Ademais, para a seleção de informação foram utilizados elementos mencionados por Garrett (2010), como *radio button* para atualização do status de localização dos livros, *text fields*, para a inserção de informações de cadastro e atualização e *dropdown list* para escolha dos pontos de troca (Figura 28).

Os wireframes foram apresentados para 15 pessoas com uma introdução do que seria o projeto e o funcionamento do fluxo do serviço. Em seguida, foram solicitadas a execução de três tarefas a partir do protótipo, [1] tentar cadastrar um livro; [2] atualizar o status do livro; [3] observação geral da estrutura do site. A página inicial foi apresentada como ponto de partida para a execução das atividades (Figura 27), de onde poderiam partir para cadastro do livro (Figura 28) ou atualização do status (figura 29), que os levava para a página do livro cadastrado (Figura 30).

Figura 27 - Wireframe, página Inicial

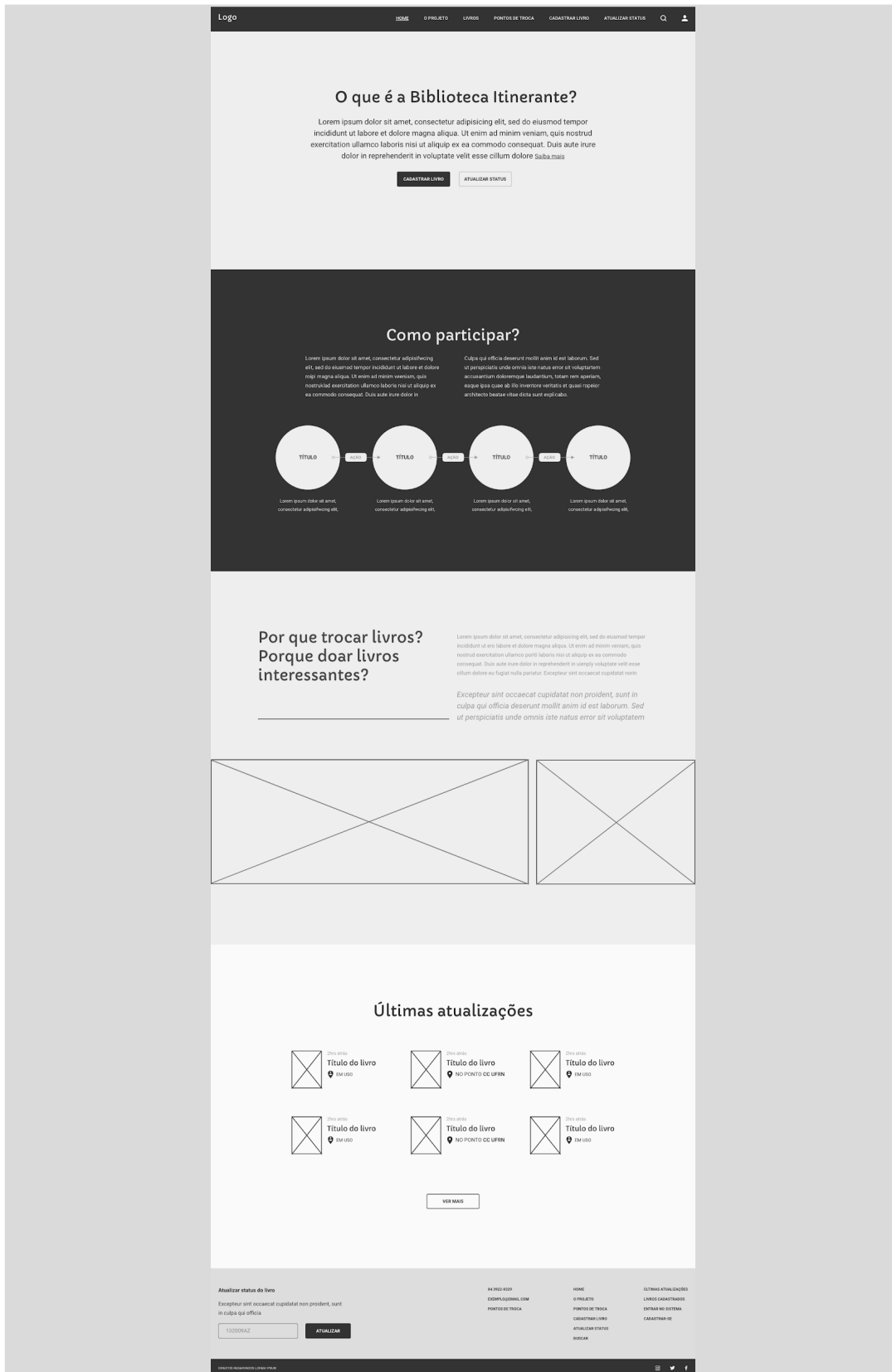
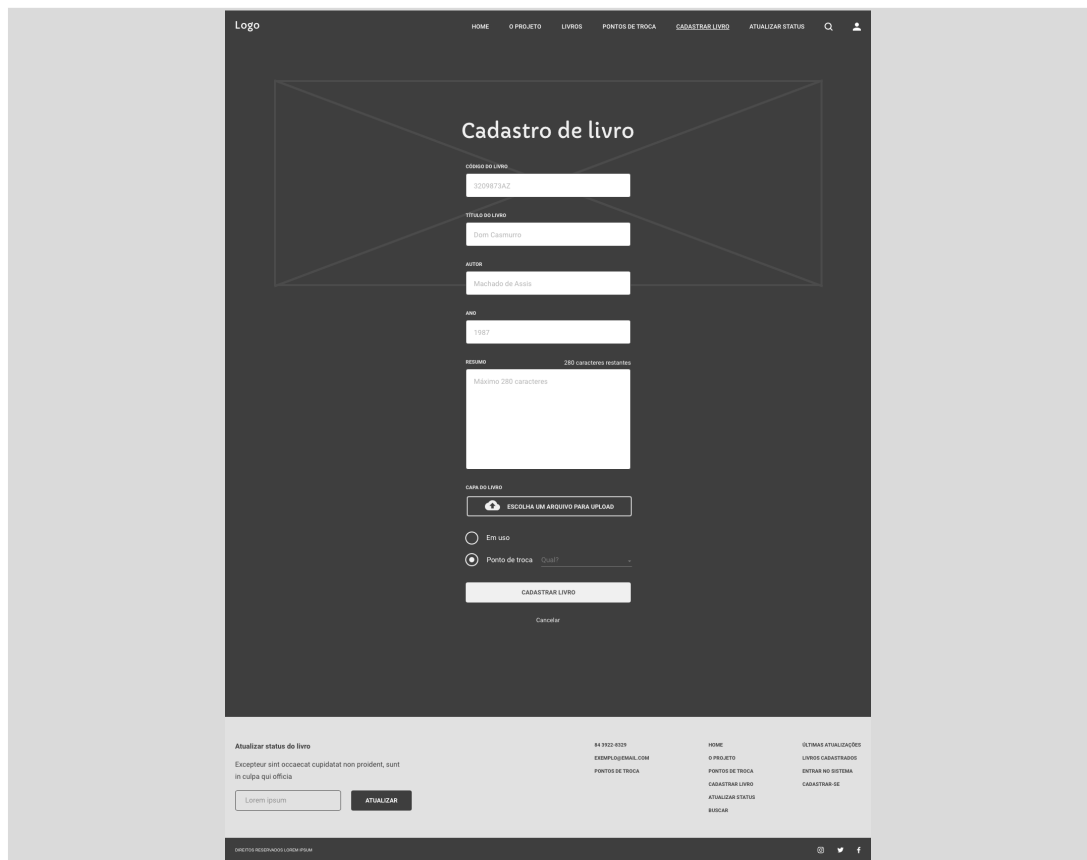


Figura 28 - Wireframe, página de cadastro do livro



74

Figura 29 - Wireframe, página de atualização do status

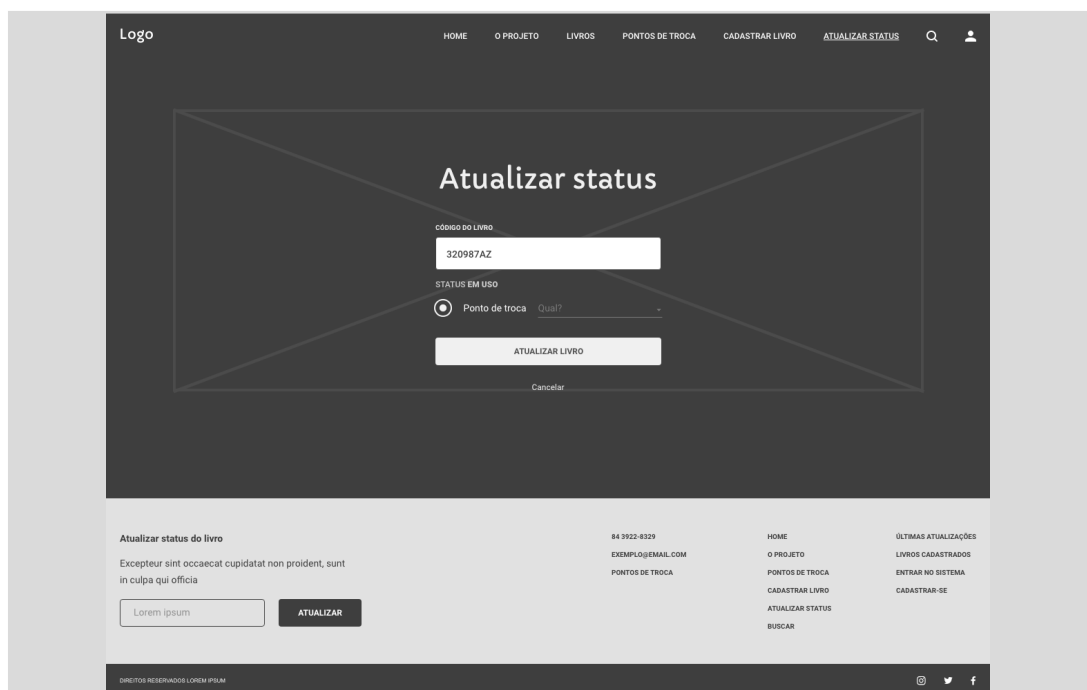
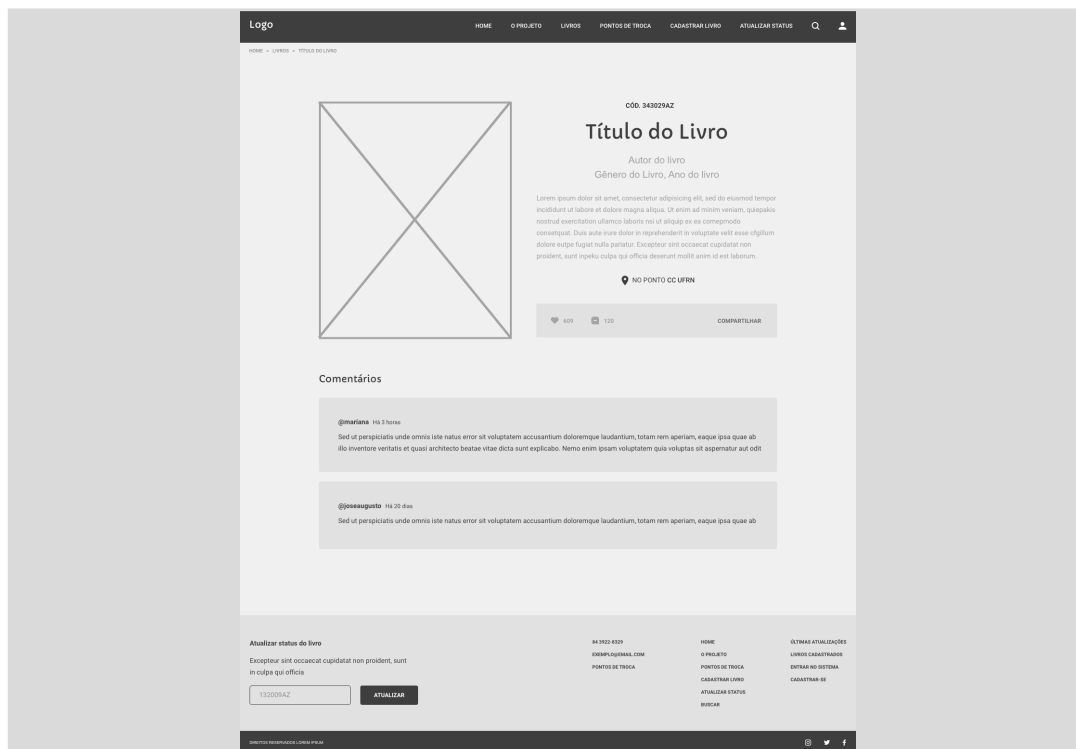


Figura 30 - Wireframe, página do livro



Com a finalização das tarefas, os comentários resultaram nas seguintes sugestões de melhorias:

- Trocar informações do livro por ISBN para evitar criação de livros com o mesmo título por erro de grafia (Figura 28);
- Adicionar *label* “status” na área de atualização de status dentro do formulário de cadastro (Figura 29);
- Modificar a forma como a opção pré-selecionada de status é mostrada na atualização da localização do livro (Figura 29);
- Remover código do livro da página do livro, pois o código poderia ser atualizado por outras pessoas (Figura 30);
- Melhorar a visualização das redes sociais no rodapé da página;
- Remover funcionalidade de atualizar status do rodapé da página e adicioná-lo como link no mapa do site, pois faz referência a cadastro de email;
- Inscrever para notificar quando o livro estiver disponível no ponto de troca;
- Adicionar *tooltip* para explicar os campos (Código da etiqueta, ISBN, ponto de troca);

- Adicionar possibilidade de compartilhamento nas redes após a atualização do status;
- Necessidade de versão mobile;

6.5 Superfície

As correções sugeridas nos testes foram iniciadas na etapa da superfície. A plataforma ganha tipografia, hierarquia, cores e contrastes mais definidos. Todas as observações foram aplicadas no protótipo final para desktop e a versão responsiva para celulares foi adicionada.

Tipografia

A escolha da fonte Capriola Regular (Figura 31), desenvolvida por Viktoriya Grabowska, se deu pelo seu caráter lúdico e orgânico. Levando em consideração a persona como um público jovem adulto, o aspecto divertido da fonte foi utilizado como atrativos nos títulos e na marca.

76

Figura 31 - Fonte Capriola Regular



A fonte utilizada no texto foi Roboto (Figura 32), desenvolvida por Christian Robertson. Roboto foi escolhida para facilitar a leitura de textos mais extensos e suavizar a leitura na web.

Figura 32 - Fonte Roboto

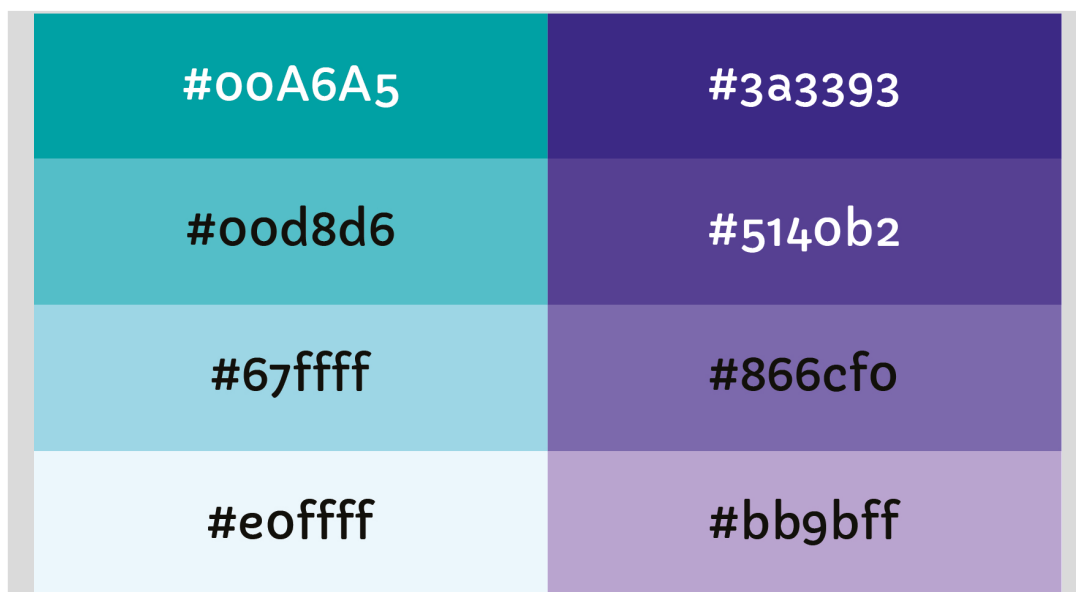


As duas famílias de fontes pertencem ao repositório do *Google Fonts*², coleção de fontes gratuitas desenvolvida por pessoas ao redor do mundo. Ademais, a escolha baseou-se nos critérios definidos por Garrett (2010). A utilização de apenas duas famílias de fonte foi importante para criar consistência e uniformidade. Para os títulos, o autor aconselha o uso de fontes de personalidade mais forte para atrair atenção e um corpo com fontes mais simples e neutras evitando cansaço para os olhos. Para a qualidade de leitura, a escolha dos tamanhos baseou-se nos critérios de Nielsen (2007). Desse modo, o corpo do texto varia entre 12pt e 14pt, abrangendo pessoas com diferentes necessidades de leitura.

Cores

A escolha das cores possui um sentido mais subjetivo. A paleta (Figura 33) possui variações análogas das cores verde e roxo. O significado associado ao verde é o de natureza, sustentabilidade. E ao roxo, criatividade e sabedoria. Apesar da combinação das cores ser um processo cultural, Heller (2013) afirma que as cores tem um significado simbólico muito forte. “A cor que, em termos psicológicos, mais contrasta com o verde é o antinatural, o artificial violeta” (HELLER, 2013). Ambas as cores representam pontos fortes no projeto por se tratar de um serviço que abrange sustentabilidade e sabedoria.

Figura 33 - Lista de cores



.....

Ilustrações

As ilustrações (Figura 34) representam a proposta inicial para alguns elementos que posteriormente podem vir a compor um conjunto de ilustrações. No presente trabalho, os elementos desenvolvidos envolvem a persona de Mariana, o livro com etiqueta, o formulário de cadastro, o marcador do mapa e a inserção de outro personagem para alcançar variedade de pessoas envolvidas no serviço compartilhado. O tom escolhido concorda com os outros elementos como fontes e cores, criando um aspecto divertido e dinâmico ao serviço colaborativo.

Figura 34 - Ilustrações



78

6.5.1 Peças desenvolvidas

As decisões fundamentais de cores, tipografia e ilustrações foram aplicadas no logo, na plataforma e nas peças gráficas, como etiqueta, marca-página e o cartaz para os pontos de troca.

Logo

Apesar de não ser objeto do projeto, a marca foi criada para representar a Biblioteca Itinerante a partir da identidade estabelecida. A marca possui dois elementos básicos (Figura 35), horizontalmente representam livros empilhados e verticalmente, os prédios da cidade. Os livros simbolizam o produto, e os prédios representam o serviço compartilhado na cidade.

Figura 35 - Inspiração da marca



A partir da abstração das imagens, o símbolo (Figura 36) foi desenhado com um aspecto minimalista de fácil reconhecimento. O desenho final remete aos livros, ao mesmo tempo que manifesta o movimento e expansão da cidade que aloca o serviço.

Figura 36 - Construção do símbolo

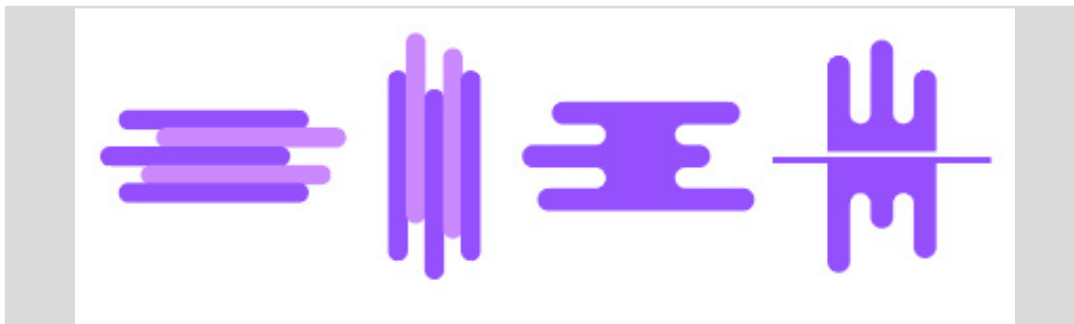
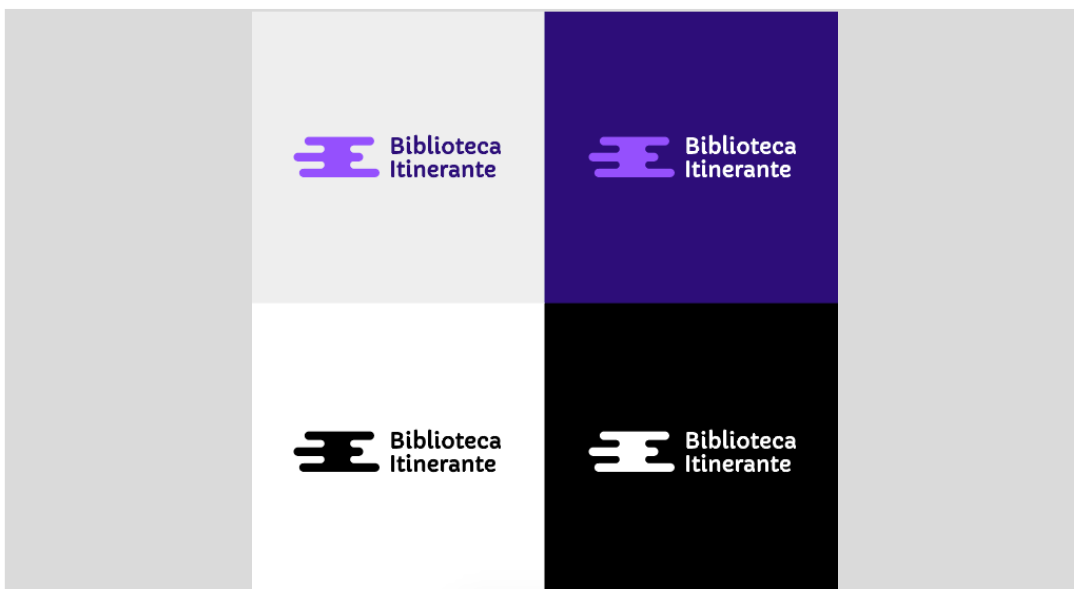


Figura 37 - Apresentação simplificada da marca



A marca (Figura 37) integra o símbolo e a fonte escolhida para o serviço, com variações dependentes do plano de fundo e de possíveis necessidades monocromáticas.

Plataforma

A superfície final da plataforma conta com a utilização harmônica das cores, contrastes, tipografia e variações de tamanho para destacar a importância e facilitar o reconhecimento dos elementos.

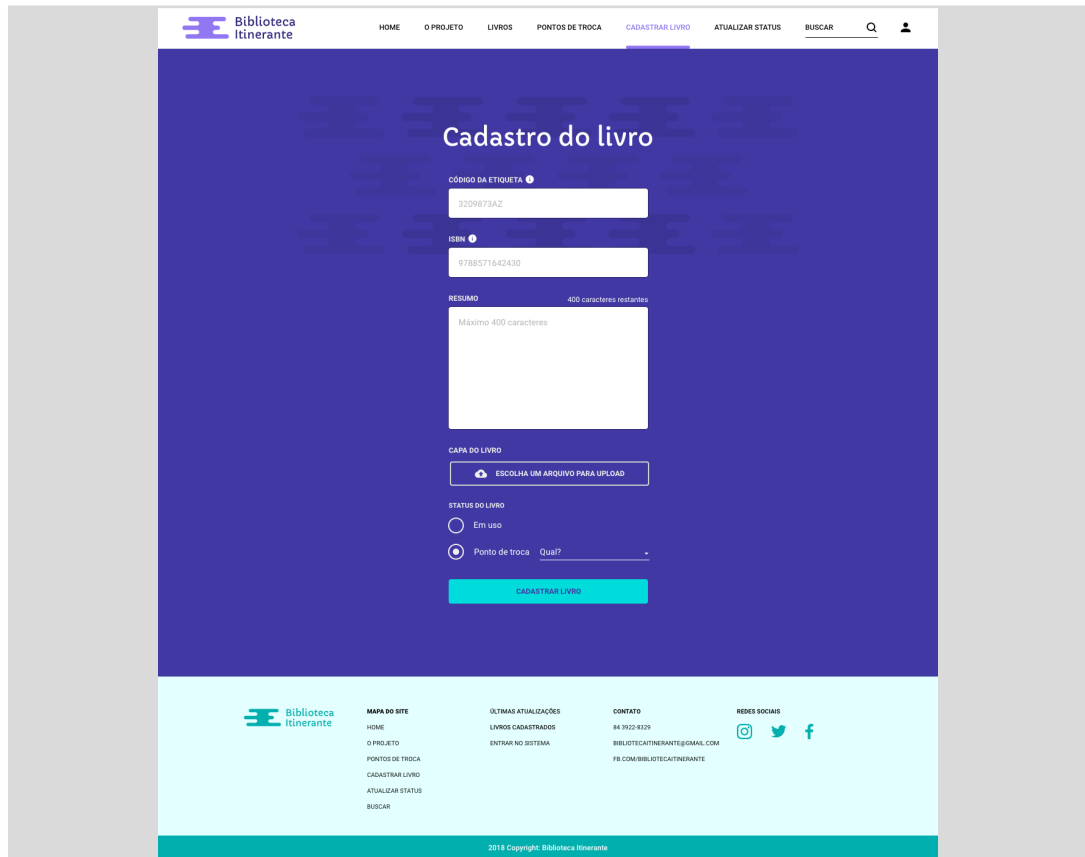
A primeira área disposta na página inicial (Figura 38), possui relevância significativa por identificar o projeto. A utilização de diferentes cores de fundo ao longo da rolagem da página obedece aos princípios de design introduzidos por Preece, Rogers e Sharp (2013), e indica semelhança. Desse modo, a semelhança das informações foi sinalizada por meio de cores e proximidade. A escolha de uma cor ainda mais escura na área de conscientização permite uma compensação visual em detrimento da localização desfavorável na página.

A página de cadastro do livro (Figura 39) e atualização do status (Figura 40) possuem um fundo escuro que evitam distrações e destacam os formulários. Pois, segundo Anderson, McRee e Wilson (2010), a imersão acontece quando o usuário está focado nas suas principais metas.

Figura 38 – Protótipo final da página inicial

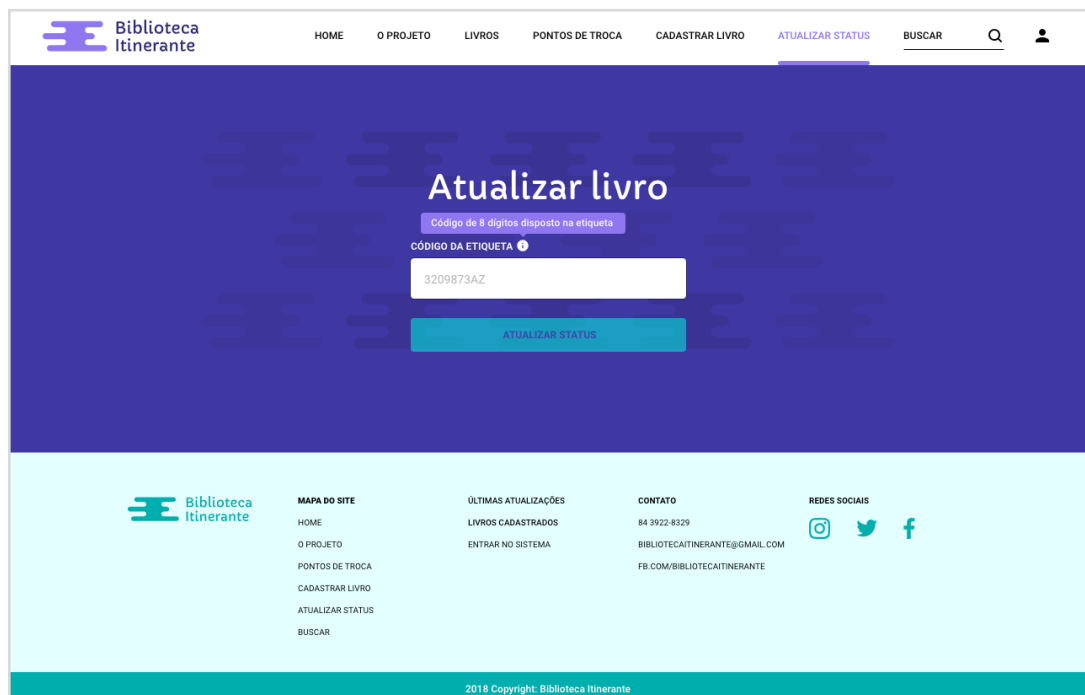


Figura 39 - Protótipo final do cadastro do livro



82

Figura 40 - Protótipo final da atualização do status (Passo 1)



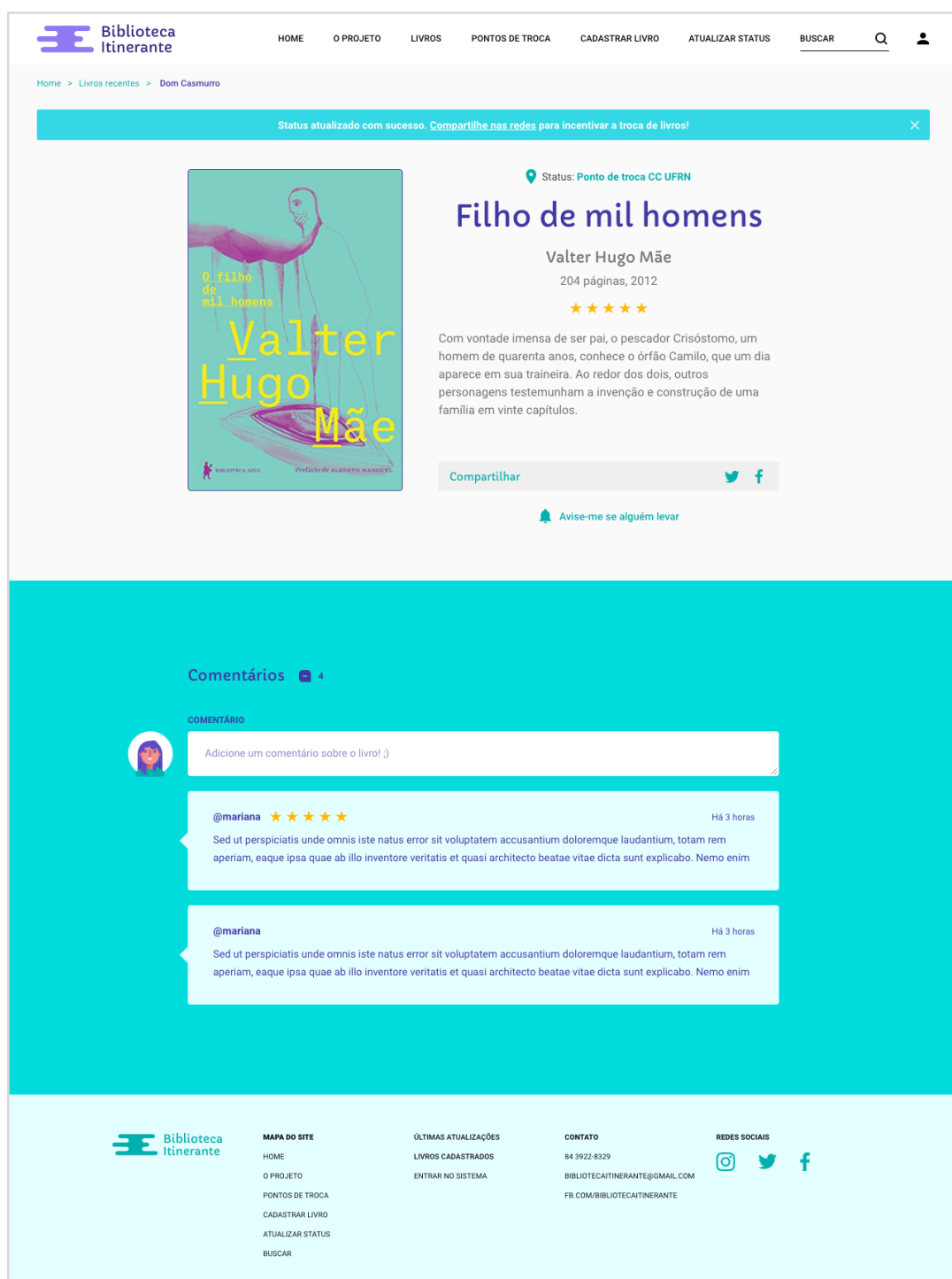
Preece, Rogers e Sharp (2013) afirmam que os sistemas interativos precisam facilitar o processo de aprendizado e evitar memorização do lado do usuário para garantir uma boa usabilidade. A partir dessa fundamentação, a adição do *tooltip* (Figura 40) permite ao usuário descansar o cursor no ícone de informação para descobrir mais detalhes sobre o campo e os dados pedidos.

Seguindo os conceitos de Preece Rogers e Sharp (2013), é necessário dar *feedback* ao usuário e restringir certas atividades. A exemplo de *feedback*: a página do livro após cadastrado ou atualizado apresenta uma mensagem de sucesso para que o usuário entenda o que está acontecendo. E a exemplo de restrição: o botão de atualizar status possui transparência (Figura 40), para identificar sua inatividade, ou seja, só é permitido atualizar o status após a inserção do código contido na etiqueta (Figura 41).

Figura 41 - Protótipo final da atualização do status (Passo 2)

O protótipo mostra a interface de usuário para a atualização do status de um livro. O cabeçalho contém o logo da 'Biblioteca Itinerante' e um menu de navegação com links para HOME, O PROJETO, LIVROS, PONTOS DE TROCA, CADASTRAR LIVRO, ATUALIZAR STATUS (destacado), BUSCAR e um ícone de perfil. O conteúdo principal, sobre um fundo azul escuro, apresenta o título 'Atualizar livro' e um campo de entrada para o 'CÓDIGO DA ETIQUETA' com o valor '3209873AZ'. Abaixo, há opções de 'STATUS DO LIVRO' com radio buttons para 'Em uso' (selecionado) e 'Ponto de troca' (com um menu suspenso 'Qual?'). Um botão 'ATUALIZAR STATUS' está desativado, aparecendo em cinza. O rodapé, em um fundo claro, contém o logo da biblioteca, um 'MAPA DO SITE' com links para todas as páginas, 'ÚLTIMAS ATUALIZAÇÕES' com links para 'LIVROS CADASTRADOS' e 'ENTRAR NO SISTEMA', 'CONTATO' com o número '84 3922-8329', o e-mail 'BIBLIOTECAITINERANTE@GMAIL.COM' e o site 'FB.COM/BIBLIOTECAITINERANTE', e ícones para redes sociais (Instagram, Twitter e Facebook). No canto inferior direito do rodapé, há o texto '2018 Copyright: Biblioteca Itinerante'.

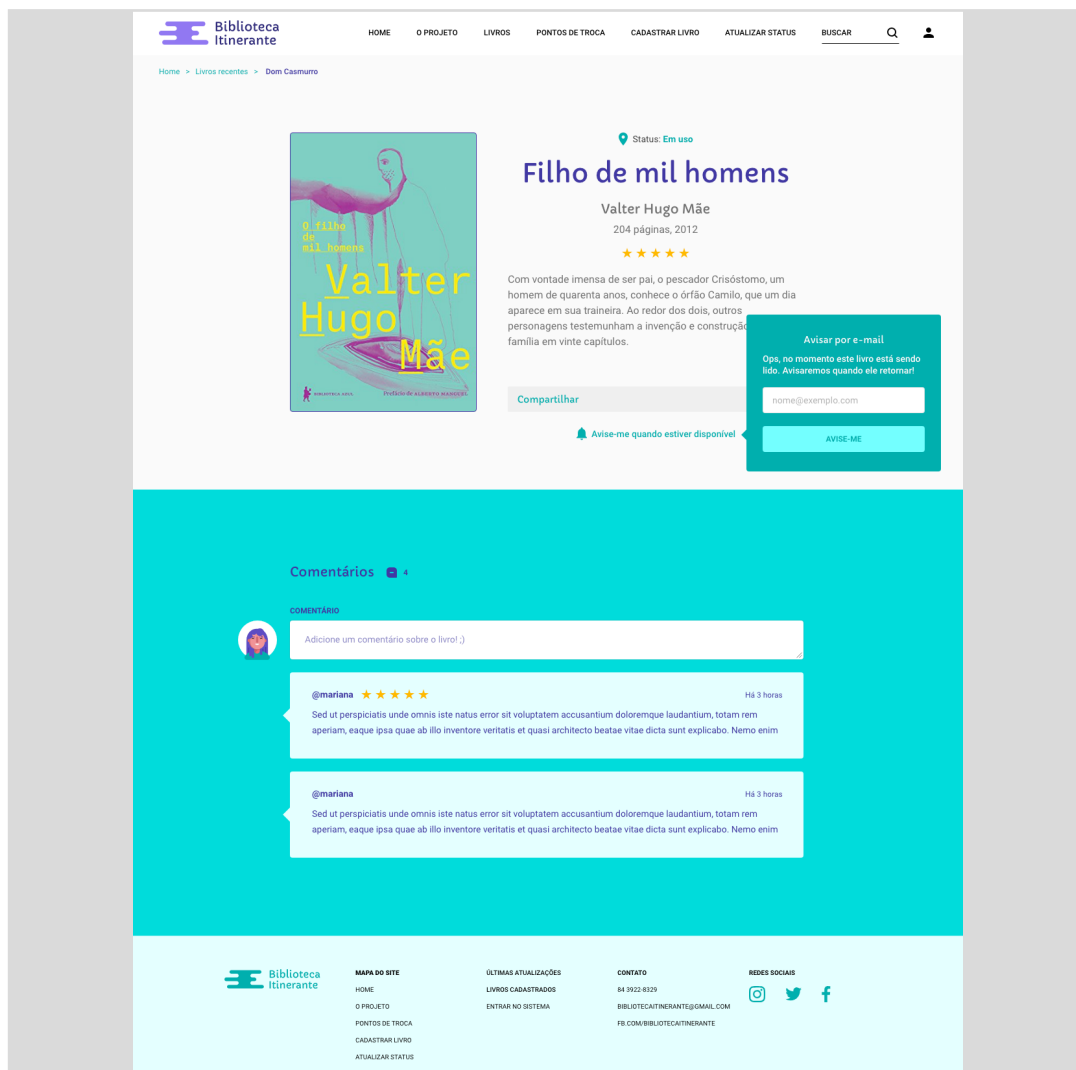
Figura 42 - Protótipo final da página do livro (Feedback)



84

No topo da página do livro (Figura 42), foi adicionado um feedback procedente do cadastro do livro ou atualização de status com uma cor de plano de fundo verde, identificando o sucesso da ação.

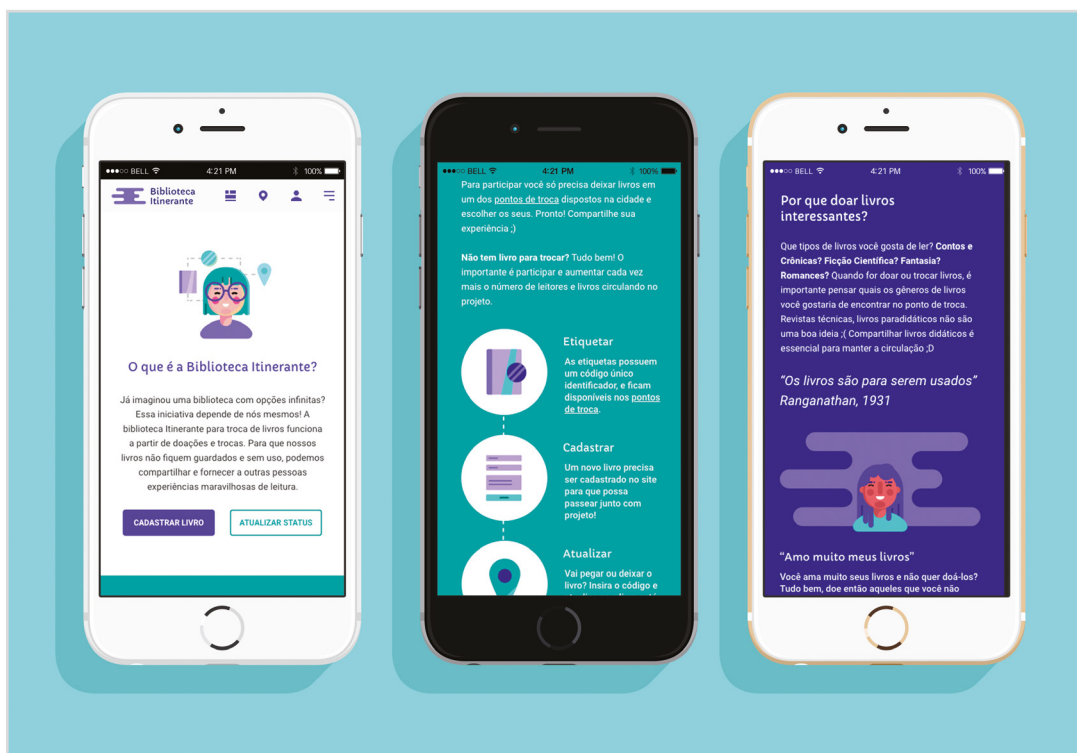
Figura 43 - Protótipo final da página do livro (notificação por email)



A página do livro possui duas seções, diferenciadas cromaticamente segundo os apontamentos de Schlatter e Levinson (2013) sobre destaque e agrupamento. A primeira diz respeito às informações do livro e sua localização e a segunda é a área de comentários. A área de notificação (Figura 43), desenvolvida a partir dos resultados das avaliações com os wireframes, é um bloco de plano de fundo mais escuro que todo o site, para sobrepor as cores abaixo com maior contraste.

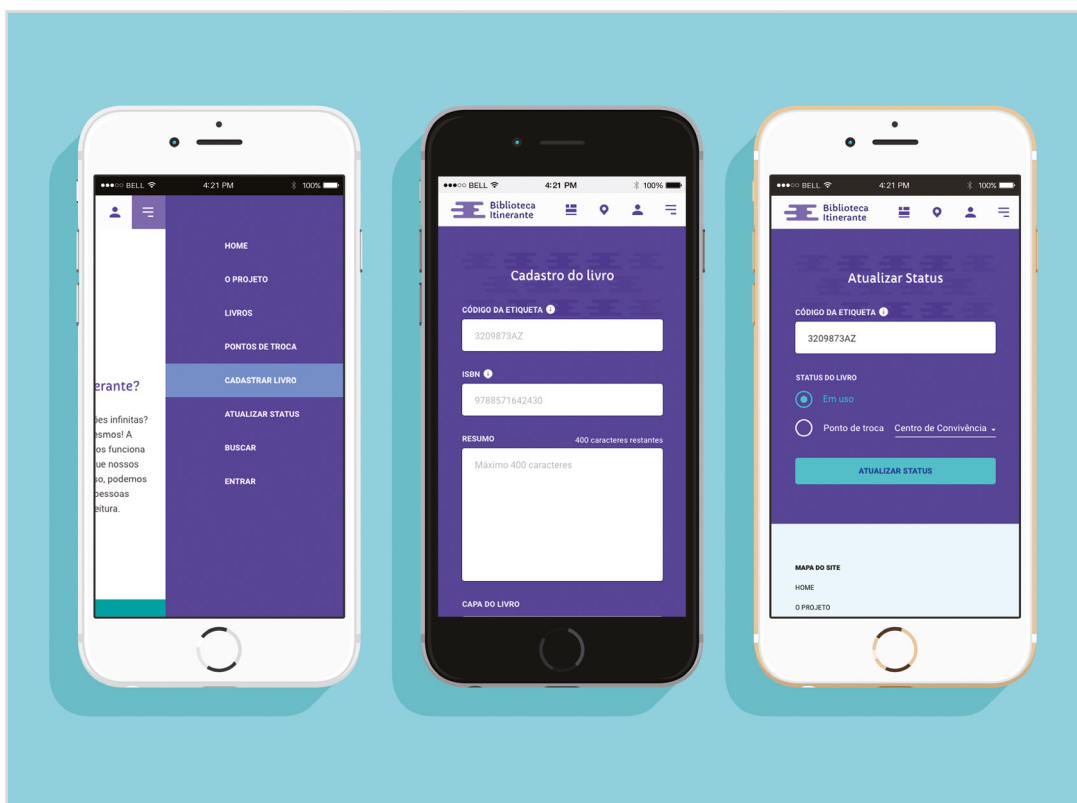
O conteúdo responsivo também foi uma necessidade percebida a partir das sugestões apontadas com a avaliação dos protótipos. Seguiu-se a mesma sequência e hierarquia do desktop, adaptando para o novo fluxo de leitura (Figura 44, 45).

Figura 44 - Protótipo final responsivo da página inicial



86

Figura 45 - Protótipo final responsivo do menu



O menu do livro (Figura 45) foi compactado, contudo as ações principais de entrar no sistema, atualizar status e cadastro do livro permanecem sempre visíveis e fixos no topo da página. Em função do espaço limitado, a utilização de ícones busca garantir o reconhecimento imediato das ações. Preece, Rogers e Sharp (2013) afirmam que esses ícones funcionam como analogias com o mundo real.

Etiqueta

A etiqueta (Figura 46) possui duas funções principais. A primeira é manter o código do identificador agregado ao livro. A segunda é criar uma marca ao livro de que ele pertence ao projeto, e portanto a todos os envolvidos no serviço de compartilhamento. O livro não possui dono, desse modo, a utilização de uma etiqueta com a identidade do projeto, age como um lembrete da responsabilidade sobre o produto (Figura 47).

Figura 46 - Etiqueta do livro (6x6cm)



Figura 47 - Etiqueta aplicada ao livro



Marca-página

88

Como sugerido pelos participantes do questionário, o ponto de troca poderia agregar itens de valor associado à leitura e ao uso do serviço. O marca-página (Figura 48) foi desenvolvido com o objetivo de facilitar a divulgação do projeto, utilizando-se da identidade do projeto.

Figura 48 - Marca-página



Além do seu cunho comunicativo, o marca-página possui uma natureza prática. Desse modo, sua utilização constante, permite ao usuário um contato mais frequente com o projeto.

Cartaz

O cartaz de divulgação e apresentação (figura 49) ficará localizado nos pontos de troca para explicar o funcionamento o projeto. Foram disponibilizadas informações sobre os outros pontos de trocas e o site para mais detalhes do projeto.

Figura 49 - Cartaz de divulgação



Considerações finais

Este projeto proporcionou um contato abrangente com diversas áreas, como Biblioteconomia, Psicologia, design de serviços, design gráfico e design de interação. O estudo das áreas, apesar de não ter sido aprofundado, mostrou como é importante analisar os problemas de forma interdisciplinar. Ao final do projeto, foi possível constatar que embora os serviços para troca de livros existam, a precariedade com que se executam e o comportamento das pessoas em relação à troca de livros ainda está longe de ser transformado. As justificativas para isso envolvem o grau de apego aos livros e a falta de títulos interessantes no ambiente de troca.

Uma vez que pretende-se que o projeto seja implementado, posteriormente a este trabalho de conclusão, não há como medir se o alcance das decisões aqui tomadas transformarão hábitos ou implicarão em alguma mudança substancial no processo de conscientização de troca de livros. No entanto, após a elaboração dos materiais, foi percebida a complexidade do projeto e a importância e a necessidade futura de demandar procedimentos isolados para cada parte. Sendo assim, o fluxo do serviço, o desenvolvimento da plataforma, o material gráfico, a marca e a identidade visual são componentes que precisam de uma atenção isolada e aprofundada.

90

De modo geral, foi possível alcançar os objetivos propostos para o TCC. Pois foi iniciado o estudo sobre o usuário, seus comportamentos e organizada a estrutura bruta do serviço e das páginas sugeridas para a plataforma. Contudo, as problemáticas encontradas ao longo do projeto nos permite considerar que a plataforma atua apenas de forma secundária para a resolução do problema. O estudo não se encerra aqui, um futuro desdobramento poderia ser verificar o comportamento do usuário diante das práticas de leitura e de apego.

Referências bibliográficas

ANDERSON, Jonathan; MCREE, John; WILSON, Robb. **Effective UI**. O'Reilly Media, 2010.

BARBOSA, Livia. Apresentação do livro *Cultura, Consumo e Identidade*. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin. (Org.). **Cultura, consumo e identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Série Arte e comunicação. Lisboa: Edições 70, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2007.

BELK, Russel W. Possessions and the extended self. **Journal of Consumer Research**, vol. 15, n. 2. Sep., 1988.

91

_____. Why not share rather than own? **The ANNALS of the American Academy of Political and Social Science**. v. 611, n. 1, p. 126-140, May 2007.

_____. You are what you can access: Sharing and collaborative consumption online, **Journal of Business Research**. 2014.

BELO, André. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BORGES, Jorge Luis. **Cinco Visões Pessoais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

CAMPOS, Arnaldo. **Breve história do livro**. Série revisão 40. Porto Alegre: Mercado aberto, 1994.

CHARTIER, Roger. **Aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998.

COELHO, Luiz Antonio. Afinando com o livro. In: COELHO, Luiz Antonio; FARBIARZ, Alexandre. (Org). **Design: olhares sobre o livro**. Teresópolis: Novas Ideias, 2010.

ESCARPIT, Robert. **A revolução do livro**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas/MEC, 1976.

FARBIARZ, J. L.; FARBIARZ, A. Do códice ao eBook: o texto e o suporte. In: COELHO, Luiz Antonio; FARBIARZ, Alexandre. (Org). **Design: olhares sobre o livro**. Teresópolis: Novas Ideias, 2010a.

FARBIARZ, J. L.; FARBIARZ, A. O entrelugar do design na interação entre o livro e o leitor. In: COELHO, Luiz Antonio; FARBIARZ, Alexandre. (Org). **Design: olhares sobre o livro**. Teresópolis: Novas Ideias, 2010b.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos se completam**, 45 ed., São Paulo: Cortez, 2003.

GARRETT, Jesse James. **The Elements of User Experience: User-Centered Design for the Web and Beyond**. Second Edition. Berkeley: New Riders, 2011.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão**. Tradução de Maria Lúcia Lopes da Silva. São Paulo, Gustavo Gili, 2013.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. Tradução de Maria da Penha Vilalobos, Lólio Lourenço de Oliveira e Geraldo Gerson de Souza. 2ª. Edição revista e ampliada. São Paulo, Edusp, 2005.

IBOPE. **Retratos da Leitura no Brasil 4**. São Paulo, Instituto Pró-Livro, 2016.

KLEINE, Susan Schultz; KLEINE, Robert E.; ALLEN, Chris T. **How is a Possession “Me” or “Not Me”?** Characterizing Types and an Antecedent of Material Possession Attachment. *Journal of Consumer Research*, v. 22. n. 3, 1995.

KLEINE, S. S., Baker, S. M. **An integrative review of material possession attachment.** Academy of Marketing Science Review, 2004.

LAMBERTON, Cait Poynor; ROSE, Randall L. **When is ours better than mine?** a framework for understanding and altering participation in commercial sharing systems. Journal of Marketing, v. 76, 2012.

SCHLATTER, Tania; LEVINSON, Deborah. **Visual Usability: principles and practices for designing digital applications.** Waltham: Morgan Kauffman, 2013.

LYONS, Martyn. **Uma história viva.** Editora Senac São Paulo. São Paulo, 2011.

MANZINI, Ezio. **Design para a inovação social e sustentabilidade.** Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

_____. **A laboratory of ideas: Diffuse creativity and new ways of doing in** MERONI, Anna (Ed.). Creative communities: people inventing sustainable ways of living. Milano: Poli.Design, 2007.

PAPANEK, Victor J. **Design for the real world: human ecology and social change.** 2 edição. Thames & Hudson: Chicago, 1984.

PERROTTI, E. **Confinamento Cultural, Infância e Leitura.** São Paulo: Summus, 1990.

PREECE, Jennifer; ROGERS, Yvonne; SHARP; Helen. **Design de Interação: Além da interação humano-computador.** São Paulo: Bookman, 2013.

RANGANATHAN, S. R. **As Cinco Leis da Biblioteconomia.** Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2009.

RICHINS, Marsha L. Special Possessions and the Expression of Material Values. **Journal**

of **Consumer Research**, v. 21, n. 3, Dec. 1994.

ROSA, F. G. M. G. Os primórdios da inserção do livro no Brasi. In: PORTO, CM. (Org). **Difusão e cultura científica: alguns recortes** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009.

SCHULTZ, S. E.; KLEINE, R. E.; KERMAN, J. B. “These are a few of my favorite things”: Toward an explication of attachment as a consumer behavior construct. In T. K. Srull (Ed.), **NA-advance in consumer research**. Provo, UT: association for Consumer Research. 1989.

SERRA, Liliana Giusti. **Livro digital e bibliotecas**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

STICKDORN, Marc; SCHNEIDER, Jakob (org.). **This is Service Design Thinking: Basics, Tools, Cases**. Amsterdam: BIS Publishers, 2010.

94 TONKINWISE, Cameron. I (love) Sustainability (because Necessity no longer has Agency). **Design Philosophy Papers**, Issue 2, 2011.

VASQUES, Rosana Aparecida. **Design, posse e uso compartilhado: reflexões e práticas**. 2015. Tese (Doutorado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

Anexo A – Projeto de Extensão “Biblioteca Itinerante para troca de livros”

Justificativa

No intuito de formar elos que estabeleçam a dinâmica da informação e das relações entre os usuários da comunidade acadêmica da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a Semana de Ciência tecnologia e Cultura, CIENTEC / 2012 foi escolhida como marco para a implantação do Projeto Biblioteca Itinerante Para Trocas de Livros.

A proposta consistia na utilização de um acervo de livros usados e que poderão ser trocados por outros, como alternativa às diferentes formas de mediação, interação, intercâmbio e disseminação da informação, contribuindo, sobremaneira, para a qualidade de vida e o desenvolvimento intelectual dos indivíduos da comunidade. Como ponto de partida para a consecução da proposta, o idealizador do projeto libertou seu acervo pessoal, constituído de 345 exemplares na área da literatura.

Em março de 2013, o projeto passou a funcionar como extensão, inicialmente, com suas ações no Centro de Convivência, em frente a Caixa Econômica, onde houve uma excelente repercussão, tanto nas trocas, quanto nos contatos de pessoas interessadas em contribuir com o projeto através de doações de materiais informacionais.

Não demorou muito para surgirem convites ao projeto, dentre eles o da Cesta Ecológica, da Diretoria do Meio Ambiente (DMA) e a Mostra de Extensão, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA). Assim, o projeto percorreu diversos espaços do Campus Universitário, permitindo a realização da grande viagem através da leitura, onde os interessados levavam livros usados, em bom estado de conservação, para a permuta por outros dos mais variados gêneros, por exemplo, romances, biografias, infanto-juvenil, etc.

Com a intensidade das trocas e doações de materiais informacionais, o acervo foi se diversificando, incorporando também os livros didáticos de nível médio e superior, atualmente, somando um total de 1300 exemplares. Sabe-se que grande parte conhecimento humano está registrado em livros nos seus mais variados formatos. A promoção à leitura, meio pelo qual se pode absorver esse conhecimento, é um item que deve ser observado com atenção por instituições educacionais e culturais, pois é a partir dela que o indivíduo pode desenvolver um senso crítico.

A ideia principal dessa proposta é de que os livros são livres e deve ser, continuamente, transferidos para outros leitores permitindo a

permanente e intensa troca de informações, ao invés de serem abandonados nas estantes, às vezes servindo como mero objeto de decoração ou, mesmo, como item de coleção. Conforme o bibliotecário indiano, Shiyali Ramamrita Ranganathan, “os livros são para serem usados”. Partindo dessa ideia, o Projeto Biblioteca Itinerante Para Trocas de Livros pretende dar continuidade com uma nova proposta que será distribuir os livros entres comunidades, pré-selecionadas, da periferia de Natal.

Como alternativa às diferentes formas de mediação, interação, intercâmbio e disseminação da informação, contribuindo, sobremaneira, para a qualidade de vida e o desenvolvimento intelectual dos indivíduos. Desta forma, o acesso ao conhecimento e, especificamente, à leitura, torna-se verdadeiramente universal.

Fundamentação teórica

A leitura é umas das atividades mais antiga da humanidade. Segundo Martins (1988), existem três níveis de leitura: a sensorial; a emocional e a racional. Quando se entende que a leitura é um ato que engloba todos os sentidos, e que se desenvolve a partir do momento que se passa a fazer uso deles, então se aceita o fato de que a leitura se inicia na vida de uma pessoa muito antes da alfabetização. Conforme Martins (1988, p. 640), “ler é compreender, é atribuir significados às palavras e ao mundo”. A leitura é a maneira pela qual o indivíduo alcança o conhecimento de mundo. Conforme Scheffer (2002, p. 553), “a leitura é entendida como a ação que aciona no indivíduo mecanismos que lhe permitiram apreender, associar e interpretar e assimilar [...]. É fundamental que atores sociais dos mais variados segmentos desenvolvam pontos de leituras que articulem estratégias que transformem pessoas comuns em grandes leitores. Ela é capaz de reduzir as distâncias e as diferenças. “Ler é somar-se ao mundo, é iluminar-se com a claridade do já decifrado [...]”. (QUEIROZ, 1999, p. 23).

Ler, antes de tudo, é descobrir e expandir horizontes, porém ler apenas como um decifrar dos sentidos dos signos parece automatismo. Deve ser encarado como um ato de prazer instigado desde a mais tenra idade por pais, professores e meios de comunicação, levando as crianças à ludicidade necessária a fim de que o gosto pela leitura esteja inserido naturalmente no cotidiano e jamais como obrigação. O objetivo disso? Futuros leitores assíduos e críticos. (SANTOS, 2006).

Sabe-se que a leitura é uma forma inteligente de lazer. Portanto, seria muito importante que a família e a escola desenvolvessem no aluno o prazer pelo ato de ler, assim, levando o livro na mais tenra idade, ajudará o indivíduo no seu desenvolvimento intelectual e discernimento crítico.

Objetivo Geral

Utilizar as Associações de Bairros para a implantação de pontos de leituras, empréstimos e trocas de livros, revistas, gibis, cordéis e outros materiais informacionais. Transformando estes espaços numa imensa biblioteca itinerante para troca de livros.

Metodologia

No intuito de formar elos que estabeleçam a dinâmica da informação e das relações entre grupos sociais evocando o intercâmbio informacional, as comunidades Planalto, Cidade Nova, Guarapes e Felipe Camarão, foi escolhida como marco para a implantação desse projeto cultural/Educacional. A aplicação prática dessa proposta consiste na utilização de um acervo de livros usados e que poderão ser trocados por outros, ou mesmo emprestados, conforme cada caso. Como ponto de partida para a consecução dessa proposta, o idealizador do projeto fará uso de um acervo composto por 1300 exemplares. Para tanto, será utilizado espaços das Associações de Bairros, onde serão criados acervos específicos que contemple a necessidade informacional dos usuários. A internet será utilizada como suporte, através das redes sociais, tais como, facebook, twitter e orkut, que servirão como meio de interação e comunicação, informando a comunidade as ações do projeto. Os livros receberão etiquetas ou carimbos com dizeres: “liberte seus livros”, “leia, comente e troque por outro”, “este livro é livre”.

97

Resultados esperados

Portanto, espera-se que esse projeto consiga maximizar a troca de ideias, levando até os indivíduos informações e conhecimentos, fortalecendo o hábito de leitura e estimulando leitores em potencial, visto que a leitura é de suma importância à sua formação.

Referências

BORBA, Maria do Socorro de Azevedo. *Interesse de leitura dos adolescentes: a contribuição da escola e da biblioteca*. Natal: EDUFRN, 1999.

COSTIN, Claudia. *Cidadania e leitura*. In: PINSKY, Jaime; CAMPOS FILHO, Cândido Malta (Org.). *Práticas de cidadania*. Editora contexto, 2004.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

MILANESI, Luis. *O que é biblioteca*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

QUEIROZ, Bartolomeu Campos. *O livro é passaporte, é bilhete de partida*. In: PRADO, Jason; CONDINI, Paulo. *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.

98

SANTOS, Marcus Vinícius Machado dos. *A leitura como prática cotidiana e motivacional: da infância ao crescimento intelectual e discernimento crítico*. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.11, n. 1, p.29-37, jan./jul., 2006

SHEFFER, Eliane Maria Kronhardt. *Fortalecendo elos, transformando cidadãos: as relações entre biblioteca escolar e a comunidade: o estudo da biblioteca Lourenço Filho em Porto Alegre, RS*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS, CENTROS DE DOCUMENTAÇÃO E MUSEUS. São Paulo, 17 a 22 de março de 2002.

Apêndice A – Entrevista com Rilder Medeiros, Coordenador do projeto Casa das palavras

Realizada: 27 março de 2018, utilizando o Google forms

1. Como e quando surgiu a ideia do projeto? Qual foi a motivação?

O projeto Casa das Palavras foi desenvolvido a partir de uma ideia que nasceu nos Estados Unidos chamada Little Free Library, cujo objetivo principal era facilitar e estimular o compartilhamento de livros entre as pessoas

2. Houve a necessidade de investimentos? Como foram obtidos esses recursos?

A Casa das Palavras foi enquadrada como projeto cultural na Lei Câmara Cascudo. A partir daí buscamos participar de editais que fomentam a cultura através de patrocínio. O projeto recebe hoje o patrocínio da Cosern, Claro e Net, além do Governo do RN, através da Lei Câmara Cascudo. Em Natal, ele é patrocinado pela Unimed e Prefeitura do Natal, através da Lei Djalma Maranhão.

99

3. Como se dá a divulgação desse projeto?

Apesar de utilizarmos mídias tradicionais, como rádio e carros de som, a divulgação é feita principalmente através das redes sociais

4. Quantas pessoas estão envolvidas no projeto e qual o papel de cada uma delas?

Na coordenação e produção participam 8 profissionais de forma permanente. No desenvolvimento do projeto e execução das ações são contratados marceneiros, operadores de som e luz, motoristas, além de palestrantes, e diversos artistas, como escritores, poetas, músicos, atores, mamulengueiros, grafiteiros e etc.

5. Existe um horário de funcionamento do projeto? Qual é?

A equipe de coordenação e produção trabalha rotineiramente das 8h às 17 horas. Em dias de atividades, o horário se amplia até as 22 horas. As minibibliotecas funcionam 24 horas, sete dias por semana.

6. Como começou o acervo inicial?

O acervo começou a partir de doações feitas pelos próprios participantes do projeto.

7. Como se dá o sistema de troca ou doação? Existe um incentivo?

Como é feita essa divulgação?

A troca ou doação de livros acontece de forma espontânea com pouco, ou quase nenhum, controle. Os livros podem ser deixados e retirados diretamente em qualquer uma das quase 50 minibibliotecas já instaladas no Rio Grande do Norte.

8. Existe algum sistema de controle do acervo? Como ele funciona?

Como disse, a partir do momento que o livro é deixado numa casinha, não há mais controle sobre esse acervo.

9. Existe algum catálogo de obras de fácil consulta? Como funciona?

Não existe catálogo

100

10. Existe comunicação ou pedidos de livros e outros de pessoas da comunidade para o projeto? O que eles pedem?

Semanalmente há demandas de pessoas pedindo que levemos o projeto Casa das Palavras para sua comunidade. Os pedidos são feitos através do site do projeto e alguns deles acabam sendo atendidos. A maioria quer a instalação de uma minibiblioteca.

11. Existe algum gênero que tenha mais saída?

Nós pedimos aos doadores que priorizem literatura em geral e evitem livros didáticos.

12. Existem processos para manutenção do acervo e do mobiliário?

Como se dá essa manutenção?

Regularmente fazemos campanha para doação de novos livros. O projeto também conta com recursos específicos para compra de obras literárias produzidas no Rio Grande do Norte.

13. O projeto participa / participou de eventos literários? Como se dá essa participação?

Participamos da Feira do Livro de Mossoró e da FLiQ em Natal. A participação se dá com ações de estímulo à troca de livros, bem como de valorização da literatura potiguar.

14. Quais são as maiores dificuldades dentro do projeto?

Um maior engajamento das pessoas. Muita gente ainda busca as bibliotecas apenas para retirar livros. Encontrar doadores é sempre mais difícil.

15. Acha que algo não funciona no projeto? O quê?

Precisamos de um maior despertar das pessoas em torno da economia compartilhada. Um livro que é retirado, lido e devolvido pode passar pelas mãos de milhares de leitores.

16. O que poderia melhorar no projeto?

Precisamos conquistar ainda mais corações em torno da importância do projeto.

17. O seu projeto se diferencia de outros projetos de doação e troca de livros? Qual o diferencial?

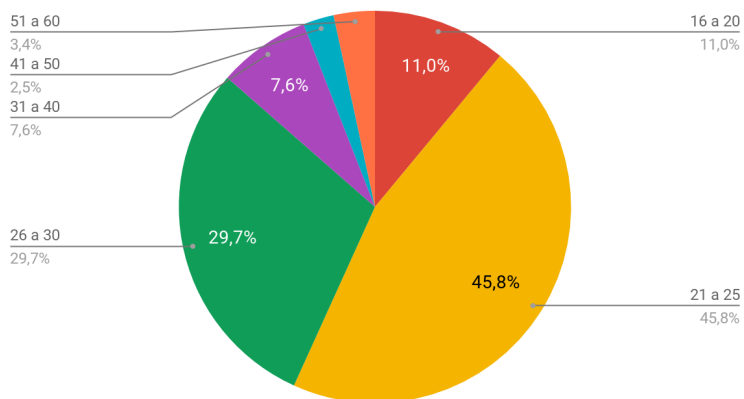
O principal diferencial é que ele não se limita à troca ou doação de livros. O projeto leva livros para lugares onde não existe livrarias ou bibliotecas. E os livros não a esses lugares sozinhos. Eles vão abrigados por uma linda e colorida casinha de madeira. Os livros chegam compartilhando cultura e arte com a população, através das oficinas e apresentações teatrais.

Apêndice B - Dados sistematizados do questionário

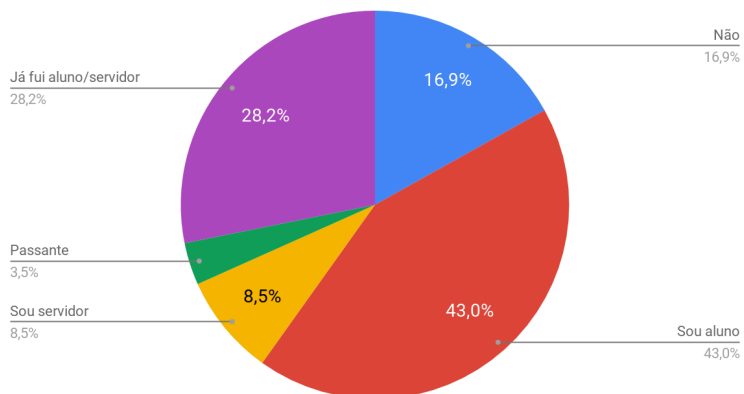
Realizada no período de 29 e 30 de abril, com uma amostra de 102 pessoas, utilizando o *Google forms*.

102

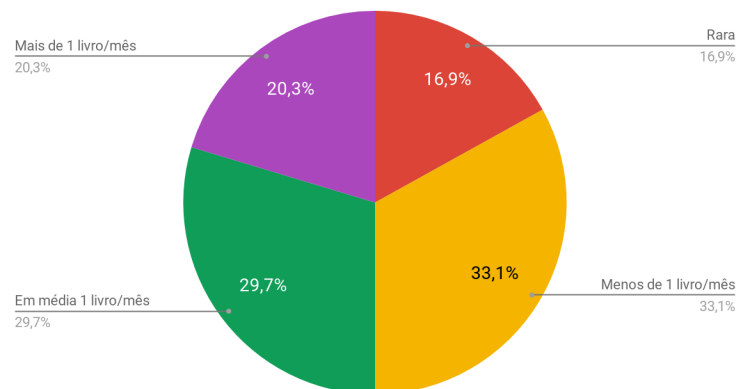
Faixa etária



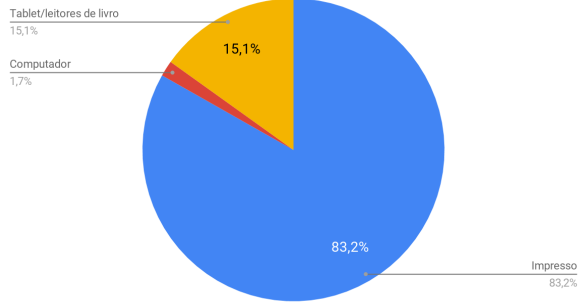
Frequenta a UFRN? O que fez/faz lá?



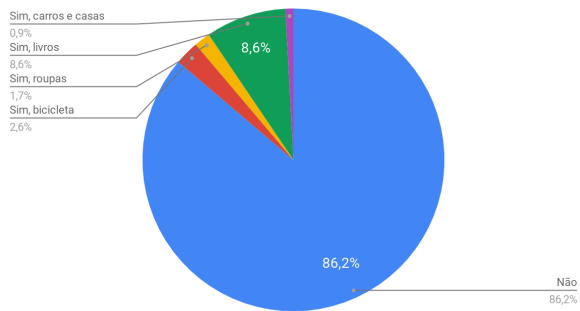
Frequência de leitura



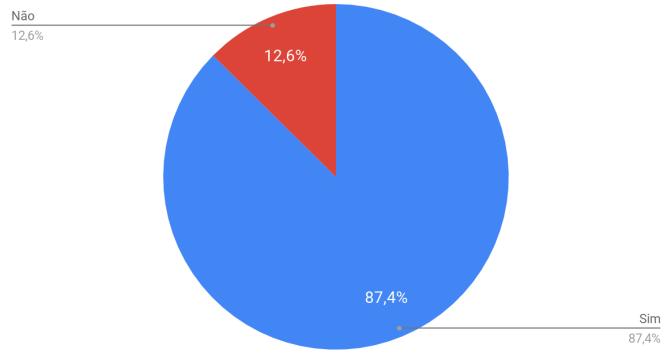
Suporte de leitura



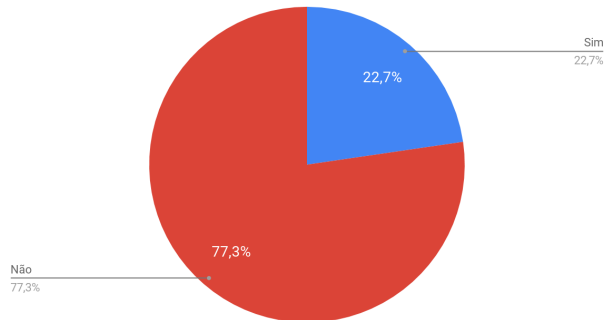
Participou de serviços de compartilhamento?



Já doou livros?



Conhece serviços de troca de livros na cidade?



Serviços de compartilhamento e experiências:

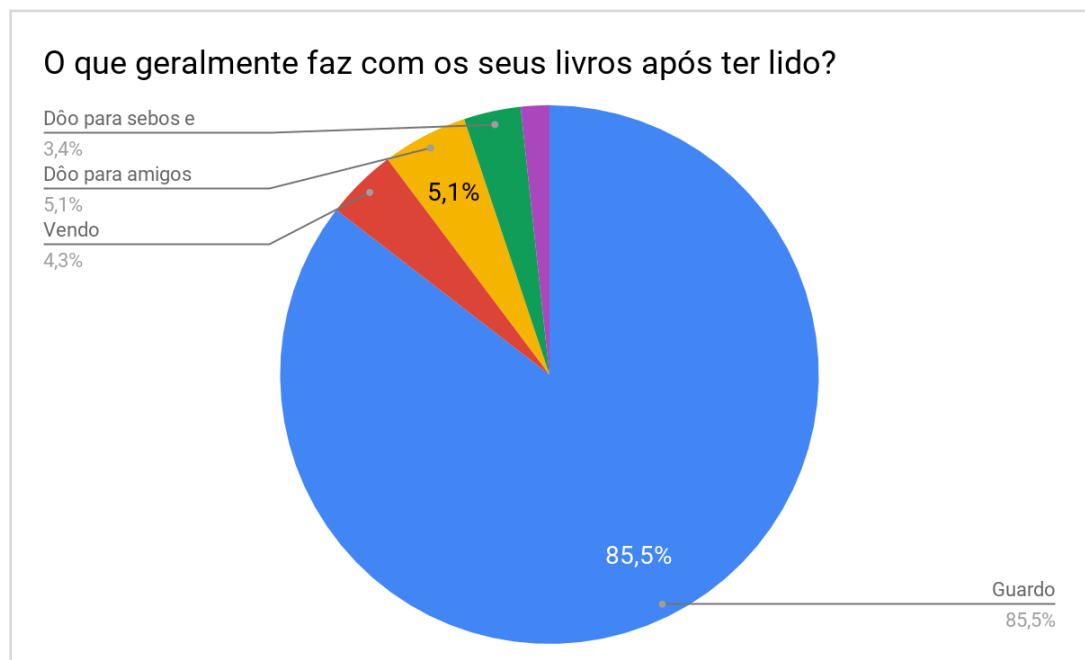
- Roupas
- Livros (grupos de redes sociais e afins)
- Carros
- Casas
- Bunz
- Passei direto

*Dos que já participaram, a maioria diz ter tido experiências positivas.

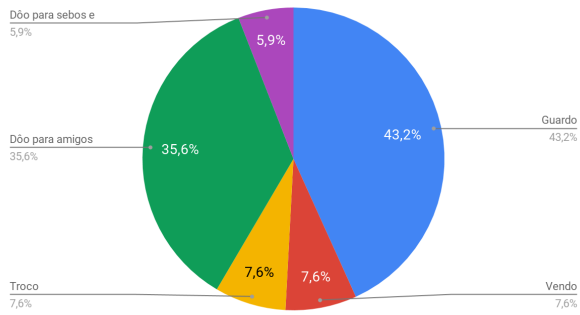
Dos serviços de compartilhamento de livro citados:

- Casa das Palavras
- Geladeiras
- Pouco citados
- Ninho de livros
- Sebo desapego
- LivraLivros

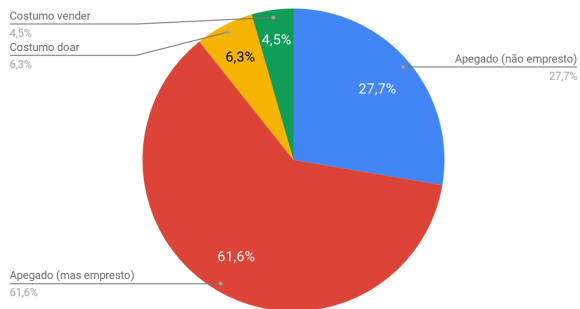
104



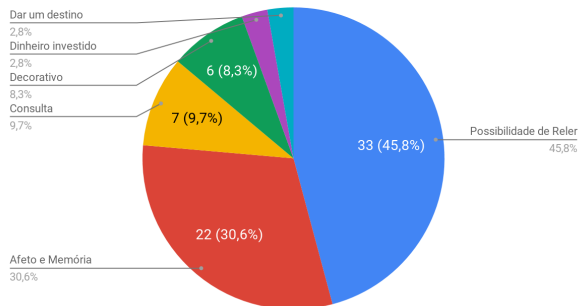
Quando ganha um livro que não pretende ler, o que faz com ele?



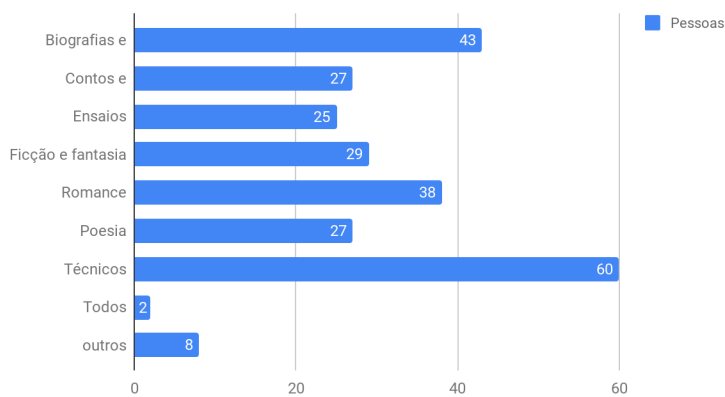
Relação com os livros



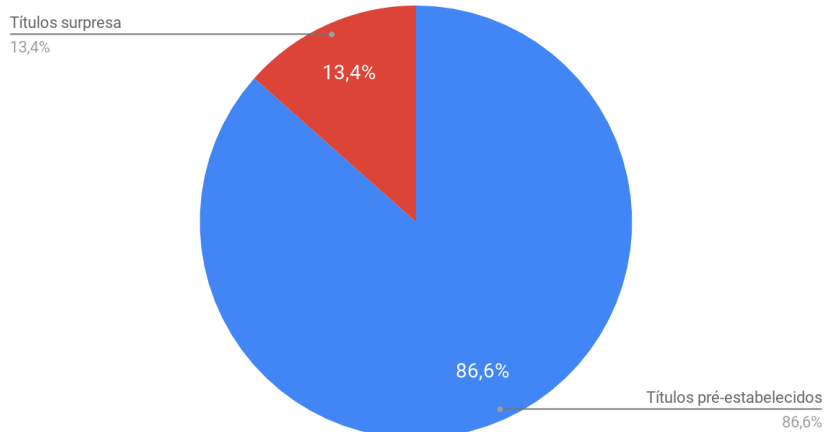
Maior dificuldade ao pensar em desapegar de um livro?



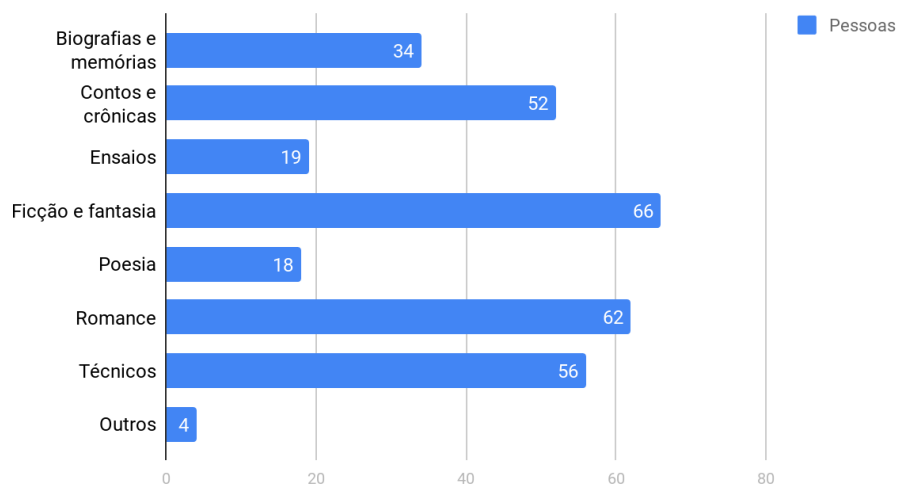
Que tipos de livros acha mais fácil desapegar?



Se for trocar livro, prefere trocar por:

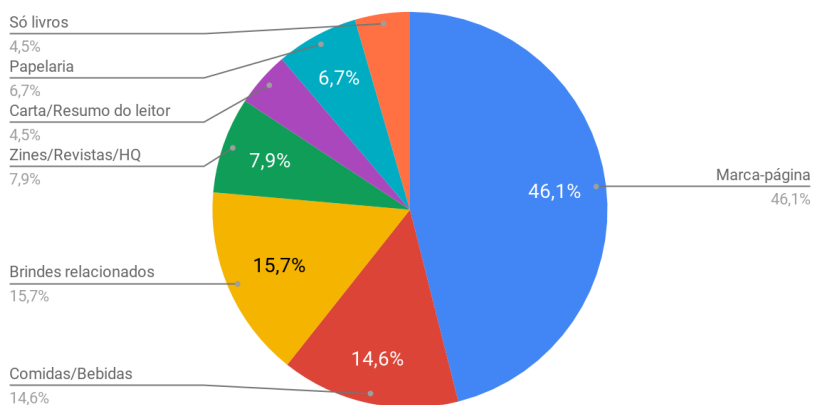


Que tipos de livro buscaria em um serviço de trocas?

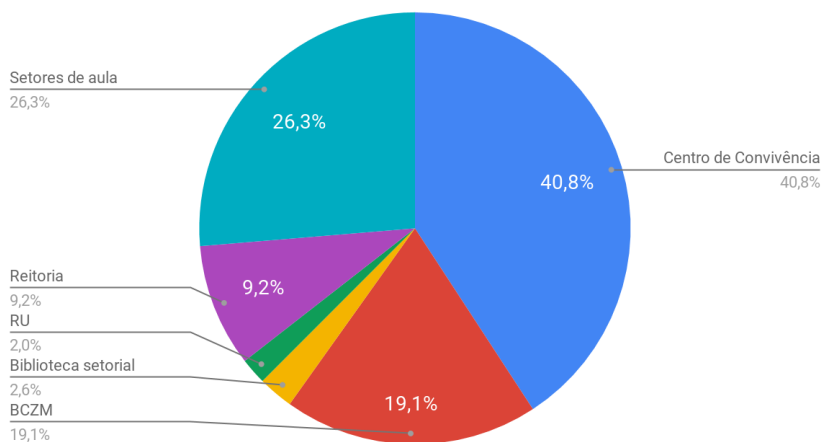


106

Que tipo de produtos acharia interessante acompanhar os livros em um ponto de troca de livros?



Quais locais consideraria bons pontos de troca na UFRN?

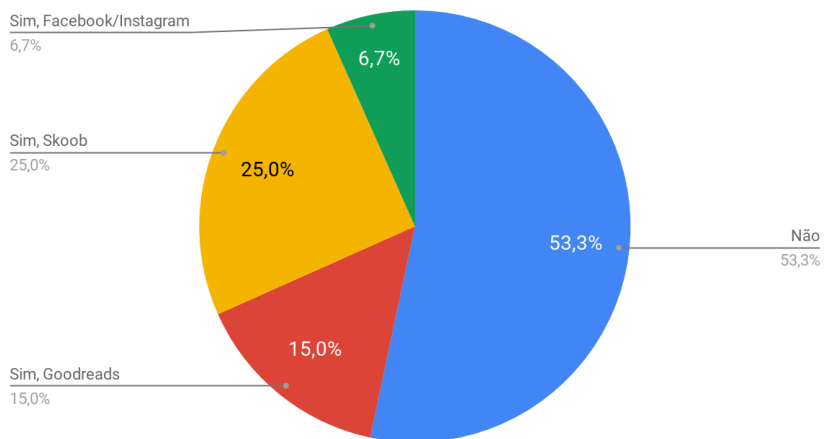


O que te motivaria a ir em um ponto de troca?

- Livros interessantes/relevantes
- Saber quais livros estão disponíveis
- Variedade de livros
- Recomendações

107

Você utiliza alguma rede social relacionada a livros?



Pontos positivos das redes:

Skoob: conhecer novos títulos, resenhas e opiniões, ver hábitos dos amigos, conhecer leitores, organizar leitura,

Goodreads: histórico, recomendações, opiniões, hábitos dos amigos, organizar leitura, acompanhar meta anual

Apêndice C – Transcrição da entrevista com Raimundo Muniz

Realizada: 15 março de 2018, na Biblioteca Central Zila Mamede da UFRN.

Tempo de duração: 40 minutos

1. Como e quando surgiu a ideia do projeto? Qual foi a motivação?

A ideia surgiu em Salvador. Eu estava em um mestrado na UFBA, e conheci o projeto “Livro Livre” que foi fundamentado no bookcrossing, projeto americano que expandiu para mais de 130 países. Quando eu voltei do mestrado tive a ideia de libertar os meus livros. Primeiro eu pensei em fazer o livro livre mesmo, libertar os livros, mas aí eu disse, se eu libertar vai se dispersar rapidamente. Foi quando surgiu a ideia da troca. Eu pensei, então vou propor a troca para manter o acervo.

2. Houve a necessidade de investimentos? Como foram obtidos esses recursos?

108 Não, eu tinha um certo gasto. Quando eu me deslocava, tinha que usar meu carro. Eu gastava um pouco, gastava com hospedagem quando ia para fora, Parnamirim, Pipa, com almoço e hospedagem. Começou como iniciativa própria e depois inscrevi como projeto de extensão. Continuei assim, autônomo, e os gastos foram por minha conta.

3. Como se dá a divulgação desse projeto?

Eu uso facebook, só o facebook. Agora é claro, evidente, houveram algumas reportagens: Tribuna, Jornal de Hoje, a Comunica, Rádio FM, eles que vieram atrás.

4. Quantas pessoas estão envolvidas no projeto e qual o papel de cada uma delas?

Quando ele se transformou em projeto de extensão, haviam dois bolsistas, depois surgiram alguns voluntários, três voluntários. Durante um ano ficou assim. Depois eu novamente sozinho. As tarefas maiores: arrecadar os livros, selecionar os livros e ir de encontro aos pontos. A ideia é criar pontos fixos, como fiz em Pipa, no Centro de Convivência. Atualmente, estou alimentando o acervo de uma biblioteca comunitária na Praia de Pirangi, na Prainha.

5. Existe um horário de funcionamento do projeto? Qual é?

Durante o dia todo. O de Pipa, por exemplo, ele é no espaço aberto durante o dia todo. Em Pipa também agora um na praça, mas não sei se na praça continuou. A última vez que fui participar do evento: Flipaut, durante 5 dias, na praça. Só que esse ano, meu pai faleceu no segundo dia, aí deixei o acervo lá. Então eles criaram esse ponto fixo, mas não estive mais lá depois disso. Mas quando terminou o evento, eles pegaram o acervo e criaram tipo a geladeira, fizeram com um móvel de madeira.

6. Como começou o acervo inicial?

Começou com o meu acervo. Eu tinha 355 exemplares de literatura, biografias, infantil, tudo. A ideia seria doações como na Bahia, lá recolhia doações e aplicava pro projeto. Quando eu cheguei aqui, eu tive dificuldades com as doações, porque todo mundo dizia que amava os livros e não ia doar. Refletindo, cheguei a conclusão que eu também amava os meus livros e mantinha-os aprisionados, apesar de já praticar os empréstimos entre os amigos. Foi quando tive a ideia de pegar todo o meu acervo e doar. Como eu tinha um acervo com bons livros, não foi difícil ocorrer as trocas, exceto com as pessoas que não tinham o que trocar, pois a estas pessoas eu aplicava um pequeno questionário para saber se elas estavam lendo, ou por que não tava lendo. Se o caso de não estar lendo fosse a falta de um livro, ela poderia escolher qualquer um no acervo, que já ficava como moeda de troca.

7. Como se dá o sistema de troca ou doação? Existe um incentivo?

Como é feita essa divulgação?

Atualmente as pessoas me procuram. E também estou tendo um parceiro oficial que está sendo muito bom, que é a própria BCZM. Depois do pedido da Reitora para manter o ponto do centro de convivência, a comunicação foi feita ao ouvidor, que de imediato solicitou minha colaboração, após alguns meses fazendo uso de uma mesa para expor os livros, ganhamos uma geladeira personalizada por alunos do Curso de Artes. Depois disso eu firmei uma parceria com a BCZM, pois o acervo deve ser desenvolvido e renovado a cada dia, não deixando nunca deixar ficar sem livro. No começo era só levar, levar, levar, aí eu comecei a deixar cartazes com os dizeres “exercite sua consciência literária, leve um e deixe um”. Inclusive existem transeuntes que só querem levar, eu já identifiquei um e falei

com ele pessoalmente. Eu estou lá toda hora, pela manhã, tarde e noite para acompanhar o projeto. O do centro de convivência fica 24 horas. A gente tinha só a mesa. Foi lançada uma praça em homenagem a um servidor que foi assassinado, o motorista da reitora. Ela criou essa praça em homenagem a ele, e implantou essa geladeira. Quando implantaram, ela já pediu a segunda pro centro de convivência. Os alunos do departamento de Artes que pintaram. Eu vou lá de vez em quando, quando cheguei lá encontrei a geladeira cheia de água com o acervo todo danificado, a chuva molhou porque não está coberto e também não tem esse acompanhamento, então praticamente não funciona. Recentemente um aluno do Curso de Biblioteconomia realizou uma pesquisa observando projetos semelhantes, identificando que o único que está funcionando como deve é o meu, na universidade, porque os outros as pessoas levam e não deixam, ou então não estão mais participando porque quando chega lá não tem nada de interessante. Então tem que haver esse controle do acervo, mas não é o controle do acervo, é manter o acervo para quando a pessoa for, encontrar algo.

110

8. Existe algum sistema de controle do acervo? Como ele funciona?

O controle não há, mas como estou aqui próximo, eu vou duas três vezes durante o dia para organizar, porque ele bagunçado não atrai. As pessoas usam e desorganizam o acervo, por isso estou presente durante os três turnos, organizando e inserindo, gradualmente, para sempre manter o acervo organizado. Revistas? Separo as revistas dos livros. Literatura de acadêmicos de revistas de infantil segundo as regras da biblioteconomia.

9. Existe algum catálogo de obras de fácil consulta? Como funciona?

Não. Em relação a divulgação do projeto, existe uma página específica do projeto que é o “Troca de Livros Itinerante” no facebook, onde estou sempre divulgando com os dizeres “acervo renovado”, “traga um e leve outro”.

10. Existe comunicação ou pedidos de livros e outros de pessoas da comunidade para o projeto? O que eles pedem?

Sim, pedem. Infelizmente poucos são atendidos, porque os que pedem nem sempre temos disponível. Nesses casos anoto o nome das pessoas, se por acaso o livro aparecer, entro em contato com a pessoa. Algumas vezes fiz esse tipo de atendimento.

11. Existe algum gênero que tenha mais saída?

Aqui dentro do Campus, tudo que coloca ali, circula. Eu levo o acervo conforme a comunidade, faço um estudo. Por exemplo, eu vou pra Pipa, aí eu levo só literatura. E levo também, além da literatura brasileira, literatura estrangeira por causa do ambiente: inglês, francês, espanhol, porque tem outros públicos, e na certeza de que esse público talvez não tenha o que trocar, mas mesmo assim eles levam. Ninguém fica sem levar o livro, caso não tenha um para a troca. Em pipa por exemplo eu vou com mil livros, volto sem nada, porque são pessoas que estão passeando.

12. Existem processos para manutenção do acervo e do mobiliário?

Como se dá essa manutenção?

Toda vez que eu vou, 2 ou 3 vezes ao dia, sempre tiro os lixos. Tem muita coisa rasgada, pó dos livros. Mas faço isso sozinho mesmo, pego um guardanapo. Quando colocam lá sem ser pessoalmente, eu vou selecionando, pego coisa desatualizada, rasgada, com mofo, molhada, e tiro. Eu sempre procurando manter o acervo atrativo.

13. O projeto participa ou participou de eventos literários? Como se dá essa participação?

Ele participou em Parnamirim em um grande projeto, “O rio que flui para o mar da leitura”. Eu já fui umas três vezes, a gente nota a diferença de como existem leitores, identifico bastante leitores em Pipa e Parnamirim, pessoas que gostam de ler mesmo, desde criança a idosos. Outro evento é em pipa, desde 2013 no Flipaut, já na Cientec/UFRN, todo ano participo. Inclusive, foi nesse ambiente que o projeto foi lançado. Sempre que há uma participação da Biblioteca Centra/UFRN levamos livros junto com o jogo de xadrez, inclusive a diretora pensa em implantar aqui dentro da biblioteca. Já é notório que o xadrez potencializa a mente mesmo essa mente estando cansada de estudo, então isso inserido na biblioteca seria muito bom para o aluno descansar. O xadrez trabalha um outro lado do cérebro, e nesse momento acadêmico, você passa 2 horas lendo e cansa. Jogando você esquece um pouco o lado acadêmico, se diverte, mas ao mesmo tempo está dando poder a sua mente. As pessoas jogam na Cientec, é tão atrativo, você nem imagina, se ele for enxadrista ele senta logo, se não for, ele senta para aprender.

14. Quais são as maiores dificuldades dentro do projeto?

A maior dificuldade ainda é o transporte, se eu tiver de carro eu vou, se eu não tiver não dá pra levar.

15. Acha que algo não funciona no projeto? O quê?

O que não funciona é a troca que não está ainda 100%. Levam mais do que deixam. Aí por isso que tenho ter esse cuidado. Falta essa consciência das pessoas de não aprisionar novamente o livro.

16. O que poderia melhorar no projeto?

Distribuir mais pontos. Isso já está acontecendo porque a reitora se preocupou. Mas eu fui atrás de muitos espaços e não consegui. Eu sozinho não consegui. Quando ela pediu, no outro dia estava lá. Mas só a mesa não resolvia o problema. Se a pessoa disser eu tenho um espaço, eu faço de tudo para que o livro chegue lá. Eu vou buscar o livro em todos os lugares, sempre tenho livro.

112

17. O seu projeto se diferencia de outros projetos de doação e troca de livros? Qual o diferencial?

O diferencial é esse acompanhamento, que nenhum tem, eu faço com prazer mas preciso de tempo para isso. Eu gosto de acompanhar, porque só disponibilizar não é tudo, tem que identificar leitores em potencial por exemplo. Tem muita gente que eu cativei assim, “não gosto de ler não”, então leve essa revista aqui. Tem que incentivar. E outra coisa que é interessante, além de você acompanhar, é tentar identificar locais que você possa levar, por exemplo, uma escola. Sempre cativando alguém para que esse projeto possa ser feito por qualquer pessoa. Alguém quer fazer isso em Parnamirim, eu faço a doação acervo inicial, mas se você não acompanhar ele vai sumir hoje mesmo. Mas se acompanhar e conscientizar, não vai faltar livro, porque sempre tem livro em casa, porque isso é questão de cultura. A gente vê em outros países que tem metrô em estações de trem e ônibus, e os leitores de lá eles não pensam em levar os livros pra casa, a não ser que queira continuar a leitura. Se ele leu e não gostou, na próxima estação ele deixa. Então é uma questão muito cultural, que aqui no Brasil começou em 2007. Com mais intensidade foi depois do bookcrossing, que as pessoas viram que é fácil fazer.